

as circumstanciar e só diremos que reunidos no palacio de Galiana em Toledo ao cabo de sete semanas, de um lado o rei Affonso, o Cid, e todos os condes, ricos-homens e infanções que para isso haviam sido convidados; e do outro os infantes com os seus partidarios: depois do Cid lhes lançar em rosto a sua cobardia e traição lhes exigiu a entrega não só das duas boas espadas *colada* e *tiron* que lhes havia dado, mas tambem dos 3:000 marcos com que os beneficiára na saída de Valencia,—a que elles satisfizeram. Depois os amigos mais intimos do Cid—Pedro Bernuez, Martin Antolinez e Nuno Gustioz tomando parte neste debate accusam os infantes de cobardes e traiçoeiros, e porque elles infantes haviam ditto que abandonaram e trataram assim as filhas do Cid por que pelo seu nascimento se tornavam indignas de serem suas esposas, d'alli os reptam para se desdizerem em um combate. Com effeito o rei deixou a decisão á sorte do combate, que a pedido dos infantes foi deferido para d'ahi a tres semanas nas terras de Carrion. Neste momento entram na sala embaixadores pedindo ao Cid, com apazimento de D. Affonso, as filhas em casamento para os infantes de Navarra e Aragão;—o que lhes foi concedido (1).

Dahi a tres semanas effectivamente marchou o rei para as terras de Carrion para presidir ao combate, os tres que por parte do Cid se apresentaram, em combate singular, venceram os dois infantes e a Azur Gonzalez seu partidario que os quiz sustentar. Os arautos do rei proclamaram a victoria, dos campeões do Cid que foi em Valencia festejada junctamente com os consorcios que acabaram de desafrontar a honra de Rui Diaz de Bivar, unindo ao mesmo tempo o seu sangue ao mais extremado das Hespanhas.

(1) Um romance antigo castelhano diz que a filha mais velha—D. Elvira fora pedida por Ramiro de Navarra, e a mais nova D. Sol por D. Pedro d'Aragão para seu filho D. Sancho.

Tal é a acção d'este poema de cujo merecimento, metrificacão, linguagem, e antiguidade diremos alguma coisa.

(Continuar-se-ha.)

A. X. R. Cordeiro.

RELOJOS ELECTRICOS.

Mr. Brain conseguiu fazer relos electricos: eis o modo porque elle construiu um em casa de Mr. Finlaison.—Ao N. E. da casa colloca duas laminas una de zinco outra de cobre, de um pé quadrado, atravessadas e suspensas por um arame, que ia ter ao pendulo, e dahi ao relajo: do lado de S. E. da casa, a 4 varas de distancia, estava ardendo carvão de pedra em uma cova de 4 pés de fundura, e do meio do carvão saia outro arame fixo, que atravez de uma janella ia unir-se ao primeiro no relajo. A corrente desenvolvida era sufficiente para dispensar a força motriz, e apenas o simples maquinismo de duas rodas bastava para o relajo marcar as horas.

INDIGESTÕES

Reid, doctor inglez, publicou um trabalho sobre as funcões respiratorias e digestivas, onde pretende provar que as perturbacões ou indigestões que seguem os grandes jantares, provem não da quantidade de comidas, mas da viciação do ar no logar do jantar, e affirma elle, fundado em experiencias que *por mais que se coma* de diversas ignarias n'um logar em que haja corrente d'ar não se lhe segue indigestão.

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA E DE ESTADISTICA.

Recebemos um exemplar da nova edição dos *Elementos de Economia Politica e Estadistica* do Sr. Adriaõ Pereira Forjaz de Sampaio, e no proximo N.º daremos um juizo critico d'este novo trabalho de tão insigne Economista.

RESUMO DE PRELECCÖES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 122)

V.

Coagulação do sangue.

1.^a Lançámos em um vaso uma onça de sangue de um cão, principiou a coagular um minuto depois de extrahido da veia: passada uma hora notámos que o soro se separava; e ao cabo de 24 horas occupava a parte superior; — o coagulo era formado de duas camadas: uma superior de côr escarlata, e outra inferior arroxada, e muito menos consistente.

2.^a Misturámos o sangue com a seguinte dissolução —

Agua commum meia onça.

Extracto de Quina . . . quatro gr.

e coagulou 2 minutos depois de extrahido: — o soro separou-se em menos de 3 quartos de hora, — a superficie offerecia pontos escuros, que se reuniam em uma mancha central, — o coagulo era mais escuro e consistente do que o antecedente, e em seu interior se observavam pontos semelhantes aos que notámos na superficie. Estava dividido em duas camadas: a inferior de côr mais escura, e os pontos que nella se notavam, nos pareceram um pouco mais carregados.

3.^a Misturando o sangue com

Agua commum meia onça.

— tendo em dissolução —

Extracto de Genciana . . quatro gr.

observámos que, passado um minuto, teve logar o principio da coagulação, — 20 minutos depois começaram a separar-se o soro, e no coagulo notámos os mesmos phenomenos que anteriormente.

4.^a Misturado o sangue com

Agua commum meia onça.

— tendo em dissolução —

Extracto de Ratanhia . . . quatro gr.

N.º 12 — 1 de Setembro de 1845

coagulon pelo mesmo tempo que o anterior, e decorrida uma hora separou-se o soro: notámos ser o coagulo, pelo que diz respeito á côr, mais vermelho que o natural, e em quanto á consistencia observámos ser-lhe tambem inferior.

5.^a Misturado o sangue com

Oleo essencial de alfazema . . . seis gottas.

vimos que a coagulação começou passados alguns segundos, e em sua superficie se apresentavam pontos muito pretos com o aspecto de azeviche; no fim de 22 minutos separou-se o soro: — o coagulo, tinha pouca consistencia, e a côr e brilho do azeviche.

6.^a O sangue juncto com

Sal ammoniaco quatro gr.

— dissolvido em

Agua destillada meia oit.

coagolou em menos de um minuto, — aos 2 minutos observámos-lhe côr mais carregada que a natural. — aos 15 minutos appareceu o soro. — 40 horas depois estava completamente separado e de aspecto lacteo, — o coagulo de consistencia menor que a natural, mas com côr mais escura.

7.^a O sangue coagulon á medida que ia caindo sobre a dissolução seguinte —

Agua destillada meia oit.

Acido tartarico quatro gr.

e notámos-lhe uma côr muito escura com alguns pontos mais claros, e estes foram successivamente desaparecendo até que a côr se tornou igual. Passadas 24 horas observámos que o coagulo se limitava a uma delicada pellicula, e o resto tinha-se convertido em liquido: este estava dividido em duas zonas, a superior menos carregada em côr, e a inferior com alguns fragmentos solidos de um roxo escuro.

8.^a Posto o sangue em contacto com a seguinte dissolução —

Agua distillada meia oit.

Acetato de chumbo quatro gr.

pareceu-nos que, passados 2 minutos,

haviam vestígios de coagulação, mas esta não continuou e o sangue ficou liquido por espaço de alguns dias, durante os quaes nos apresentava côr mais escura n'uns pontos do que n'outros, e pequenos grumos — uns de côr mais carregada que a dos outros.

9.^a O sangue unido á dissolução seguinte —

Agua commum meia oit.

Extracto de Alcaassu quatro gr.

coagulou passados quasi 2 minutos, e no fim de 6 o soro separava-se ás gottas na superficie do coagulo. Examinado ao cabo de 24 horas, estava o soro semelhante ao natural, e o coagulo mais consistente do que nenhum dos antecedentes, e sua côr mais escura que a do coagulo, que obtivemos com a dissolução da Quina.

10.^a Extrahido o sangue da veia e lançado sobre —

Emulsão arabica meia oit.

coagulou passado um minuto e a sua superficie apresentava um aspecto unctuosos com manchas mais escuras no centro, do que na periferia. — O coagulo ficou com tão pouca consistencia, que havia bastante difficuldade em o differenciar do soro, que lhe sobrenadava.

11.^a Empregando a seguinte dissolução

Agua commum meia oit.

Extracto gommoso d'opio. . tres gr.

Observámos, que neste caso a coagulação teve lugar logo que o sangue foi lançado no vaso, aonde estava a dissolução: — o soro separou-se uma hora depois, e era de côr natural; em quanto ao coagulo notámos, que tinha maior consistencia que a natural.

12.^a O sangue coagulou em menos de um minuto depois que o lançámos em um vaso, aonde estava

Agua commum uma oit.

— tendo em dissolução —

Extracto de Digital oito gr.

e observámos, que o coagulo era de côr de borra de vinho e bastante con-

sistente, e que, passadas 24 horas, ainda se conservava todo solido, sem vestigio algum de soro.

13.^a Tomámos

Agua commum uma oit.

— tendo em dissolução —

Extracto de Belladona oito gr.

Nesta experiencia o sangue coagulou depois de decorridos dous minutos, e todo o sangue formou um coagulo menos consistente, que gelea; mas sua côr era mais escura, que a do antecedente.

14.^a Para esta experiencia servimo-nos de sangue arterioso, e misturámos-lo com

Acido acetico uma oit.

A coagulação principiou á medida que o sangue caia no vaso, e passados 6 minutos se achava todo coagulado sem deixar soro algum, e decorridos alguns dias ainda se conservava no mesmo estado, apresentando no seu interior um todo homogeneo de côr de azeitona.

15.^a Ainda nesta experiencia usámos de sangue arterioso, ao qual junctámos

Agua commum uma oit.

— tendo em dissolução —

Potassa caustica seis gr.

Conservou-se o sangue liquido, e de côr mais escura, que o venoso por espaço de 7 dias, e não pudemos notar, em todo este espaço de tempo, grumos ou parte alguma solida.

16.^a Junctámos a uma porção de sangue venoso

Cosimento de folhas de Digital . . uma oit.

e passado um minuto vimos que a coagulação principia. O soro separou-se no fim de 20 minutos, e era em maior abundancia; o coagulo, passados tres dias, era mais escuro que o natural (1).

17.^a Finalmente tomámos o sangue e lançámos-lhe

(1) Quando empregámos o extracto de Digital obtivemos resultados que estavam em opposição com os mencionados por Magendie (Leçons sur le sang) e apesar de applicarmos tambem o decocto não pudemos achar os mesmos resultados.

Acido acético..... oito gott.

o passados 3 minutos, observámos-lhe uma consistencia gelatinosa sem apresentar soro, e na parte inferior de côr mais escura que a natural, e com maior consistencia.

A coagulação do sangue pertence ao dominio da chimica. É com tudo um phenomeno subordinado á vitalidade do sangue, porque conforme o estado d'esta assim varia tambem aquelle phenomeno; não é porem devido a uma propriedade vital (plasticidade), como pertencia Hunter, mas um resultado da morte do sangue, e o principio de sua analyse natural.

É sabido, que o phenomeno da coagulação do sangue é modificado pela forma e natureza do vaso, aonde o sangue é recebido, differença de diametro do jacto do sangue, temperatura do ambiente, estado de repouso ou de agitação do vaso, que o contem &c., todas estas circumstancias mereceram a nossa attenção, para que fossem constantes em todas as experiencias, a fim de que as variantes, que tivessem logar no acto da coagulação e seus resultados, se podessem attribuir aos agentes Pharmacologicos, que empregámos,

Attendendo aos resultados que obtivemos d'estas experiencias, parecemos, que os agentes empregados obraram, uns modificando as forças do sangue, e outros a sua composição ou alguns de seus principios componentes; porque n'uns casos a coagulação do sangue deu os mesmos resultados, como se fora natural, differiu porem no tempo e no modo como teve logar, em quanto que n'outros casos appareceu um producto um pouco differente, porem os principios componentes do sangue pareciam conservar suas propriedades, n'outros casos em fim parte, ou todos estes principios foram alterados na sua composição.

Poucas experiencias são estas, e por isso não nos auctorisam ainda para generalisar seus resultados; todavia de-vem

ao menos excitar a curiosidade dos Pharmacologistas em estudar a acção dos medicamentos não somente sobre os solidos, mas tambem sobre o sangue.

(Continuar-se-ha)

J. F. Macedo Pinto.

(J. D.)

SYSTEMA PENITENCIARIO.

Depois que no meio do seculo passado Beccaria, esse amigo da humanidade, despertado pelos gemidos dos que em sua patria eram victimas do mais barbaro systema penal, lançou os olhos para o que se passava em todos os paizes, que se dizião mais civilizados, e ao vêr o horrivel quadro que este examo lhe offerencia, levantou um brado, d'indignação; depois que este brado, que por toda a parte se fez ouvir, chamando a attenção de todos os homens sabios, foi por elles repetido; e depois que as vozes de todos échoando nos gabinetes dos homens d'estado os arrancaram da lethargica indifferença em que tinham jazido, e lhe fizeram dizer — basta de barbaridade — o systema penal principien por toda a parte a adoçar-se e o processo inquisitorio a ser substituido por um processo régular.

Fazer porem com que houvesse uma forma de processo, que nada deixasse a desejar ao accusado, fazer com que a justiça não fosse despresada, que a pena estivesse em relação com o delicto, e produzisse o effeito de castigar o delinquente, e intimidar os que o não fossem, não era tudo; era ainda pouco. O estudo dos males que affligem as sociedades, e dos meios de lhes occorrer fez nascer a idea eminentemente civilisadora de fazer com que a pena applicada ao culpado, produzisse mais alguma cousa do que o castigo d'este é exemplo aos outros, que produzisse tambem a regeneração moral do condemnado, que fizesse

com que n'um coração ermo de virtudes, e só morada de vícios se trocassem estes por aquellas, n'uma palavra que d'um máo se fizesse um bom cidadão, um homem util á sua familia, e á sua patria; e para se realisar esta grande idea crearam-se as casas penitenciarias, que n'America são já em grande numero, e tem produzido os melhoes resultados. É sobre estas que tambem nos propuzémos escrever duas linhas.

Reconhecemos que é atrevimento, e atrevimento descommunal o escrever sobre materia, que já tem sido tratada por distinctissimos escriptores, e que alem de muito saber, demanda tambem uma larga experiencia, um longo trato com os homens, que faça conhecer bem a sua natureza, e facilite o sondar-lhes o coração para com alguma probabilidade de bom exito se indicarem os melhoes meios de os fazer arrepender; a nós tudo isto nos falta; entretanto a materia é tão vasta, vai ferir tantos pontos na economia social, e está tão estreitamente ligada com as circumstancias especiaes de cada paiz, que por muito que se diga, sempre resta a dizer, e a nós que não queremos escrever um tratado, mas simplesmente um artigo, esperamos que nos será relevada a ousadia.

Dous são os problemas a resolver relativamente á organização das casas penitenciarias:—1.º qual convirá mais se o completo *isolamento*, trabalhando cada um na sua cella, ou se o trabalho em commum de dia, e separação de noite: e se neste segundo caso se deverá guardar uma pericita mudez, ou se, á proporção que os presos se forem mostrando melhoes se lhes devem ir permittindo algumas practicas;—2.º se a sentença de condemnação deve fixar o tempo da prisão.

A solução do primeiro problema está em grande parte ligada com o estado financeiro do paiz em que se pertender estabelecer este systema: nós não sabemos qual o estado das finanças em Por-

tugal, porem o que sabemos é que o nosso povo não está feliz, que é geral a falta de numerario, e que por consequente de poucos recursos poderá a nação dispôr para este importante objecto, e esses mesmos de que dispor ha de ser á custa de grandes sacrificios; e como sem meios nada se pode levar á effectividade, por isso emitiremos a nossa opinião, tendo sempre em vista esta ponderosa circumstancia.

Nós não abraçamos exclusivamente qualquer dos systemas acima indicados; parece-nos que os presos devem a principio conservar-se *isolados*, depois junctarem-se a trabalhar em commum, e por ultimo poderem ter algumas practicas, mas nunca uns com outros, porem com as pessoas que forem de fóra, sendo da confiança do director.

Para que o preso dê o primeiro passo para a sua regeneração é necessario, primeiro que tudo, que se entregue á meditação, e que se convença de que obrou mal; e que haverá que seja capaz de levar á meditação o homem para quem a vida dos crimes se havia tornado habitual a não ser a solidão do completo *isolamento*? Reduzido a um pequeno recinto, não tendo um ser vivo a quem se dirija, cansado de viver a sós, é força que se interogue a si mesmo, e pergunte o que deu logar ao seu assiduo padecer; e quando elle chegar a este estado a consciencia lhe bradará — os teus crimes — e o preso aterrado com esta idea revolverá a historia do seu passado, e sentirá a necessidade d'emendar-se: desde o momento em que isto se verificar, poderá dizer-se principiada a regeneração do preso, começará por isso a achar-se disposto a sujeitar-se a todos os regulamentos a que convenha submettê-lo, e estará por consequente em estado de passar a trabalhar em commum.

Por esta maneira combina-se o interesse dos presos com o estado das finanças:—1.º porque então poucas cellas bastam com capacidade para n'ellas se

trabalhar, visto que pouco tempo se devem os presos conservar separados, e uns vão cedendo o logar aos outros; — 2.º porque, depois de reunidos, o trabalho é incomparavelmente mais lucrativo, podem empregar-se trabalhos para que se careçam de muitos braços, e que vivendo *isolados* se não pode fazer: os relatorios apresentados n'America attestam que o trabalho dos presos, nas casas em que ha este systema, excede ainda a despesa do seu sustento.

Alem das conveniencias financeiras uma outra razão nos faz ainda seguir que os presos devem trabalhar em commum, e é o acharmos que d'outro modo não é possível fazer-lhes crear hábitos d'obediencia: o preso *isolado* trabalha e guarda silencio, é verdade, mas não se pode dizer que seja por entender que assim o deve fazer, e que assim se habitue a cumprir com os seus deveres, pois que ainda que quizesse deixar de trabalhar não o faria por não poder supportar o enojo de não ter em que se entreter, e se quizesse conversar não teria com quem: pelo contrario quando está cercado de pessoas, que, quinhoando uma sorte igualmente dura, lhe hão de excitar o maior desejo de se entreter com ellas; então se o não faz é por obedecer, e continuando assim as probabilidades estão para que crie o habito.

Esté systema de trabalharem os presos em commum não podemos deixar de reconhecer ser bastante duro pela necessidade que ha de fazer guardar perfeito silencio, embora os presos para isto venham já preparados, como acima dissemos; entrelanto se a falta de communicação é indispensavel para a regeneração do preso, como logo mostraremos, é bem de ver que é este um dos males que, porque traz bens, é necessario soffre-lo. Tambem não devemos dissimular um outro inconveniente, que se dá n'este systema de trabalharem os presos em commum, e sem duvida da maior monta, e é o risco de ficarem esses sacrificios perdidos pelo conheci-

mento com que os presos ficam uns dos outros. Basta que um só se não regenerere para todos os outros estarem em grande perigo, por que este, quando elles recusem associar-se-lhe, ha de ameaça-los com a declaração de que elles estiveram na penitenciaria, e fazer assim com que aquelles que lhes dão trabalho os não admittam mais em suas fabricas e por esta maneira privam-os do subsistencia: n'um artigo que sob' esta materia lêmos na Illustração Franceza, n'outro que vimos no Diccionario da Conversação, e em Tocqueville faz-se menção de varios casos d'estes.

Felizmente Portugal é, a nosso ver, um dos paizes em que esta declaração menos mal pode fazer ao penitenciado, por quanto a este, sempre resta para se empregar, a agricultura onde não ha risco de que os operarios furtem; e então, quando qualquer fosse expulso d'uma fabrica, não havia de ser por não ter em que ganhar subsistencia, que elle havia d'entregar-se de novo ao crime.

Do que temos ditto a respeito d'este systema vemos que tambem tem inconvenientes, porém o do isolamento completo tem muitos mais, e quando llic não fosse superior por outras razões, bastaria attender a que a estadistica das differentes prisões mostra, que nas casas em que se trabalha em commum, o numero dos doentes e mortos é incomparavelmente menor, fazendo mesmo uma differença tão extraordinaria, que não é possível deixar de to-la em consideração.

Entendemos que não deve aos presos ser permittido o praticarem uns com outros, porque, ainda que esta permissoão seja simplesmente dada aos que se presumem já adiantados na sua regeneração, com tudo nada concebemos tão possível como haver alguns cujos sentimentos sejam ainda os mesmos, que ao entrarem para a prisão, que só estejam anhelando o momento de sairem para irem tirar vingança d'essa sociedade,

que os tractou com tanto rigor, e se isto se verificar, se na occasião em que só convinha que os presos, ou se não lembrassem do passado, ou o fizessem só com horror, e em seus pensamentos não houvesse outra idéa, que não fosse a de repararem com seu exemplar procedimento futuro o irregular que até então tinham tido, ha o maior risco de que, pelas conversações d'estes fiquem baldados todos os sacrificios até alli feitos, de sorte que o meio que se ia escolher, como ultimo instrumento para a sua regeneração, é exactamente o mais adequado para destruir o que já se tinha conseguido; e ha tanto maior razão para acreditar que assim será, quanto é sumamente facil fazer voltar qualquer aos seus antigos habitos, se para isso é instado, quando não está completamente regenerado. Somos porém de opinião que se lhe deve permittir o praticarem com as pessoas que forem de fóra, e que merecerem a confiança do director, e isto porque reconhecemos a necessidade de que os presos aprendam uma linguagem differente da que tinham antes de entrarem para a prisão, e de que se acostumem a fallar n'outros objectos, que não sejam os meios de realisarem um crime, escapar á vigilancia da auctoridade, e outros de igual natureza, de sorte que de pois possam entender a linguagem dos homens honestos, e enterter-se com elles.

(Continúa.)

Antonio Mendes d'Almeida.

(I. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABEVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 148)

XV.

Alvaro Ferreira de Vera, natural de Lisboa instruido na historia profana, applicou-se com incançavel diligencia á Genealogia, gastando a maior parte

da sua vida em revolver cartorios, com especialidade o da torre do Tombo, para achar as origens das familias, e arranjar as series de suas descendencias.

Não satisfeito com as noticias nacionaes, para adquirir tambem as extranhas, passou a Madrid onde viveu até o anno de 1645, disvelado com o estudo da genealogia das familias de Hespanha; resultando como fructo das suas investigações escrever diversas obras genealogicas, que o fizeram conhecido na litteratura. Compoz tambem em castelhano.

Vidas abreviadas del conde don Enrique de Borgoña, d'el-Rei D. Alfonso Enriques e seguintes reis até D. Pedro I.

Caragoça 1643—folio.

XVI.

Manoel de Faria e Sousa, natural da ribeira de Vizella como elle confessa no tomo 2.º parte 2.ª capitulo 1.º numero 52 da *Europa portugueza* (com cuja confissão ficam tiradas todas as dúvidas sobre sua naturalidade) é um dos mais celebres escriptores da nossa litteratura portugueza. « A natureza (diz o auctor da Bibliotheca Lusitana) se empenhou a » formar na sua pessoa um exemplar » de todos os dotes scientificos, con- » correndo a viveza do engenho, a fa- » cilidade da memoria, e a vasta lição » da historia e poesia para ser venerado » por oraculo. » Acompanhou a Roma o marquez de castello Rodrigo embaixador áquella corte, na qualidade de seu secretario, e foi ahí admirado pelo seu talento, litteratura, e pelas obras poeticas, porque é justamente applaudido. Voltando a Madrid, aqui soffreu o infortunio de ser preso por uma calumniosa accusação de inconfidencia, de que mostrou a sua innocencia. Experimentou a sorte que é quasi commum aos homens de merecimento raro, em uma fortuna adversa aos seus interes-

ses: vivendo pobre, sem nunca obter a digna recompensa dos seus trabalhos litterarios, os quaes o faziam credor d'avultados prêmios; pois não consta, que se lhes fizesse outra mercê, que a do habito de Christo, e uma pensão na commenda de Rodão. São immensas as obras, que escreveu de diverso argumento em prosa, e em verso, sendo muito celebre o commento que fez ás Poesias de Camões, em que trabalhou pelo espaço de 25 annos, e para que leu mais de mil auctores, segundo elle mesmo declara, vindo a fallecer em Madrid em 1649. Escreveu na lingua castelhana

Europa Portugueza, 3 tomos folio — impressos em Lisboa: o primeiro em 1667, e 1676 accrescentado; o segundo em 1679; e o terceiro — 1680.

O primeiro volume d'esta excellente historia contém a historia de Portugal desde o diluvio até a erecção de portugual em reino, a sua historia deve lêr-se com a prevenção, e cautela, que acima (n.º 8) recommendei a respeito do primeiro tomo da Monarchia Lusitana. O segundo tomo contém a historia d'este reino desde o conde D. Henrique até D. João III, *inclusive*. O terceiro segue a historia dos seguintes reinados até Filippe IV, com uma larga descripção de Portugal. Esta historia é elegantemente escripta, adornada de excellentes reflexões moraes e politicas, podendo com razão o seu auctor chamar-se Tacito Portuguez. Compoz mais

Epitome de las historias Portuguezas. Dous tomos divididos em quatro partes. Madrid 1628 quarto. Lisboa 1663 e 1674 quarto. Bruxellas 1677 folio, com os retratos dos Reis de Portugal; e novamente accrescentados, *ibi* — 1730.

As primeiras duas partes d'esta obra são a historia de Portugal antigo, até o tempo do conde D. Henrique, sobre

que convém observar o mesmo que observei (n.º 8) sobre Brito, e pouco acima a respeito do primeiro tomo da Europa Portugueza. A terceira parte envolve a historia abreviada desde o conde D. Henrique até o cardeal D. Henrique. Na quarta contém-se a sequencia da historia até o anno de 1652 com uma descripção do reino de Portugal. O estylo é mais oratorio, que historico, o que talvez procede de ser esta obra na sua origem composta em verso, e em oitava rima Portugueza. Este compendio da historia de Portugal pôde considerarse como um indice de outra obra d'este mesmo auctor acima annunciada — da Europa Portugueza, segundo o juizo que D. Antonio Alvarres da Cunha fez na censura da Europa de 2 d'abril de 1677.

Adverta-se, que a edição do epitome de 1730 tem, demais que as outras, as vidas dos reis D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e D. João V.

XVII.

Antonio de Sousa de Macedo, natural da cidade do Porto, foi desembargador da casa da supplicação, de que tomou posse em 1646, conselheiro da fazenda, juiz das justificações, o secretario do embaixador a Inglaterra, D. Antonio de Almada, onde na ausencia d'este ficou com o character de enviado. Em 1651 passou a Hollanda por embaixador d'esta corôa, donde depois de desempenhar sabiamente o objecto de suas negociações, restituído a Portugal foi creado secretario de estado por el-rei D. Affonso VI, em 1663, e remunerado com as commendas de S. Thiago de Souzaellas, e de santa Eufemia de Penella, esta da ordem de Aviz, e aquellá do Christo, e heu assim com a alcaidaria mór de Freixo de Numão. São feliz parto de seu talento varias obras, em que mostrou ser tão profundo juriconsulto, como habil politico, tão elegante poeta como noticioso historiador. Morreu em Lisboa em 1682. Escreveu

Genealogia Regum Lusitaniae.
Londoni, 1643, quarto.

Deduz a genealogia dos reis de Portugal até o príncipe D. Theodosio. É compendio.

XVIII.

Rodrigo Mendes Silva, nasceu em a villa de Celorico da Beira em 1607. Dado ao estudo da historia, e da genealogia teve d'ellas tão profundos conhecimentos que mereceu ser nomeado chronista geral d'el-rei catholico D. Philippe IV, e official do Conselho de castella. É um dos historiadores celebres da historia de Hespanha, a que se deu mais que á de Portugal, e escreveu muitas obras de genealogia, em que se acham muitas noticias relativas á historia portugueza, por cujo motivo julguei dever-lhe dar lugar neste catalogo. Compoz

Catalogo Real. Genealogia de Hespanha.

Madrid 1637 em oitavo, e 1639 quarto, e mais addicionado, ibi—1656 quarto.

É um compendio breve genealogico da familia real de Hespanha antiga e moderna, até Philippe IV. De folhas 75 por diante se deduz toda a genealogia dos soberanos de Portugal, e dos duques de Bragança. Chega a D. Sebastião. D'elle me servi para fazer duas arvores genealogicas da casa real Portugueza, que em 1807 offereci a Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, que Deus guarde, e da familia e dynastia real de Hespanha ainda incompleta.

XIX.

Antonio Velloso de Lira, nasceu em villa nova de Calheta na Ilha da Madeira em 1616. Estudou philosophia, e theologia na universidade de Salamanca, tomando o grão de doutor nesta faculdade; ainda ali assistia quando foi aclamado el-rei D. João IV, de cujo acontecimento tanto que teve noticia se restituiu a este

reino, fazendo com que todos os estudantes portuguezes, que então alli residiam immitassem o seu exemplo. Foi assás instruido em todo o genero da Litteratura, como o demonstram diferentes obras, que publicou. Foi conego magistral na Sé do Funchal, e Governador do Bispado por nomeação do Bispo D. Fr. José de Santa Maria. Escreveu

Espelhos de Lusitanos em o christal do Psalmo 43, cuja vista em summa representa este reino em tres estados. O primeiro desde seus principios com todas as felicidades, e grandezas suas até a morte d'el-rei D. João III. O segundo as calamidades, e infortunios começados em el-rei D. Sebastião, e continuados por todo o governo Castellhano. O terceiro estado, — as maravilhas obradas por Deus em a feliz acclamação, e restauração d'el-rei nosso senhor D. João IV, com os mais raros casos n'ella succedidos, assim em Portugal como em Castella.

Lisboa 1643. quarto.

(Continuar-se-ha.)

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA E ESTADISTICA.

POR

A. P. Forjaz de Sampaio

NOVA EDIÇÃO.

Com este titulo acaba de publicar o Sr. Forjaz de Sampaio uma nova obra, pois assim podemos chamar esta edição do seu Compendio de Economia tanto pelo novo systema e methodo que adoptou, como pelas emendas que fez, e pela maior desenvolução que deu á parte da estadistica, que tão resumida e escassa se achava na anterior edição.

O Sr. Forjaz de Sampaio, por effeito de circumstancias, teve que escrever um

Compendio de Economia quando apenas acabava de manejar compendios como estudante. A materia sobre que versava era muito pouco estudada em Portugal, e nesta Universidade absolutamente nova, e mesmo lá por fóra, onde tanto e tanto se havia escripto, escasseavam (e ainda hoje não abundam) livros elementares que podessem servir immediatamente para Compendio. Esta ãossa Universidade tem tido sempre uma predilecção para os livros allemães (e bem haja ella) para os adoptar como Compendios pela rigorosa deducção de doutrinas, que fazem a honra dos escriptores didaticos d'aquella nação, e que lhes faz perdoar alguns outros defeitos provenientes da mesma natureza do seu methodo, ou do seu facil abuso. Infelizmente as obras dos seus Economistas eram desconhecidas entre nós, de modo que o Sr. Forjaz de Sampaio teve que estrear-se como Economista vertendo o *Catecismo* de Say.

Não queremos dizer que o Sr. Forjaz de Sampaio vertera palavra por palavra (seria mister não ter lido uma e outra obra), queremos sim dizer que uma tão má obra não podia nunca ser reduzida a soffrivel Compendio — obra a que lavraremos o mesmo epitaphio que o Sr. Forjaz de Sampaio lavra na sua Introducção ás Instituições do Sr. Ferreira Borges — **POUPEMOS A MEMORIA DO FINADO** —

Felizmente o Sr. Forjaz de Sampaio é joven, e não pensou que a missão de um Professor se limitava a seguir a explicação de um Compendio, emendando o que já no anno passado e no outro e no outro e no outro fóra emendado, e d'esta sorte adiantar-se com o progresso dos outros, do mesmo modo que julgaria andar muito aquelle que ficando quêdo em uma praia por ver voar sobre as aguas um navio, e sumir-se no horizonte, exclamasse — quanto tenho andado!

Da leitura e estudo dos escriptores economistas estrangeiros, e muito em especial de um que não duvidaremos

chamar modelo — Rau — e da experiencia da regencia da Cadeira colheu o Sr. Forjaz de Sampaio elementos com que formou o seu Compendio da edição de 1841.

Com esta obra sua, porque é seu e muito seu o arranjo das materias, encandeamento de doutrinas &c., o Sr. Forjaz de Sampaio honrou esta Universidade e o nosso Paiz, dando-lhes um Compendio de Economia.

Mas o mesmo estímulo que levára o Sr. Forjaz de Sampaio a não recuar ante preconceitos, e essa critica, que critica ameçadora antes de vir a lume qualquer obra, e d'este modo estanca todo o principio de progresso litterario, fez com que apparecesse uma nova edição, em que os defeitos da primeira foram emendados conforme os dictames da experiencia do magisterio, e das criticas, que o Sr. Forjaz de Sampaio é muito sabio, joven, e amante das letras para deixar de apreciar e aproveitar quando justas e fundadas, e esquecer quando ephemerias, e não para contra ellas se alevantar, e com menoscabo da sua gloria persistir nos defeitos, como succede com os incorrigiveis pela philautia ou idade.

Será por tanto comparando uma e outra edição que nós formularemos o nosso juizo relativo depois do exame geral e particular, *absoluto* d'esta ultima edição, de que remetteu o seu Auctor um exemplar á Redacção da Revista, a qual me impoz o dever de emittir este juizo.

Será atrevimento indisculpavel o examinar a obra de quem ainda ha pouco foi meu mestre? Certo que não, — em letras só a discussão livre pôde produzir bons resultados, e se de um lado temos a terrivel sentença dada por La Bruyère — «Un critique n'est formé qu'après plusieurs années d'observations et d'études, un critiqueur naît du soir au matin» — por outro lado temos a convicção de que, quando desapaixonadamente se examina uma obra litteraria didatica, não deixam de ser alguma

coisa competentes aquelles para quem essa obra serviu de compendio; as suas difficuldades, e mesmo os seus *deffeitos* são muitas vezes mais facilmente conhecidos por elles, como o docente, ainda que rude, é juiz da efficacia dos medicamentos.

A obra do Sr. Forjaz de Sampaio é um *Compendio* destinado a servir de guia no estudo da Economia e Estadística conforme o methodo adoptado nesta Universidade; por conseguinte é como *Compendio* que deve ser julgada. Esta classificação julgamo-la muito importante, porque corta pela raiz a objecção de *secco*, *rigoroso*, e *resumido*, que por vezes havemos ouvido fazer ao antigo por pessoas estragadas (tambem os manjares muito assazonados estragam e matam o paladar) pela exclusiva leitura das brillantes prelecções de Chevalier, Rossi, e das volumosas, encyclopedicas, e exemplificadas paginas de Sav.

O Sr. Forjaz de Sampaio tinha e devia ter um fim muito diverso. Um *Compendio* não deve conter senão proposições cuja verdade resulte ou de principios próprios á sciencia de que elle se occupa, ou de outras que lhe são subsidiarias; e expostas com toda a concisão, clareza e ligação intima e logica das materias.

Eis uma difficuldade immensa em qualquer *Compendio*, e que diremos quasi *inencivel* em Economia, em quanto que os estudos, hoje comprehendidos nesta Universidade, não soffrerem o effeito de uma das leis economicas — a divisão do trabalho. —

Extremar o necessario, e expo-lo com deducção tal que o principio anterior seja a fonte do subsequente, é o apice de que se não afastou muito o Sr. Forjaz de Sampaio, como buscaremos mostrar na rapida analyse que passamos a fazer do seu *Compendio*.

Começaremos pelo *Compendio* de Economia. — Apoz uma *Introdução*, ou *Prolegomenos* geraes, dividiu o Auctor

o seu *Compendio* em duas partes geraes, destinando a primeira para os principios elementares da Economia Nacional, e a segunda para a *Theoria* da Policia Economica. A primeira d'estas partes soffre uma subdivisão em que o Auctor seguiu o methodo, geralmente adoptado pelos Economistas mais systematicos — de tractarem os phenomenos economicos da produção, distribuição e consumo; a segunda subdivide-se em duas partes nas quaes tracta das relações do Estado com a economia da Nação, e na ultima da economia do Estado; divisão em que o Auctor se viu *forçado* a tractar da sciencia da fazenda. Com pequenas alterações fôra este mesmo systema o adoptado pelo Sr. Forjaz de Sampaio na anterior edição do seu *Compendio*, posto que haja notaveis mudanças em quanto ás materias contidas em cada uma d'estas divisões.

Com quanto discussões de methodo sejam pelo regular faltas de importancia, todavia achamos este adoptado pelo Sr. Forjaz de Sampaio tão natural e logico, que não podemos deixar de o notar como um dos meritos da sua obra, porque é um *Compendio*,

Permittam-se-nos porem alguns breves reparos nascidos do desejo de que d'esta obra tirem o maior proveito possível os que por ella *estudarem*.

A segunda divisão da segunda parte (Economia do estado) fôrma hoje uma sciencia tanto *sui generis*, que consideraria-la como parte integrante da Economia nacional é o induzir aos bisonhos a crerem que não ha mais differença do que aquella que por ex. se encontra entre a exposição dos phenomenos da produção, e os da distribuição.

Bem sabemos que o Sr. Forjaz de Sampaio não confunde estas idéas, ali está a sua nota 202 que o prova, e por isso nós dissemos ha pouco que fôra forçado a incluir neste seu *Compendio* as noções da Sciencia de fazenda, ou como lhe chamam os escriptores alle-
mães, das *Sciencias camarrarias*, porque

mais de uma se acham comprehendidas neste gruppó, quando se quer levar a analysé até onde o permite o estado dos conhecimentos.

O Sr. Forjaz de Sampaio foi forçado, dizemos nós, pela necessidade *legal* de comprehender como objecto de uma mesma cadeira ramos tão disparatados; mas nós que estamos em esphera mui baixa, e por isso mais em contacto com quem tem de estudar por este livro, pedimos ao auctor e publico que acreditem, que não basta que as cousas por si sejam distinctas, é mister que *materialmente* se distingam; e que haverá quem dê este Compendio, e não note a raiz que separa estas doutrinas por isso que a numeração dos §§. e Cap. continua.

Uma outra cousa que está no mesmo caso é o modo por que o auctor define. É sobre tudo nas definições que pôde consistir o merito de um Compendio, e diremos que as do Sr. Forjaz de Sampaio podem citar-se como exemplo da exactidão rigorosa, que pôde dar-se em sciencias da natureza d'esta; mas do modo porque se acham enunciadas nesta ultima edição produzirão de certo confusão para muitos. O valor das virgulas, pontos e virgulas, e dous pontos não é de todos (desgraçadamente) tão conhecido que baste para não produzir noções mui erradas. Tomaremos por acaso a definição de riqueza e das suas divisões. São as mesmas palavras (em ambas as edições (salvo o dizer-se na segunda — sentido *latissimo*, e na terceira *sentido amplo*) mas naquella a divisão material dos periodos não fará nunca que alguém, pouco escrupuloso de pontuação, tome como definição de riquezas *artificiaes* a das *naturaes* (1). Poderíamos citar um caso, em que nos

responderam, quando desfaziamos um equivooco d'esta natureza, — *de minimis non curat Pretor*, e que o original das Pandectas Florentinas não é virgulado. Este e muitos outros casos provam que nesta materia o Auctor e Professor deve esquecer-se de si e lembrar-se d'aquelles para quem escreve *em particular*, e a quem comunica as primeiras noções da sciencia.

Ajunctaremos a estas breves reflexões uma outra ácerca dos livros que o Auctor aconselha como devendo formar a bibliotheca selecta do alumno. Collocamo-nos na posição em que o Sr. Forjaz de Sampaio o collocou — *não poder ter á mão todos os livros que elle enumera, e não lhe sobrar tempo para ler*. — Dada esta hypothese notamos de excessiva por um lado, ao passo que deficiente por outro a lista por elle apresentada. Primeiramente recomenda *todos* os livros portuguezes que menciona no seu catalogo, e neste deparamos com as Instituições do Sr. Ferreira Borges, das quaes o juizo formado pelo auctor na sua Introducção, é com muita razão pouco favoravel. Não citaremos mais. Se foi levado pelo amor de tornar conhecidas as obras dos nossos escriptores, louvamos e louvaremos sempre o amor das nossas cousas, mas aqui tracta-se de apontar os livros *necessarios*, (porque é tão restricta a lista dada pelo Sr. Forjaz de Sampaio que não chega a comprehender os *uteis*), e nesta classe não estão *infelizmente* os nossos, se os compararmos com os extranhos; nem com isto irrogamos censura: a sciencia é nova entre nós, e nenhuns estimulos ha para que ella se cultive, por tanto que admira que não possamos rivalisar com os extranhos?

Mas sobre tudo sentimos que a obra de Rau não seja apontada. O merito d'este escriptor ninguem o conhece melhor do que o mesmo Sr. Forjaz de Sampaio: as paginas do seu Compendio dão claro testemunho do alto preço em

(1) Copiaremos parte do §. 6. para prova — A palavra riqueza, em sentido amplo, comprehende todos os bens; — os quaes, em quanto á sua origem, são ou naturaes, dom gratuito da natureza; ou artificiaes, obra do trabalho: &c. — Caiam estas definições em quem não cure de cousas *minimas*, e veremos a algaravia que faz.

que tem este *distinctissimo Economista*(1). Mas nós achamos-lhe um *muito especial* relativamente aos que tem de estudar pelo Compendio do Sr. Forjaz de Sampaio.

A imaginação ardente da juventude, o desejo de *brilhar* (2), e mesmo o juizo da maioria dos ouvintes são estímulos fortísimos para desviar os alumnos da aridez dos princípios exactos, e da rigorosa deducção de consequencias. Ora se a isto junctarmos recomendada leitura das eloquentísimas paginas de Rossi, das seductoras preleções de Chevalier, e dos amenos capitulos de Droz (auctores *especialmente* recommendados pelo auctor) iremos abrir ampla porta para abuso que não julgamos de pequena monta. O elemento historico da sciencia tambem não tem representante na lista do Sr. Forjaz de Sampaio, e Bargemont ou Blanqui não occupariam mal um logar entre os livros necessarios. Reconhecemos a difficuldade, e talvez o perigo de induzir a ler *muito*, quem não póde ler *bem* por falta de tempo, e outros inconvenientes annexos á vida escholar, mas é por isso mesmo que desejariamos que a limitada bibliotheca do alumno fosse completa em quanto ao absolutamente necessario; e julgamos comprehendidos nesta classe, Rau, e mesmo o pequeno, mas profundo tractado de Bentham, com alguns dos historiadores da sciencia.

Passemos ao rapido exame da bondade da obra. —

Já que notámos estas pequenas sombras no bello quadro do Sr. Forjaz de Sampaio, as quaes procedem quanto a nós de um mal que elle não podia remediar, e que nós indicaremos em outra parte, unido a nossa tanné voz á do auctor para que se dê uma nova fórma aos estudos politico-economicos, como sendo negocio de *necessidade ur-*

gentissima politica e scientificamente fallando.

O Sr. Forjaz de Sampaio adoptou no seu Compendio o excellente methodo de não inserir no texto senão a parte dogmatica de uns elementos de Economia, deixando para notas muitos corollarios e indicações de pontos controversos. É esta uma ventagem muito real, e solida, e uma cousa em que o novo Compendio se aventaja de muito ao anterior. Conformamo-nos neste ponto com o que a respeito de Rau diz o seu traductor Kemmeter — «A parte dogmatica é contida no corpo dos paragraphos, e ao Professor incumbe o desenvolve-la.» — Com este methodo abrevia-se muito tempo, ganha-se pelo lado da clarezza, e fixam-se muito melhor as idéas nos que aprendem.

O esmero de dedicção com que se acham redigidos estes elementos tambem merecem elogio, bom será que os alumnos ao passo que progredem em estudos maiores encontrem sempre livros que lhes formem a elocução, se a não tem, ou lha não estraguem se por acaso já a possuem.

O pequeno campo que no Compendio occupam muitos pontos importantes de sciencia, julgamo-lo nós um grande mal, mas julgamo-lo igualmente um milagre feito pelo Sr. Forjaz de Sampaio. Expliquemos-nos: —

O Sr. Forjaz de Sampaio *coacto pela lei*, tinha que reduzir um gigante á pequenez de um pygmeo.

O mal está em a lei obrigar a isto; o milagre feito pelo Sr. Forjaz de Sampaio está no modo por que foi feita esta reducção, fazendo-a tão proporcionalmente, que não podia sair mais perfeito o retrato em miniatura. Não esquecer nenhuma das linhas e profis do original, dar a todas a grandezza necessaria, combinar com genio e estudo aturado todas as cores e sombras para que em limitadissimo quadro nada faltasse, foi o que fez o Sr. Forjaz de Sampaio: carece-se de microscopio para descobrir muitas d'estas bellezas de arte.

(1) Introducção — pag. V.

(2) Damos a este vocabulo a accepção muy peculiar usada nesta Universidade para denotar aquelles actos litterarios em que a solidez e rigor das idéas cedem o campo ao brilho das fórmulas.

Rematando por agora este artigo acerca dos Elementos de Economia Política do Sr. Forjaz de Sampaio, diremos em duas palavras o nosso juizo. — É a sua obra um optimo Compendio, em que o auctor venceu difficuldades absolutas e relativas, que a outro que não o Sr. Forjaz de Sampaio haveriam feito sossobrar.

(Continuar-se-ha.)

S. B.

{ J. D. }

FR. LUIZ DE SOUSA (1)

Drama em 3 actos, por J. B. d'Almeida Garrett.

(T. V. das suas obras) Lisboa, 1844.

Esta é uma verdadeira tragedia — se as póde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes. Assim foi a peça de que tractamos classificada por seu proprio auctor na Memoria com que a offereceu ao Conservatorio Real. Para nós tambem ella é uma verdadeira tragedia, como julgamos que éstas devem esó podem ser em nossos dias. Consideramo-la um modelo da tragedia na sociedade moderna, que a nossa litteratura d'hoje era mister que creasse, e que devemos apreciar e seguir, senão quizermos ficar eternamente fechados n'um dos quartos da penitenciaria d'Aristoteles, reformada no seculo XVI; reduzidos a escrevermos tragedias sobre factos antiquissimos, sempre trajadas á grega, com o indispensavel rythmo dos versos, e com a mesma monotonia de caracteres. E, ainda mais, se não quizermos abnegar a faculdade e o gosto de tractar neste, de todos o mais sublime, genero de poesia, tantos factos

essencialmente tragicos da nossa historia moderna. D'esta historia onde predomina uma religião toda dramatica, onde a amplitude da sociedade, suas phases e complicação de costumes, fazem brotar de cada pagina um manancial d'affectos, incomparavelmente de mais interesse e variedade, de maior profundidade moral, do que toda a farragem mythologica da antiga Grecia.

Por isso, e para que esse mal entendido *exclusivismo de craveira*, não acabo por nos privar d'um genero, que tanto lhe custa a resistir — ou já se desmoro-na contra os embatos do ariete do drama moderno, gastado pela fatigadora systole da forma — por tudo isso, dizemos, é que desejamos ver adoptada a modificação no genero que o illustro auctor de FR. LUIZ DE SOUSA tão elegantemente acaba d'introduzir na litteratura dramatica.

Em quanto a nós nisto hão de vir a parar os combates, já froixos, das escholas romantica e classica. A boa razão reprova ésta, os excessos teem desacreditado aquella. O que se chama *drama moderno* ha-de vir a ser a tragedia adaptada á religião christã, e a todo o nosso viver d'hoje, como a entender e executou o Sr. Garrett. A par d'ella se sustentará a comedia, como a entenderam Moliere e Scheridan, como a praticam Scribe e Dumas; e como entre nós a poderia escrever o mesmo Sr. Garrett, que assaz de razões temos para assim o acreditar. Os outros generos intermediarios, espurios, monstruosos aleijões poeticos, *quasimodos* dramaticos, hão-de cair — talvez em breve. É um vaticinio pouco custoso de fazer, se dermos ouvidos á nossa intelligencia auxiliada pela observação.

(1) Já sobre este drama publicámos um juizo pelo Sr. Cesar Perini de Luca (pag. 60), mas que não prejudica o que hoje de novo apresentamos do Sr. Silva Leal; porque cada um d'estes nossos illustres collaboradores considerou o drama debaixo de differente ponto de vista: — o 1.º tractou principalmente de avaliar cada um dos caracteres de

per si; — o 2.º tracta pela maior parte da questão d'arte, julgando Fr. Luiz de Sousa uma verdadeira tragedia, e mostrando que este novo genero, creado pelo Sr. Garrett, deve ser hoje o adoptado na Sociedade moderna. O leitor terá pois nestes dous artigos um juizo completo sobre Fr. Luiz de Sousa.

Neste ponto, como norma, como phanal, como creação d'eschola, Fr. LUIZ DE SOUSA, em seu fim esthetico, é a melhor obra dramatica do Sr. Garrett. Analysa-la por partes demandaria larguissimo artigo. Falar dos personagens, todos historicos á excepção de Telmo Paes, e introduzidos na peça sem ornamentos da imaginação, nem artificio; investigar lhe a expressão das paixões, sua logica e verdade; penetrar na sua parte moral, dissecá-la toda; tudo isto seria um digno estudo litterario e philosophico — merecia-o — mas nem temos logar, nem por ventura fôr para nós. Diremos apenas alguma coisa pelo que respeita á arte.

A composição d'esta peça em sua austera simplicidade — que o não pode ser mais do que reduzir-se ás tres peripécias da tradição, é, em nosso entender, d'uma espantosa difficuldade. Aquillo que se chama inredo não o tem. Toda a sua invenção consiste em se haver achado o meio de não fazer uso d'ella. Os mesmos discursos são tudo quanto ha de mais simples, de mais natural, de mais apropriado. A peça inteira nos revela a inspiração pathetica, larga e singella da tragedia grega. Infelizmente os nossos conhecimentos helênicos não nos chegam para apreciar as bellezas da lingua d'Eschylo e de Sophocles; mas pensamos que o estylo d'elles não seria mais fluente, nem mais natural e verdadeiro.

Comtudo a feição mais caracteristica, que distingue Fr. LUIZ DE SOUSA do drama moderno, e o semelha á tragedia antiga, são as paixões. A impressão que ellas nos produzem é toda no coração, é toda filha do sentimento. São paixões simples e communs, também simplesmente expressadas, como as da tragedia grega. Nos dramas modernos de maior nomeada é o contrario: investigam-se as excepções, por assim dizer, do coração; exploram-se as consequencias mais extravagantes d'uma paixão disparatada, quasi sempre *sui generis*. Depois

exorna-se isto com fogos d'artificio, e com os *outrages* d'um estylo igualmente falso: e estes auxilios da pyrotechnica e da *Feira-da-Ladra* (se a phrase pôde passar) armam ao effeito, é verdade, mas é um effeito todo dos sentidos, em que o coração não tem parte, que não pôde consequentemente ser duradouro, e que estraga o bom gosto, e ás vezes os costumes, porque se descrevem brutaes os sentimentos humanos, e se materialisa o que não é nem pôde ser, senão nascido e criado em nossa alma.

Pelo lado dos costumes não é Fr. LUIZ DE SOUSA menos apreciavel. Exala todo elle um certo vapor ortodoxo, não só conveniente ao tempo, mas também estimavel pelo lado da morigeração. Assim, todos os personagens oppoem á desgraça a religiosa resignação das almas piás. Do mesmo modo, as crenças e as tendencias da epocha; os sentimentos politicos, a côr local — as mulheres com os seus panicos e agoiros, a sua piedade e carinho; os homens com a sua coragem e amor da patria, a sua fé e cavalheirismo — tudo é esmerulosamente guardado, e exemplarmente seguido.

Mas a parte mais importante, mais recommendavel, e mais seductora de toda a peça, é o dialogo. Também é esta na tragedia antiga, no drama moderno, na comedia de todos os tempos; a parte mais poderosa, mais apurada, mais magnetica. A influencia das composições dramaticas nos costumes vem lhe principalmente do dialogo. O colorido das epochas, as tendencias da civilisação contemporanea, o grão da illustração do povo onde tem origem; tudo o dialogo nos manifesta. O dialogo é a parte dramatica onde mais e melhor se revela o talento do escriptor — essa sabedoria filha do estudo e da observação, — o conhecimento profundo da natureza, do coração humano, do tudo quanto a alma é capaz. Por elle e com elle é que se derrama a doutrina, se educam os espectadores, e se propagam

quantas idéas boas ou más existiam na mente do escriptor. É elle, e só elle, que nos calla n'alma, que nos permanece na memoria, que nos revolve as fibras do coração com mais subito e violento poder do que uma pilha voltaica nos abalaria. O dialogo não fascina, é verdade, como o prestigio de uma scena calculada para produzir o effeito de uma lanterna magica; mas o dialogo lança sementes que se intranham e nos fazem rebentar n'alma a planta cujo germen continham. Não é como essas chamadas peripecias, lances de scena, *coups de theatre*, e não sabemos que mais, creados nas imaginações exaltadas para apresentarem ás turbas uma vista de camara optica, em que, para nada faltar, nem esquece o personagem que seive de indicador, apregoando, com voz de trovão, as *sombriñas* que sem isso passariam desaperechidas. Nesses lances as convulções do corpo do actor, convertido em energumeno, servem para nos denunciar as commoções da alma; e o comediante com o estampido dos berros e as mais ridiculas contorsões, arranca á força o evoc da multidão. Mas as turbas nesse caso applaudem — cada vez vai sendo menos — ainda pelo antigo ram-ram herdado do pessimo tempo dos histriões. Perguntae-lhes d'ahi a pouco o que applaudiram. Qual é o homem do povo que vistes realmente impressionado nessas occasiões de barulho? Qual é o espectador que notastes profundamente sensibilizado assomarem-lhe as lagrimas, ou vivamente entusiasmado agitar-se em seu logar, como vedes, como notaes, n'um dialogo pathetico, ou n'um monologo eloquente? A arte deve fallar á alma e não aos sentidos.

Tornando a FR. LUIZ DE SOUSA, o primeiro dialogo entre Magdalena e Telmo, é tudo quanto pôde ser de mais natural, fluente e familiar. A exposição nasce d'elle logicamente: o espectador fica sabendo o passado, conhecendo o presente, informado de tudo, sem o

menor *tour de force*, nem d'elle para entender, nem do escriptor para revelar. Nada ha mais simples que todo o primeiro acto. Aquellas scenas domesticas, todas as disposições para a mudança, e muito principalmente a scena 7.^a do 2.^o acto no despedimento de Maria, todo aquelle carinho e cuidado maternal... finalmente tudo aquillo que nos chama á verdade, que nos pinta a realidade do nosso viver — e que um talento mediocre teria desdenhado por nimiamento *baixo*, ou tornaria ridiculo se porventura quizesse macaquear — tudo isso nos incanta pela candura. Está ali substanciada — nessas pequeninas cousas — toda a difficuldade de escrever para o theatre; toda a practica d'essa sublime arte, só dáda a poucos, de fingir que tudo aquillo se fez sem arte. Mas no meio d'essas minucias lá ressalta um pensamento sublime — uma d'essas bellezas da primeira ordem que só o genio é capaz de produzir — e que, todavia nos parece toda filha d'essas minucias, só consequencia d'ellas. Não se adivinhará que fallamos apenas de quatro palavras e uma lavareda do fim do acto — e com o que, unicamente, em nossa opinião, elle melhor terminaria?

« Magdalena: »

— ... « Ai, e o retrato de meu marido! ... Salvem-me aquelle retrato. »

Já se não pôde... uma lingua de fogo o lambe. Eis ahi revelada toda a idéa do drama: a sublime recopilção de toda a teia de uma das historias mais patheticas do mundo.

É que sabor da epocha, que norma de descripção, nos não dá toda a 1.^a scena do 2.^o acto! Como vem a propósito dramaticamente a entrada de Manoel de Sousa! Que de difficuldades não estão vencidas para levar ao cabo um acto como este (o 2.^o) só com scenas intimamente familiares, e ainda assim dar-lhe interesse, e obrigar-nos a tomar parte bem do coração com o viver domestico d'aquelles personagens! Mas a scena XIV, o final do acto, é mais que tudo de mão de mestre.

O 3.º acto começa com um dialogo entre um afflicto e seu amigo que o quer consolar ou pelo menos animar, que é um modelo d'estes lances mesmo para a vida commum. O amor paternal que, desde a despedida de Heitor em Homero até ao Triboulet de Victor Hugo, tem sido tão poderoso para dar felizes inspirações aos poetas, faz particularmente todo o interesse d'esta bella scena onde esta paixão está tão bem entendida como tocantemente expressada.

E que serie de bellezas não estão accumuladas em todo este acto! A abnegação do Romeiro: a ternura de Magdalena, que tão naturalmente procura illudir-se: a austeridade de Fr. Jorge, e dedicação do Escudeiro Telmo — relevante physionomia dos antigos costumes portuguezes — a alienação de Maria, a sua morte; todas as circumstancias das ultimas scenas, dão a esta peça um certo caracter peculiar, que sem o complexo de aventuras romanescas, sem o imprevisito e exagerado do drama moderno, sem o estylo sentencioso e emphatico da tragedia classica, constitue como temos dito, e não podemos deixar de repetir, a verdadeira tragedia dos nossos dias, aquella que Diderot desejava que fosse achada; e que asseverou que o seria por o Dramaturgo cuja prosa nos fizesse chorar. E neste caso, ninguém negará, que está — e mui distinctamente — FR. LUIZ DE SOUSA.

Relevem-se-nos ainda mais duas palavras sobre os caracteres que se nos apresentam nesta peça. Os caracteres são outra condição dramatica em que FR. LUIZ DE SOUSA leva vantagem a todos os dramas modernos e a muitas tragedias da antiguidade. Em FR. LUIZ DE SOUSA todos os caracteres são bons, com todos elles sympathisamos, e de todos sentimos as desgraças igualmente; e por isso muito mais pathetica e muito mais tragica se nos torna a acção. Todos soffrem a desgraça — e uma grande desgraça — mas nenhum d'elles a merece; bem pelo contrario todos são di-

gnos — e cada vez se fazem mais dignos — da felicidade que lhes sege, que a sorte lhes rouba d'um modo inevitavel, extraordinario, afflictissimo.

Esses caracteres mans, odiosos, hediondos a que chamam *contraste*, e que entre nós se desculpam com dous versos de Bocage.

Do crime os quadros a virtude apuram
Esmalta-se a moral no horror do crime;

hoje tão communs no theatro estrangeiro — em offensa da verdade mas a favor do *effeito*, como dizem — não os ha em FR. LUIZ DE SOUSA. Em muitas composições que conhecemos, nos chamados melodramas — genero hybridio em que a linsonja do estragado paladar das turbas escurece, corrompe, e destrue alguma boa concepção, algum bello rasgo do genio — nesses, são com effeito indispensaveis esses caracteres quasi sempre falsos, hyperboles do pessimo do coração humano, simulacros d'um atheismo moral — especie de alavanca com que querem aballar os affectos do povo, gastos pela pedra pomes do mau gosto, e pelo roçar d'essas molas ferrugentas com que o obrigam a mexer-se depois de o haverem convertido em automato. FR. LUIZ DE SOUSA porem não usa nem precisa d'este machinismo de Watt para dar impulso aos sentimentos; o seu motor, os seus meios, a sua arte, são unicamente a singeleza, a razão, a naturalidade e a philosophia.

Silva Leal.

ENEIDA DE VIRGILIO

Traduzida por

José Victorino Barreto Feio.

N^o num dos proximos numeros daremos um juizo critico sobre esta obra, de que o sen auctor remetteu a esta redacção um exemplar do 1.º volume, que contem os primeiros quatro livros da Eneida.

A RELIGIÃO CRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.
O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 115.)

VIII.

Dixit etiam Deus: Producant aquæ reptile animæ viventis, et volatile super terram sub firmamento cæli.

Creavitque Deus cete grandia et omnem animam viventem atque motabilem, quam produxerunt aquæ in species suas, et omne volatile secundum genus suum. Et vidit Deus quod esset bonum.

Benedixitque eis dicens: Crescite et multiplicamini et replete aquas maris, avesque multiplicentur super terram.

Et factum est vespere et mane, dies quintus.

É o espirito do homem dirigiu de novo seus vãos para a terra, e quasi não a conhecia. Tão demudada lhe pareceu! tantos tempos decorreram, desde que enlevado na contemplação dos astros a perdêra de vista!

As camadas de *schistos* sobrepostos uns aos outros desde a *base granítica* até o *schisto argiloso*, as quaes no fim do terceiro dia formavam uma solida crusta de mais de uma milla de grossura, tinham-se elevado impellidoas por uma enorme força interna, que se dirigia por entre os pontos cardiaes desde o oriente e septentrião para o meio dia e occidente.

E como sobre os rolos de picado mar se embalanceam as leves escumas, toda essa mole compacta oscillára longo espaço sobre as massas fundidas, que encrespando-se e rugindo no interior da terra, assemelhavam-se a um oceano de liquido bronze dentro de copella immensa.

E durante esse longo espaço novas montanhas surgiram, como espadras de gigante, que sacudia as abobadas do

globo. Lá de sobre as encostas d'*Eifel* e *Hundsruk* appareceram, como sentinellas eternas, os cumes do *Hohenacht*, e *Erbseknopf*, alumados pelo clarão, que saía do hiesto enorme, onde hoje brandamente se encosta o *Rheno* revolvendo em suas aguas tantas recordações e poesia. E mais além as montanhas da Scandinavia, e logo após na soberba Escocia sobranceiros a todos ergueram-se os *Grampians*, que filhos da terra do orgulho não podiam soffrer iguaes.

E as plantas, que por tantas vezes recusaram curvar a cabeça ao rigor da procella, então como salteadas d'um subito terror trocaram o sorrir da verdadeira pelo empallidecer da morte. Envão estenderam ao longe por entre os numerosos *estratos* suas tortuosas raizes; em vão as cravaram nos poros da pedra, e abraçadas com a rocha macissa tentaram resistir á segunda catastrophe da terra: seus abraços foram repellidos pelas rochas profundamente abaladas e fendidas, e florestas inteiras voaram pelos ares, como folhas seccas nos fins do outomno levadas ao longe pelo remoinho dos ventos.

Era como se o genio da destruição, pairando sobre a superficie da terra, quizera fazer resurgir d'entre os seculos extinctos o ferreo dia do chaos.

E a relva humilde casada com o solo ainda tinha esperado, que a tormenta passasse por ella sem a presentir: mas as gulas pomposas da palmeira, e as graças singelas dos mirgos deveram se confundir se nas cinzas das ruinas do globo, como no pó do sepulchro a purpura dos nobres e os andrajes do mendigo. As torrentes abundantes de lava, que saindo atravez dos cuniculos, e profundos boqueiros abertos na rocha, se tinham precipitado em tenção por sobre os plainos viscosos, converteram o virgente tapete da terra em oceano ardente, aonde vinham precipitar-se, já com raugidas, as florestas que tinham sido arrojadas nos ares.

E depois a morte, como se receava

de perder o seu despojo, nem ao menos deixava ao futuro um cadaver sepultado, um geroglífico em que o homem pudesse ainda vir a ler a historia dos primeiros filhos da vida. Entregou tudo ao fogo, — e o fogo devorou sem piedade!

Mas no fim do 4.º dia, quando o espirito do Senhor passando atravez dos globos ethereos, apagava uns e abrasava os outros, como o soprar do soão extingue a luz debil da alampada, e aviva os incendios, tambem o incendio da terra morrerá, e apenas um fragor intimo e sumido indicava ao espirito do homem o terminar d'esse terremoto universal, que tão profundamente alterára a physionomia do globo. E o espirito do homem pensou consigo, que o braço omnipotente, em quanto se estendera aos espaços do infinito para alli semear mundos, deixára escapar a terra da balança de seu poder; e a ultima semente da vida caíra no abysmo do nada. E elle não comprehendia, que ao primeiro fulgor de uma nova geração devessem de preceder as sombras da morte, como as ancias do puerperio ao primeiro vagido d'homem.

E então outra vez soava a palavra do Senhor, e uma nova classe de seres começou de povoar a superficie da terra.

E esse principio animador do universo, esse braço poderoso, que tinha cerrado no punho o milagre da vida, estendia-se agora sobre a materia, e modelava novos seres, não já para viverem fixos ao solo, em que nasceram, mas para rivalisarem em suas acções com a liberdade do pensamento.

E o espirito do homem viu, como do meio do vasto imperio das aguas se levantavam esses seres admiraveis, por quem na sua mente houvera d'antes o affhetar ao impossivel.

Já não era só a materia inerte, que elle via, arrastada por uma força invi-

sivel para o turbilhão dos seres organicos, e depois permanecendo na orbita de seu primeiro movimento, como se lhe fôra vedado subir até o perihelio da vida. Eram os novos seres, que procuravam essa materia organisada, que lho offereciam o seio como degráu para subirem áquelle foco animador porque lá nesse seio por uma transformação intima e mysteriosa cada uma das partes mais diminutas de seu corpo adeptava uma molecula da nova materia, imprimia-lhe o beijo de mãe, e cedendo-lhe a porção, que lhe coubera do elevado quilate de animalisação, descia ao sombrio imperio da morte, contente porque deixava na esphera animal uma herdeira de suas feições.

Innumeraveis *zoophylos*, *vermes*, *molluscos*, e *insectos* (1) appareceram primeiro aos olhos do espirito do homem; e em quanto a *Platycrinites* se elevava do fundo dos mares como rival da palmeira, lá apparecia o *Ecomphalus* rolando por meio das ondas em sua concha espiral toda certada de anneis. E logo o *Asaphus* e *Calymenes* campeavam ao derredor da *Actinocrinites* tufosa; mas para breve serem pasto, apesar da sua durissima crusta, dos primeiros representantes da grande familia dos vertebrados, a cuja frente marchava o *Orodus* com a sua cauda arqueada em semicirculo.

E então de novo se via oscillar a crusta do globo ao som d'um trovejar longinquo e medonho, erguia-se a pouco e pouco, e avultava como espada de gigante, que, adormecido entre o nordeste e sudoeste, procurava levantar-se de seu somno profundo. Eram as montanhas dos *Cabrados*, *Ballons dos Vosges*, *Kerry* e *Sandorniz*, que ao aceno do Senhor se erguiam desde as entranhas da terra.

Seguiu-se um repouso magestoso, o

(1) Como é que nos apparecem aqui os *Zoophylos*, os *vermes*, os *molluscos*, quando no *Genesis* só se falla de *reptis* e *aves*? Foi cousa que já deu que entender a um pequeno geologo, e elle esteve por uma triz a dar em espirito forte. Não se lembrava

que a palavra *reptil* não tinha entre os antigos a mesma significação que entre nós. *Reptilis dicitur qui reptit repero est incedere seu ambulare proprium eorum animalium, quæ parvos, vel nullos pedes habent.* (Faciol. in Cal.) Vid *Lacép.*

tetrico, como o silencio da noite em campo de batalha depois de horrenda matança.

E aquella immensa copia de vegetaes, que ficára envolvida nas ruinas dos ultimos abalos da terra, começaram a depositar-se sobre o *velho gres rubro*, e *grauwacke* a par dos *schistos*, e *calcareo ceruleo*; e assim se formavam esses vastissimos bancos de carvão fossil de mais de tres mil pés de espessura, que nos tempos futuros deviam de ser a principal fonte de prosperidade de uma nação poderosa.

E depois, em quanto as especies de animaes primeiro creados escolhiam es-

tes depositos para duradouro monumento de sua existencia, outras classes de seres animados se erguam das aguas á voz do Senhor (1).

E o espirito do homem viu os mares agitados pelo *Ichthysaurus*, que estendia sob as ondas a sua longa cabeça, onde brilhavam dous olhos enormes como duplo reflexo de meteoro celeste. E elle viu arquear-se-lhe o extenso dorso sob o peso de enormes roios de escama, que deslisavam por elle até mais de trinta pés de distancia.

E logo apoz apparecia o *Plesiosaurus*, typo d'um monstro, que o espirito do homem nem onsára fingir no devnear

(1) Os ultra-apaixonados da *transformação das especies* talvez antes quizessem, que não invocassem a palavra do Senhor para fazer apparecer as diferentes classes de animaes: paciencia! tambem temos as nossas razões.

Esta opinião da *transformação das especies*, que tanto tem dado em que fallar, é combatida por uns como impia e absurda, e quanto ha de má; outros acham-na tão boa e tão sensata, que são capazes de morrer martyres por ella: todos lá tem as suas razões. Os defensores vão á *Embriologia*, á *Geographia botanica*, *zoologica*, á *Embriologia*, &c. &c. buscar argumentos em favor seu; os outros concedem os factos, negam porém a applicação, e querem as especies todas alinhadas como fileiras de soldados: *in medio consistit virtus*.

O que entendem os naturalistas por especie? Ainda até hoje não encontramos nas suas definições mais que um vago indefinido. É mais parecido-nos, que ambos os contendores ligam á palavra a mesma idéa: senão, vejamos. — Qual é o principal facto com que argumentam os *transformistas*? Levam individuos de qualquer dos reinos organicos para um clima diverso, subjeitam-os a influencias e habitos diversos, passados annos acha los-lhe já muito mudados, e passada uma, ou duas gerações a transformação será completa. E que respondem os outros? É verdade, mas nunca teres uma nova especie, e se não fezel com que individuos d'ella sejam fecundados pelos do typo primitivo; não só haverá reprodução, mas até esta tenderá a assemelhar-se áquelle typo: procure fazer o mesmo com outra especie; trabalharás debalde.

Parece-nos por tanto, que uns e outros entendem por especie a serie de individuos descendentes de um typo unico, ou de um primeiro casal. E cremos, que foram esses typos, esses primeiros casais o que Deus criou de materia preexistente, encommendando á lei do *crecêite* o cuidado de povoar a terra. Mas não ha naquelle modo de entender a palavra *especie* o mesmo vago indefinido? Não ha *especies* diferentes, que mutuamente se fecundam? Talvez não: muita especies segundo os zoologistas não são provavelmente senão variedades de uma só especie. Pois que maior differença entre o cão e o lobo, do que entre o

o porco domestico e o javali? A reprodução de individuos fecundos é quanto a nós o melhor padrão para affirir as especies. Seja; e depois? Depois admittimos, que dentro de uma especie podem fazer-se alterações as mais notaveis, e que os primeiros typos creados foram muito menos do que se creê. E daí não podemos ir de *proche en proche* (como dizem os Francezes) até parar n'um unico typo de todos os animaes? Não é esta uma idéa muito mais philosophica? Não é muito mais comprehensivel a passagem de um zoophyto para um verme, d'este para um insecto, d'aqui para um reptil, tudo por uma gradação insensivel em virtude de uma lei de *progressiva perfectibilidade*, do que a criação immediata do *orang-outang* por exemplo? Confessamos a nossa inopia; não comprehendemos melhor. Os que sabem *differenciar* o principio animador do *ourang-outang*, e vão achar o seu *de* na molecula organica da *esponja* são mais felizes que nós. *Integram* pois lá o seu *de* de animalisação, e vão pe'a formula do *successivo aperfeçoamento* achar por *integral definido* o principio animador do homem: cá para nós a *sução differencial* é ainda infinitamente grande, e não sabemos integra-la; manejamnos muito mal os transcendentales. Agora o que sabemos é, que referindo-nos á epocha actual, os factos são a favor da permanencia das especies, mas considerando a questáo em toda a generalidade, não ha factos positivos nem a favor de uma nem a favor de outra opinião. Os que querem achar nos *fossais* argumento a favor da transformação, que nós mostrem os degraus, porque se passou de uma para outra classe. Não os acham por mais que invocar queiram a supposta lei da *continuidade*. Entretanto, apesar de cremos, que a opinião da permanencia val mais de accordo com a letra do *Genesis*, tambem entendemos, que a opinião da transformação nada tem de impia, maxime não a estendendo ao homem.

Não vemos nós ainda hoje as maravilhosas metamorphoses dos insectos? E quem sabe o que nas epochas primitivas se passou? Quem sabe mesmo, se o limo da terra de que o homem foi creado, era principalmente materia organica de algum ou alguns animaes? . . .

de sua imaginação delirante! Era o cisne do pego, que boiava nas aguas do Oceano, ora encurvando, ora estendendo seu pescoço, longo e flexivel como serpente, ao qual por uma extremidade se pendia uma cabeça de jacaré, e pela outra um tronco de quadrupede, mas com pés de *cretaceo*.

É mais além via-se o *Megalosaurus*, o *Iguanodon*, o maior de todos os seres animados até li existentes, o qual confiando ás aguas o penhor da reprodução de sua especie, bem inculcava, que das aguas trazia a sua origem. Symbolo da verdadeira grandeza elle recusava o sustento, que demandava um sacrificio de sangue. Não assim os vampiros d'aquella epocha, os *Pterodactylus*, que já pairando nos ares, já vogando sobre as ondas, já arrastando-se per sobre o solo, espalhavam em derredor de si a dessolação, e a morte. Eram os verdadeiros dragões do mundo primitivo.

É a este tempo vastissimos extractos calcareos se haviam formado desde o *gres rubro* até o *grupo cretaceo* e as *bêtas* metalicas eram immensas em numero. Completava-se a serie dos *terrenos secundarios* de mais de quatorze mil pés de espessura, quando ao surdo ruído, que échoava sob as abobadas da terra em noite de tempestade, e annunciava a subita elevação das montanhas d'Harz, respondia nos tremedaes sombrios o vozeoar do reptil, e nos ares se ouvia pela primeira vez o triste piar do *Butéo*. Era chegada a primeira aurora, que devia de ser saudada por um hymno harmonioso erguido de entre as folhas dos olmos pelos cantores das selvas.

É esse hymno se elevou até o céu, como um voto d'amor, e os chopos dobraram ante elle a sua cupula elevada; e o Senhor o abençoou.

Porque as bençãos do Senhor desciam sobre a obra do quinto dia, e a mais solemne d'essas bençãos era uma benção d'auror

(Continuar-se-ha.)

G. de A.

JORNALISMO LITTERARIO.

La critique est une lime qui polit ce qu'elle mord.

Legouvé.

Dizia um critico francez— «On aura beau faire maintenant et gemir, les journaux sont devenus une des formes essentielles de la pensée : l'Académie, en sanctionnant la presse, c'est montrée intelligente. Il y a tel article qui vaut mieux que tel gros livre : c'est la différence de la petite monnaie d'or au gros sou.» fallando ácerca de M. Saint Marc Girardin, que pelos periodicos se fizera conhecido, não só em politica, o que não admira; não só em litteratura, o que é raro; mas que chegara a ser professor da Sorbonne, o que custa a crer; e até conseguira tal nomeada, que por fim foi sentar-se na Academia com esses titulos de litteratura periodical, o que nunca se vira; e o que foi um crime de lesa litteratura para muitos que por não saberem ao menos escrever para periodicos, maldizem d'elles, dizendo que não querem.

Estamos de acordo com o tal critico. É o jornalismo uma necessidade da nossa epocha:—o pensamento deve ir depressa da cabeça, em que se elabora, para aquelle para quem é dirigido, e os periodicos são os caminhos de ferro com o vapor, empregados pelo pensamento para a rapida communicação das ideas.

A par de muita sensaboria, de muito plagiato, de muita parcialidade, lá vai uma ou outra idea, um ou outro invento, que, a não serem os periodicos litterarios, ficaria reservada para os grossos ou magros volumes, unicamente destinados para a aristocracia dos leitores; e isto na republica das lettras que de sua natureza é democratica!

Não cansariamos os nossos leitores com o relatorio d'estas verdades, se não achassemos que são ellas os argumentos mais cabaes para responder ás objec-

(1) Revue des Deux Mondes—de 31 de Janeiro—art.º de Mr. Labitte.

ções que ainda se levantam nesta nossa terra contra os nossos jornaes litterarios.

«Taes jornaes era melhor não os haver» dizem os que, não podendo já sustentar a these da proscricção geral de periodicos litterarios, fogem para o campo da hypothese dos nossos. Será verdade que são máu,—o remedio é simples, *escrevam*, notando esses defeitos, de arte, ou elles se emendarão, ou o publico desenganado os abandonará: e em qualquer dos casos teremos *critica litteraria* de que tanto carecemos. É este o unico meio de virmos a ter alguma cousa—se a não temos—(o que por suspeitos, e pertencermos á irmandade, de barato concedemos); mas não vamos desapiadadamente fazer guerra traiçoeira.

Estamos muito longe da perfeição neste genero de litteratura não deve ser motivo sufficiente para que desanimemos: tentemos.—Os soldados que primeiro acommettem uma brecha não são os que de ordinario conseguem plantar no cimo da escalada as bandeiras victoriosas, mas deixam por isso de bemmerecer da sua patria? Certo que não: pois se não temos *ainda* hoje em Portugal bons jornaes litterarios, o unico meio de os vir a ter é ir-nos contentando com os existentes; os que depois vierem com a lição dos nossos erros, se emmendarão, e assim progressivamente irá melhorando a nossa litteratura periodical.

O que sobre tudo nós quizeramos ver vigorar louçã entre nós era a tal planta da critica litteraria, que, francamente o dizemos, só conhecemos por ora como exotica: e nisto confessamos nosso atrazo pela difficuldade que entre nós ha de separar a critica do escripto da pessoa do seu auctor.

Estamos certos que muitas vezes não é culpa dos auctores—seriam elles os primeiros a desejar que franca, *leal* e *litterariamente* se lhe notassem os defectos do que escrevem, como unico meio de melhor assentarem a sua reputação; mas o critico, que quasi sempre o é ex-

officio, ou improvisado, que teme a polemica, ou que aneia por alguma *mensão honrosa* dos seus proprios artigos, louva a torto e a direito escriptos e escriptores para depois lhe fazerem o mesmo.

Esta mal entendida reciprocidade de elogios vulgares, e que sómente serve para lembrar a sabida historia dos leigos que mutuamente se tractavam de *Reverendissima*, é uma das causas que no nosso entender, mais tem atrasado o progresso das lettras entre nós.

Um ou outro periodico, uma ou outra vez tem querido sair de caminho tão suave, mas tão opposto ao fim que deve ser o seu, porém infelizmente, *em regra*, estes ensaios sómente teem servido para produzir discussões, que immediatamente deixam de ser criticas litterarias, e que nenhuma honra nem proveito dão.

E a Revista Academica o que tem feito? Nada... mas ao passo que pede a todos os seus collegas a mais franca critica, protestando que serão estes os unicos combates em que entrará, offerece a quem quizer impugnar as doutrinas, que encherem as suas columnas, esse mesmo campo; demonstrado que for um erro ou uma falta, ella se corrigirá, porque nisto quem mais ganha é a mesma Revista; porém nunca trabalhará por destruir.

De qualquer formato, ou de qualquer modo que seja o methodo da publicação, um jornal litterario, uma vez que o seu fim seja tam sómente litterario, é sempre uma obra boa, é derramar a instrucção entre muitas pessoas, que sómente d'este modo a podem obter, ou porque as suas occupações lhes não permitem a leitura seguida e meditada de graves auctores, ou mesmo porque querem ler como desenfado de seus trabalhos intellectuaes e physicos. E que boa obra é não privar tanta gente d'esto bem?

Para o conseguimento d'este fim serão mais aptos os Jornaes encyclopédi-

cos, universaes, ou os especiaes? Tere-mos occasião de examinar este proble-ma, que não deixamos de encontrar in-teressante, litteraria e economicamente fallando: por hoje porém o que não dei-xaremos de dizer é que a mutua critica, de todos os jornaes litterarios é essen-cialissima, alias como emendar-se, e por conseguinte como augmentar esta utilidade de taes jornaes.

A Revista, seguindo a natureza de Academica, respeitará os seus collegas *veteranos*, e como *caloira* espera que a protejam, corrigindo-a, e encaminhan-do-a, promettendo pagar na mesma moeda aos que depois d'ella vierem.

Mas o que a Revista desde já quer, é que o louvavel costume que reina na atmospherá litteraria, em que ella nasceu e vive, se dilate, e que a franca e cordial critica venha substituir por uma vez todos os rancosos elogios ou vitupe-rios dos bandos litterarios, e que postas de parte as pessoas dos auctores, as suas obras sejam louvadas, emendadas ou reprovadas, sem que se vislumbre (por não existirem) motivos pessoais e vergonhosos de egoismo e sordido inter-esse.

S. B.

O BANHO SANCTO.

Desciamos as magestosas e ridentes encostas da serra colossal de nossa Pro-vincia, o velho Herminio Lusitano; e cavalgavamos alegres pelo praino im-menso, donde em gentis e compassados grupos successivos se ergue a mole gi-gante, que lá deixavamos immovel, e soberba após nossos passos, no ponto mais alevantado de sua vasta progressão de montanhas. Impregnados traziamos ainda nossos espiritos com as graves recordações do herço e solar de nossos antigos, que alli nos ficava; e com as frescas memorias de tantos velhos loga-res, e nomes, e ruinas dos tempos he-

roicos de nossas provecas historias, e *mythologias*, desde o grão Viriato; cujo berço visitamos, habitado ainda por independentes e rudes serranos de colos-sal estatura, talvez de sua raça. Iamos quasi no centro da grande bacia, cora-ção da nossa Beira, que as vastas cor-dilheiras da Estrela e Caramulo abraçam em seus arqueados braços immensos, e cujo centro vai desenhando com o lis-trão prateado de suas aguas o placido Mondego; quando um rancho de cam-ponezes de insolito trajar se nos avizi-nha, e outro após este, e mais outro, e cento, até inundarem toda a estrada. Olhavamos magoados para o aspecto si-nistro, e miseravel d'aquelles grupos populares, que todos demandavam como que um ponto fixo na direcção que nos ficava ao norte. Não era a turba folgasã de zagalas e donzeis, que após o adufe e a viola, demandam gaitadeiras e folga-sãs as innumeradas romarias do estio. Naquelles ranchos nem uma viola, nem um riso, nem uma *desgarrada*, nem uma dansa. Era o paralytico en-costado ás suas grosseiras muietas, ou estirado sôbre uma pobre enxerga, o arrastado nos rudes carros incommo-díssimos da provincia. Era o cego en-costado ao seu longo bordão de peregrino, e apegado ao hombro do brégeiro moço da guitarra, ora muda e abandona-da. Era o leproso hediondo, envolto em asquerosos andrajos. Era enfim tudo o que ha de miseravel, cadaverico, e horrivel no physico doente da humani-dade; — e toda esta gente a caminhar sob o sol das caniculas, envolta em nuvens de pocira, por um caminho ca-da vez mais arido e inhospito.

« Onde ides, boa gente? » lhes disse-mos — « Boa pergunta », torna um cam-ponez da nossa comitiva, « tudo aquillo » vai direito ao *Banho Sancto*. É o mila-gre dos milagres, meu senhor; não ha » hi cego, ou manco, ou doente, que ha-ja entrado no poço, que não volva. . . »
« Cego e manco, e doente, como » fui » lhe replicámos nós. — « Ora é

» verdade que sim, mas o banho sancto
 » repete-se tres annos a fio, com o sal
 » bem deitado, a cruz bem feita e com
 » muita fé; e o milagre cura toda a do-
 » ença; bem entendido se o corpo que
 » lá vai não tiver mais que septe males;
 » porque a alçada do Sancto não passa
 » d'ahi; e não vale rir, que septe males
 » tinha meu irmão, ja lá vão dous annos
 » de poço, e está quasi são como um
 » pero.»

Travou de nós a curiosidade; pu-
 chámos para a direita as redeas de nos-
 sos ginetes; e eis-nos trotando de envol-
 ta com a multidão, caminho do *Banho*
Sancto.

A meia legua de distancia da villa de
 Nellas, perto de Senhorim, n'um sitio
 ermo e triste levanta-se um fraco assu-
 de de pedra, que formando una *lerada*
 das aguas de pequena ribeira, as represa
 na extensão de umas dez varas. Ao
 cabo de uma pequena esplanada contig-
 ua á margem alevanta-se uma capella
 da invocação de S. Bartholomeu. Mais
 acima está outra capella da mesma in-
 vocação de mais recente data, onde
 um novo Ermitão disputa indecentem-
 ente com o velho as honras da sancti-
 dade, direcção do milagre, e *rec-
 bimento das offerendas*. A cerimonia do
banho diversifica segundo cada um d'es-
 tes dous impostores, que crearam tam-
 bem o seu scisma nesta crença immoral.

Era a vespera do dia 24 d'agosto,
 consagrado á *sanctidade* do milagroso
 banho. Ao pôr do sol ja á direita e á
 esquerda da rude capellinha em direcção
 á ribeira se estendiam as longas ruas do
 arraial immenso dos Romeiros estropea-
 dos. Uns duzentos carros se viam d'um
 lado, quasi todos cobertos com seus al-
 vos toldos de linho, e os mais garridos
 com as classicas variegadas cobertas de
 algodão bordadas de grosseiro matiz de
 seda. Muitos centenares de cavalgaduras
 se estendiam mais além enfileiradas ao
 redor dos frageis tapumes das fazendas
 circumvizinhas. A multidão offerencia
 aqui um novo contraste. Já não era só

a miseria e doença, que encontramos
 na estrada. Infimidade de curiosos e
 curiosas, de todas as classes haviam
 concorrido das circumvizinhanças a pre-
 senciari o acto milagroso, ou a divertir-
 se á custa da alheia credulidade. Mas
 os aspectos denunciavam as tenções: o
 doente não ria, nem passeava; todo
 cheio da sua fé, esperava com resigna-
 da e grave catadura a hora do milagre.
 O curioso corria os grupos e folgava;
 mais de um taful se ia estacionando
 juncto da mais bella das zagalas credu-
 las, para segui-la ao banho; mais de um
 conceito namorado, ás vezes indecente,
 se trocava no meio d'este misto de
 raças e tragos variados desde o campo-
 nez folgasão, e puro lusitano do Minho,
 até ao rude campino semi-arabe do
 Riba-Tejo.

Até que a sineta da capella começa
 de repicar muito rijo, alongando pelos
 valles proximos o écho redobrado do
 seu argentino tintilar. É meia noite. A
 multidão pára e estremece como levada
 de subito espanto; reina profundo silen-
 cio no arraial. Depois, como que sain-
 do todos ao mesmo tempo d'aquelle
 sobrenatural lethargo, começam de cam-
 inhar ligeiros para o poço da ribeira,
 juncto do assude. Em pequena distancia
 da agua tudo se despe de repente, aban-
 donando sobre a terra o vestido *con-
 taminado do peccado*. Alguma rapariga
 mais escrupulosa vai debaixo de um
 lençol, que duas pessôas da familia se-
 guram pelas pontas, até envolver-se no
 lodaçal do poço. O geral, incluindo os
 curiosos e libertinos, vão completamente
 despidos. Era um quadro doloroso, tris-
 te, e nauseabundo ver aquelle rebanho
 de credulos miseraveis a revolver-se no
 immundo lodaçal de um poço de agua
 pôdre pelo *remanso*, sob o manto negro
 de uma noite escurissima de estio, como
 sombras de condemnados; e a misturar
 naquelle diminuto espaço as excreções
 da lepra, dos carbuncullos, das escrofu-
 las de tantos lazarentos, e immundos
 infelizes, que roçavam uns pelos outros

as suas chagas n'aquelle labyrintho de podridão. Cada um faz a sua cruz sobre a água, e lança algumas mancheias de sal no fundo do poço, mergulha-se as vezes que o benzilhão do Poço lhe há ordenado, e sai a vestir-se com suas novas roupas de *pareza*. Os mais devotos atiram para traz de si o seu vestido, ja dentro do poço, que lá fica a *purificar-se* nas aguas.

Algum tempo depois nasceu a lua, que vinha como que envergonhada de esclarecer com seu radioso luar de agosto, ésta scena estúpida de indecencia publica; em que fazia o primeiro papel a impudente rapacidade de uma *classe*, a estúpida credulidade da outra, a prostituição de grande numero, a curiosidade de poucos. Despontava o sol no horisonte, quando saíam do banho os ultimos enfermos, ficando inda por servir grande numero de devotos, que lamentavam a sua desgraça, porque a noite do milagre havia passado. Mas o arraial lá está inda todo, e cadavêz mais numeroso em redor da capella.

Até que a sineta entra de novo a repicar, abrem-se as portas da capella, e começa a festividade religiosa. Quando vimos subir o Ministro á tribuna da verdade, persuadimo-nos de que ia fulminar aquelle erro tão fatal e anti-christão de tantas almas; mas qual foi o nosso espanto quando o prégador começou de excitar as turbas ao milagre do banho, exaltando as maravilhas da *agua sancta* do poço, e encaminhando os devotos a acompanhar a sua visita trienal de largas offerendas á *capella*; terminando o sermão com uma *licença* que dava ao banho, em nome de Deus!!! para renovar o milagre na noite seguinte!

Saimos indignados d'aquelle recinto; voltámos os olhos do immundo poço, que a palayra de um *sacerdote* do Altissimo ia de novo converter em vergonhoso; leonce, em nome do Creador!!! Pesáva-nos ver que os olhos e mãos da aucteridade civil, e ecclesias-

tica estávam inda cerrados; e não nos divertiamos com o passeio.

Nós, que sempre alegres e folgasões saímos das folgadas romagens da nossa terra, onde o povo crê sem perigo de sua innocencia; canta, dansa e ri em applauso do Creador; e vem gastar alegremente o fructo de suas economias annuaes em prazenteira diversão; hoje, em vêz de alegres, voltámos taciturnos e melancholicos d'esta saturnal impudica, em que o miseravel do povo vem largar seu diuheiro, sua saude, e ás vezes a sua honra, em troco de uma nefanda chimera.

J. F.

(J. D.)

POESIA BRASILEIRA

A DEVOÇÃO PELO CERTANEJO

(Fragmento de uma composição inédita.)

Anda avante ó Certanejo,
Vence o medo dos desares;
Boa sorte te prevejo
Em quanto outra não amares;
E tão boa t'a desejo.

Pois o peito te repassa
Sancta fé que tu veneras,
Deus por ti milagres faça.
E te dê, livre das feras,
Campos fertes, muita caça.

E tu que este orbe donimas
Depara ao aventureiro,
Além das graças divinas
Índios mansos, ricas minas,
Mel de pau, e apim rasteiro.

Ao que s'arrosta ao Certão
Para atravessar a Serra
Da-lhe um dedo por bordão.
E se o van do rio elle erra
Por canoa da-lhe a mão.

E Senhor, mostra-lhe aberta
Sem tropeços, nem ciladas
Do nan gentio, que acerta
Suas frechas disparadas
Quasi sempre bem ervadas.

A picada que em outr' era
Auta trombuda furara
Pelo mato, em que prosp'era
Com caxorros a jaguara,
Ou brazilica pauth'era.

.....
.....
.....
.....

Ao ousado explorador,
Em quanto a ti for temente
Se alta justiça o consente,
Dá protecção, meu Senhor,
Ped'o l'uma penitente.

F. Ad. de Varnhagen.

O POEMA DO CID.

(Continuado da pag. 176)

Dissemos que o auctor do poema havia escolhido a época mais dramatica da vida do Cid, e já o leitor viu que nos não enganámos; é porém verdade que elle não tirou d'isso partido algum: neste poema como acabámos de ver não ha nem invenção nem artificio, e a não nos dar conta, com côr de tanta verdade, das ideas cavalleirosas do tempo, seria o poema para nós despedido de todo o interesse, por que não passa d'uma chronica, que nem rimada é, dos successos e acções do Cid. Neste poema

não se guarda numero certo o determinado de syllabas, os versos na maior parte são alexandrinos ou de 14 syllabas, porém entre estes ha uns que descem até ter oito e outros que sobem até 18, conforme conveio ao poeta. Também não tem symptoma nem de *assoantes* nem de consoantes; o poeta fazia ás vezes 40 e 50 versos seguidos de baixo d'um assoante sem desprezar consoante que lhe viesse, outras vezes como que se enfasiava d'um assoante e logo o abandonava por outro, outras finalmente introduzia versos que se podiam chamar soltos por que não eram nem assoantes nem consoantes. Todavia, apesar d'esta barbara irregularidade, a maior parte dos versos são *assoantes*, (1) rima que os hespanhoes tomaram dos Trovadores tanto do romance Wallon como do romance provençal, e que os trovadores tomaram dos *versificadores latinos* da meia-idade (13). Não é só nisto que a versificação do poema do Cid se parece com a dos versificadores latinos, e tambem na medida e construcção dos versos intentou imita-los porém tão infelizmente o fez, pelos poucos subsidios da época, que a versificação, como vimos, é completamente barbara. A imitação naquelle tempo dos poetas latinos era commum a todas as pessoas doudas, mas nem por isso se julgue que era filha da indole da poesia popular nem em hespanha, nem em parte nenhuma do meio dia da Europa: a indole da poesia popular em toda a peninsula Hespanica pende para o verso de 8 syllabas. Com quanto nos não restem romances populares da antiguidade do poema do Cid, podemos com tudo

(1) O *assoante* é uma rima imperfeita quasi privativa da poesia hespanhola e que ainda hoje lhe é peculiar; consiste na repetição das mesmas vogaes em 2 palavras correspondentes desde a ultima syllaba longa das palavras inclusive — vg. *montanha é assante de caza, contado de brilhante, recto de Pedro &c.* Entre os Poemas Epicos Hespanhoes o unico que conhece com rima d'assoante é o Cid; ji todos os poemas do seculo seguinte de Berceo, do Arcipreste de Hita &c. tem rima de consoante porcm nem elles foram os primeiros que emp-

garam os consoantes, nem os assoantes deixaram d'apparecer então. Os consoantes já existiam na poesia dos trovadores, e os assoantes continuaram a usar-se no romance popular.

(13) O Sr. Ochoa no prologo ao vol. 16 da sua excellente collecção—levou á evidencia que a versificação monomica, ou d'assoantes, não foi introduzida na Europa pelos arabes, mas que já existia desde o seculo 4.º nas poeias latinas. Ja d'ella se veem vestigios no Psalmo de S. Agostinho contra os Donatistas, composto no dicto seculo.

asseverar que a forma octosyllaba foi a primaria e mais usada, por não dizer unica entre o povo castelhano, desde que os Sarracenos nos conquistaram, e que a lingua latina até então vulgar entre o povo se foi pouco a pouco perdendo. É verdade que alguns monumentos que possuímos de poesia arabe, tem alguma cousa de commum com os versos octosyllabos, tanto nossos como castelhanos, porém não é talvez exacto, como quer Conde na sua *Historia de los arabes en España*; que aos arabes devamos esta forma de poesia, mesmo por que os versos que o Conde nos apresenta são compostos de 16 syllabas em 2 hemistichios de 8, o que entre nós são dous versos propriamente taes. Os Trovadores da lingua de *Oui ou Wallona* (14), tambem adoptaram esta forma de versos sem que se possa dizer que d'elles a tomaram os Castelhanos por que a lingua provençal floresceu nos seculos 12 e 13 e já antes d'isso deveram os povos d'este lado da Europa cultivar a poesia. O que é certo é, que a forma octosyllaba não foi adoptada de nenhum povo, está na indole das linguas do meio-dia da Europa, é a mais natural e accommodada no seu caracter, e o povo ou conhece, ou adivinha isto, por que é quasi a unica forma, que emprega nas suas trovas e cantares. O poema do Cid afastou-se d'esta forma por isso não pôde considerar-se um poema da eschola popular. No mesmo caso estão todos os poemas que até ao seculo 15 se succederam ao do Cid, taes como o d'Alexandre Magno, de Millão &c. Todos os homens doutos da epocha, que pertenciam á classe cortezã desdenharam a

poesia do povo, deixaram o romance em poder dos menestres, e puzeram-se a imitar o latim, assim como do seculo 15 por diante se puzeram a imitar Dante e Petrarca, de sorte que poesia Castellhana nas formas e palavras, só a houve quasi sempre no theatro, e fora d'elle só quando se empregava o verso de 8 syllabas. Por isso de tudo o que hoje nos resta, e que os nossos vizinhos compuzeram nada ha mais formoso que os romances cavalleirosos, historicos, mouriscos, e outros escriptos neste metro pelos fins do seculo 16 e seculo 17. Se Gongora continuasse a escrever neste genero que enectára, e em que foi tão grande, o maior de Hespanha talvez, não cairia ao depois na miseria de suas *Soledades*.

Pelo que diz respeito á linguagem d'este poema é ella de tal sorte, que nos revela a lingua na sua infancia, está tão longe da flexibilidade e perfeição a que chegou nos seculos seguintes, e já mesmo do que se descobre nas obras pouco posteriores de Berceo e Alfonso 10, o sabio, que não duvidamos apresentar como verdadeira a opinião de Sancho's, isto é, de que a linguagem do poema do Cid pelo seu desalinho e rudeza tanto na grammatica como nas idéas é um monumento intermedio entre o dialecto rustico dos esturianos e a lingua castellhana do seculo 13, e que ainda hoje fazem, e que então faziam maior differença, por que em quanto que a lingua arabe ia modificando o dialecto gothico-latino nas terras em que esperava a meia lua do oriente, nas montanhas das Asturias com as reliquias do imperio godo se conservava ainda a lingua com que esse imperio acabára na

(14) Pelos annos de 879 foi a Gallia Romana dividida em 2 nações que por 4 seculos se conservaram independentes. Os Westigodos e Borgunhões que habitavam o meio-dia da França chamaram-se Romanos Provençães;—os Francos que habitavam a França septentrional chamaram-se Romanos Waelchs ou Wallons. A lingua dos 1.º chamada lingua d'ar ou provençal floresceu por 3 seculos e desapareceu, deixando alguns reflexos nos dialectos

da Gascuña, Languedoc, Piemonte, e n'algumas provincias de Hespanha. A lingua dos 2.º chamada lingua d'oui deu fundamento á lingua franceza. Uma differença que se deu na litteratura d'estes dous povos é—quasi tudo o que nos resta da poesia dos Provençães é lyrico; pelo contrario quasi toda a poesia que nos ficou dos Trovadores ou arte da França é epico.

batalha do Xerez. É a esta differença, é a influencia do dialecto *bable* ou asturiano sobre a linguagem do poema que eu attribuo a falta de maravilhoso, e d'abundancia d'imagens que se mostram nelle, ao contrario do que se costumava dar nas obras dos arabes. Em compensação d'isto a pintura que este poema nos faz dos costumes e crenças da meiadade, a singeleza de que está repassada essa pintura, a verdade que ella respira, parece que nos leva ao centro do seculo 11, e nos faz viver com a corte, e com as batalhas d'aquelle tempo,—lão natural e tanto ao vivo está feita. Vê-se alli a devoção do vassallo pelo monarcha, o enthusiasmo do cavalleiro pelos combates, o prestigio que acompanhava a bravura, o valor d'uma espada e d'um bom cavallo corredor naquelles tempos de lide, a crença viva do christão; finalmente o poema do Cid está sim despedido de todas as galas que a poesia e o heroe lhe podiam dar, porém é uma chronica de muito mereciemento para o estudo da época, e além d'isso no meio de toda a sua barbaridade ainda se encontram ironias finas, ditos de muito sal, e pensamentos agudos, que não deixam de agradar.

Este poema que contém 3700 versos é o monumento em verso mais antigo que hoje se conhece em lingua hespanhola; conforme o achou e publicou Sanches, conclue com as seguintes palavras,

Per Abbat le scribió en el mes de Maio
En era de mill é C. C. XLV años

No manuscrito achou Sanches a data com o intervallo que apresentamos entre o ultimo C e o X., em que se conhecia uma raspadura. Duvida-se se alli falta um C, que algum raspasse para dar ao poema mais valor o antiguidade, ou se acaso foi engano do copista que primeiro havia posto uma letra que depois tirou; a ser verdadeira a 2.^a hypothese esta data de 1245 corresponde aos annos de christo de 1207 em que elle

foi copiado, que é o que alli propriamente significa o verbo — *Scribio*—porém os commentadores fazem-lhe mais antiga a composição, e reputam-n'o feito no meado do seculo 12, isto é, 50 annos pouco mais ou menos depois da morte do Cid (15). Com effeito o poema do Cid deve reputar-se mais antigo que as obras do Berceo que floresceu em 1220, por que tanto a metrificação como a linguagem de Berceo é muito mais limitada, e 13 annos de differença não traziam tanto aperfeiçoamento. O distincto academico Iriarte quer que o poema fosse composto depois do anno de 1157 fundado em que no poema se falla de maneira que suppõe já morto o Imperador filho de Ramon de Berçonha, Conde de Galiza (Este Imperador foi Affonso 7.^o) que morreu em 1157. Como quer que seja é certo que o poema foi feito entre os annos de 1099 em que o Cid morreu, e o de 1207 em que foi copiado, sendo provavel que fosse pelo meado do seculo 12, por que effectivamente a differença que vai do poema do Cid ás poesias de Berceo é tal que 50 annos não serão bastantes para dar tanto á lingua como á metrificação tal desenvolvimento.

Tambem existe uma chronica das façanhas do Cid impressa em 1552 — Sismondi diz que esta chronica fôra traduzida do arabe, em que originariamente fôra escripta, e que d'ella fôra tirado o poema, que é mais moderno. Porém ha fundamento antes para affirmar o contrario: na chronica falla-se de D. Lucas de Tui e do arcebispo D. Rodrigo, que floresceram no meado do seculo 13, isto é um seculo depois da composição do poema. Além d'isso o auctor da chronica seguindo pontualmente o poema copia muitas vezes as suas expres-

(15) O Poema marca o dia da morte do Cid, mas não o anno.

Passado es deste sieglo el dia do cinquesma
Reputam os commentadores que a morte foi em 1099 a 29 de Maio—dia em que nesse anno caiu o Pentecost'e (cinquesma).

sões e frases, conservando-lhe até os mesmos assoantes.

O maior vulto da Hespanha, n'um seculo tão cavalheiresco como o 11 não podia tambem deixar de ter uma grande influencia no romance, e teve-a effectivamente. Na tradição do povo se conservaram muitos que foram recolhidos e publicados, e seculos depois ainda Sepulveda, Lope de Vega e outros lhe dedicaram suas pennas, o que fez que os romances lendas do Cid subissem a mais de 130.

A. X. R. Cordeiro.

UNIVERSIDADE. (*)

.....
 E de Helicon a Musas fez passar-se
 A pizar do Mondego a fertil herba.
 Quanto pode da Athenas desejar-se,
 Tudo o sobe ao Apollo aqui reserva;
 Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
 Do baccharo, e do sempre verde louro.

Cam. Luz. Cantó 3.º Est. 97.

Neste seculo, em que um espirito de investigação scientifica, e litteraria se tem manifestado em nossa patria, bem como entre as nações, onde as sciencias, a litteratura, e as artes tem feito tão admiraveis progressos, e que não satisfeito com o que já sabe, investiga affanoso por toda a parte monumentos de toda a especie, que lhe possam dar maior luz para achar o mais, que convem e pretende ainda saber, procurando traduzir no passado importantes verdades para o futuro; não se pôde duvidar de que se fará sempre um serviço, bem acceito por nossos concidadãos, todas as vezes que se publicarem

(*) Sob este titulo publicaremos nas columnas da Revista alguns apontamentos historicos d'este estabelecimento, das suas rendas, despesas, reformas, e todas as circumstancias notaveis d'este monumento litterario tão pouco conhecido e tão digno de o ser. Todas estas noticias são extrahidas dos documentos originaes do riquissimo Cartorio da mesma Universidade, e seu arranjo é devido

pela imprensa factos historicos, e documentos, ou totalmente ignorados, ou apenas de muy poucos conhecidos, que possam porqualquer modo auxiliar esse espirito investigador, contribuindo cada um com o seu cabedal, por pobre e diminuto que seja, para se augmentar, quanto possivel for, essa brilhante luz, que ha-de sem duvida guiar para o seguro caminho, por onde se deve chegar á verdadeira civilisação dos povos. Dominados por este pensamento nos arrojammos a publicar por meio da Revista Academica, até mesmo pela razão de analogia com o seu titulo, algumas noticias curiosas sobre antiguidades da nossa Universidade. Já se vê que debaixo d'este titulo não daremos uma historia seguida em ordem chronologica, o completa em todas, e cada uma das partes, de que devia constar, como convinha ao seu objecto: este trabalho está reservado, e compete sem duvida a outra mais habil penna e illustrado engenho, que não deixará de o produzir. Nós porem nos limitaremos a dar somente aqui aquellas noticias, que temos adquirido pela leitura de um acreditado manuscrito, e de alguns documentos antigos existentes no cartorio da mesma Universidade ácerca de varios factos historicos, e antigualhas suas, se assim se lhes pôde chamar; principiado com tudo, como o pede a razão d'ordem, pelos da sua origem, e fundação.

I

Origem e fundação da Universidade.

O abbade d'Alcobaça, e os priores de Santa Cruz, S. Vicente, Guimarães, e Alcaçova, reitores d'algumas igrejas

ao zelo e conhecimentos de um dignissimo empregado, cuja modestia impoz a esta Redacção a obrigação de calar-lhe o nome e não lhe dar um publico testemunho de gratidão por tão valioso serviço. A Redacção nem porisso deixa de tributar-lhe os seus agradecimentos; bem como á Auctoridade Superior Administrativa, de quem recebeu o mais cordial auxilio.

parochiaes, e outras muitas pessoas, assim ecclesiasticas como seculares, exposeram a el-rei D. Diniz a grande utilidade, que resultaria a este reino, se nelle se fundasse una universidade; pedindo-lhe fosse servido fundal-a na cidade de Lisboa, offerecendo-se os ditos prelados, e parochos o pagarem pelos rendimentos de suas igrejas os salarios dos lentes; o que el-rei ouviu benignamente, e tractou de levar a effeito com toda a brevidade.

O Papa Nicolau IV, por bulla de 5 dos Idus d'agosto de 1290, a instancia da Universidade, e intercessão d'el-rei D. Diniz approvou a sua fundação, concedendo á Universidade muitos privilegios; e confirmou a promessa feita pelos dictos prelados, e reitores, para que as suas igrejas podessem ficar obrigadas a esta contribuição, o que foi a tempo, que se tinham já offerecido mais alguns abbados, assim de S. Bernardo, como de S. Bento, para concorrerem tambem para aquella despeza, por assim se achar declarado na dicta bulla.

Nesta bulla ordenou o Pontifice, que o bispo de Lisboa, ou vigario capitular em Sé vacante, dêsse os grãos de licenciado, ou doctor, o que fez a exemplo da Universidade de Bolonha, e outras na Italia, nas quaes os bispos davam estes grãos, e assim se practicou em todas as mudanças, que teve a Universidade neste reino até o tempo, em que el-rei D. João III cometteu esta occupação ao Geral do mosteiro de Sancta Cruz, impetrando para isto bulla da Sé Apostolica, e se chamava este officio Cancellario, assim como havia já muitos annos que se chamava na Universidade em Lisboa, de cujo titulo foi origem, segundo parece, exerce-lo na de Salamanca o mestre-eschola da Sé, por isso que antigamente esta dignidade tinha o nome de *cancellario*, e com elle foi creada a da Sé de Lisboa.

Porem não deu facultade o dicto Pontifice para se darem grãos senão em Direito canonico e civil, Medicina, e

Artes, e exceptuou a Faculdade de Theologia. A verdadeira razão d'isso é, porque a Universidade foi instituida sem cadeira d'esta Faculdade; por quanto naquelle tempo não estava em costume ler-se Theologia nas universidades, porque se lia nos conventos das Ordens religiosas, bem como em todas as Sé metropolitanas, por haver sido assim determinado pelo Consilio Lateranense. 12.º geral.

Não consta do tempo certo, em que el-rei D. Diniz fundou a Universidade, porem parece sem duvida, que ao menos alguns mezes antes d'aquelle, em que se passou a bulla de Nicolau IV, estava já fundada não tanto no material, como no formal d'ella, o que deveria realisar-se por todo o anno de 1289 até principios do de 1290; por isso que a carta, em que os primeiros prelados e reitores pediram a el-rei esta fundação, escripta em pergaminho, e sellada com dezesepte sellos pendentés de diversos modos e figuras, segundo declara o Tabelião, que d'ella passou uma certidão, é datada de Monte mór o novo a 2 dos Idus de novembro da era de 1326 (anno de Christo 1288) e a bulla, que approvou a fundação, e confirmou a promessa dos dictos prelados e reitores, tem a data de 5 dos Idus d'agosto do anno de 1290, como fica dicto.

Sobre o logar, em que foi fundada em Lisboa a Universidade, diz o Chronista Fr. Francisco Brandão, que foi juncto ás portas da Cruz, o que prova com uma doação d'el-rei D. João I, feita em 5 de fevereiro de 1393 ao mestre de S. Thiago, Mem Rodrigues de Vasconcellos, em que se acham as palavras — *às Portas da Cruz em que soem estar as escollas* — e de outra feita por el-rei D. Diniz a 22 de julho de 1291 a Dom Martin Gil, aonde declara — *que estavam a par da pedreira aonde mandava fazer as escollas, e que o mesmo rei mandou dar recompensa ao Cabbido de Lisboa pelo campo da pedreira, que lhe tomou para fazer as casas do estudo.* —

O que consta tambem a este respeito, é que, quando el-rei D. Fernando tractou de mudar a Universidade de Coimbra para Lisboa, entre algumas mercês, que lhe pediu a mesma Universidade, foi uma, que lhe assignasse em Lisboa o mesmo bairro, que d'antes tivera para morarem os estudantes, da Porta do Sol d'Alfama, e de Sancto André adiante, e que seriam as *Escolas da Moeda velha*, como d'antes estavam: o que el-rei lhe concedeu por Provisão de 3 de junho de 1377. Consta mais, que el-rei D. João I, por Provisão de 31 d'outubro de 1393 ordenou, que a mercê, que seu irmão el-rei D. Fernando tinha feito á Universidade das casas da Moeda-velha, tivesse effeito, sem embargo da doação, que d'ellas fizera a D. Mem Rodrigues, mestre de S. Thiago: e por outra Provisão de 2 de maio de 1389 tinha o mesmo Rei mandado, que as suas casas da Moeda-velha se entregassem á Universidade. Finalmente consta, que queixando-se a Universidade a este Rei do Conservador Vicente Domingues fazer audiencia na Sé, como se costumava, quando a Universidade estava em Coimbra, sendo que lhe ficava muito longe das escolas, mandou el-rei por Carta de 23 d'abril de 1397, que lhe fizesse audiencia mais perto d'ellas, e assim ajustaram, em que a fizesse no adro da igreja de S. Thomé. Se a isto se acrescentar, que a Universidade possuia um prazo de casas na cidade de Lisboa, aonde chamam as *Escolas geraes*, sitas na freguezia de S. Thomé no canto da rua direita, que vai de Sancto André para as mesmas escolas á mão esquerda, dizendo-se em uma antiga nota posta a este prazo em 1638 — *que foram da Universidade velha* — parece estar tirada toda a duvida acerca do verdadeiro local, em que ella foi estabeccida na sua origem.

(Continuar-se-ha)

(J. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABBREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 184)

XX.

D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericceira, digno successor de uma casa tão illustre, e abundante de homens celebres na litteratura portugueza e um dos mais elegantes escriptores da historia de Portugal; nasceu em Lisboa em 1632, e foi um dos famosos heroes, que pelos seus feitos militares se immortalisarão na guerra da aclamação, figurando e contribuindo pelo seu talento e cooperação para o feliz exito das batalhas de S. Miguel em 1658, das linhas d'Elvas em 1659, do Ameixial em 1663 e da de Montes-claros em 1665; não tendo menor parte na tomada d'Evora, de Valença, de Alcantara, e de outras praças, sendo General de artilharia: passou a governador das armas de Traz-os-Montes em 1673. Em remuneração de ter derrotado com a artilharia o exercito castelhano na passagem do rio Digebe, o fez el-rei D. Pedro II senhor da villa de Aucião, onde lhe mandou levantar um padrao, que declara isto mesmo, que eu vi naquella villa. Não foi menos habil no gabinete e na politica, que na milicia, sendo em attenção ao seu merecimento, nomeado vedor da Fazenda, e deputado da junta dos Tres Estados. Pelos seus conhecimentos politicos promoveu os estabeccimentos de manufacturas em Portugal, o que lhe deu tão grande nome, que os estrangeiros lhe chamavam Colbert de Portugal. As suas occupações militares, e civis, não o apartaram da assidua applicação ás sciencias, ás línguas franceza, italiana, e hespanhola, em que escreveu com pureza, á poesia, em que compoz elegantes composições, e á historia portugueza; sendo o que escreveu de Portugal restaurado uma historia das mais

bem escriptas que temos, tanto pela elegancia do estylo, e certeza da narraçãõ (sendo testemunha ocular da maior parte dos successos), como pela pureza da lingua de que sem contestaçãõ é mestre. É summamente mudo nas suas narrações, o que alguns lhe reprovam, e que em quanto a mim não é defeito em um escriptor, que se propõe a escrever uma historia particular; e talvez por esta consideraçãõ, pareça que eu deverei fazer mençãõ d'este dignissimo escriptor em outra parte, visto que o seu objecto foi tractar de uma parte da historia portugueza, qual a da guerra, e successos da aclamaçãõ de 1640; no que convenho, mas decidi-me a dar aqui idéa da sua obra, por principiar esta por uma noticia prévia, e summaria dos soberanos de Portugal desde o principio da monarchia. É a este conde da Ericeira, a quem se deve o estabelecimento da famosa livraria, que collocou no seu palacio, hoje dos marquezes do Lourical. Em um violento accesso de melancolia de que foi atacado, se precipitou desgraçadamente de uma janella, de cuja queda morreu em 1690. Compoz

Historia de Portugal restaurado.

Tomo I. Lisboa 1679. — folio.

Tomo II. ibi 1698. — folio.

Ambos os tomos foram reimpressos em Lisboa 1710 folio, e em quatro volumes em quarto. — Lisboa desde 1715 até 1759.

É um modelo quanto ao estylo, e a linguagem pura: a narraçãõ fidedigna, menos no que diz respeito á historia d'el-rei D. Affonso VI, em que é suspeito, por ser do partido de D. Pedro II.

XXI.

Fr. Manoel da Rocha, natural de Castello Branco, monje cisterciense, mestre de philosophia, e theologia na sua religiãõ, e doctor em theologia na universidade de Coimbra, e ahi lente de vespera, Geral da sua monastica

congregaçãõ, e ultimamente academico da academia real da historia portugueza, estabelecimento d'el-rei D. João V em 1720, a quem a nação portugueza é devedora de tantas obras dignas de eterno applauso neste ramo de litteratura. Foi assás instruido no conhecimento da historia; qualidade que lhe mereceu a nomeaçãõ de chronista geral do reino, em o anno de 1740. Falleceu em 1744. Compoz

Portugal renascido: tractado historico, critico, chronologico, em que á luz da verdade se dão manifestos os successos de Portugal do seculo X, &. Lisboa 1730 folio.

Saiu tambem impresso no tomo 10 dos documentos e memorias da academia real da historia portugueza.

É a historia antiga de Portugal depois da invasãõ dos mouros, em que o auctor tracta tambem a historia dos reis de Leão, de quem era pertença Portugal antes da sua desmembraçãõ no seculo XII; e continúa a historia dos reis de Leão e dos successos de Portugal até ser dado em dote ao conde D. Henrique, é deduzido de muito boas fontes, tendo o seu auctor o trabalho de consultar muitos monumentos e escripturas do tempo: razãõ por que merece um logar distincto entre os historicos portuguezes.

XXII.

O Padre Francisco de Santa Maria, natural de Lisboa onde nasceu em 1653, conego de S. João Evangelista, chronista geral de sua congregaçãõ, qualificador do Sancto Officio, examinador das ordens militares, e celebre orador do seu tempo. Nomeado, por el-rei D. Pedro II, Bispo de Macãu, generosamente recusou esta dignidade, morrendo no seu convento de Sancto Eloi de Lisboa em 1713.

Além de outras obras compoz.

Anno historico, diario portuguez, noticia abreviada das pessoas grandes e cousas notaveis de Portugal. Lisboa 1714.—1.º vol. em fol. Lisboa 1744—3 vol. fol.

É obra posthuma, ordenada e publicada pelo Padre Lourenço Justiniano da Annuniação da mesma congregação, natural dos Arcos de Valdevez, Doctor em Theologia, geral da sua ordem, que primeiramente publicou só o 1.º volume, e depois em 1744 o mesmo 1.º, o 2.º e 3.º. É um compendio da historia de Portugal, por mezes e dias de cada anno: comprehende o 1.º tomo, os mezes de janeiro, fevereiro, março, e abril; o 2.º maio, junho, agosto, e setembro; o 3.º os mais mezes do anno. Os dous irmãos D. José Barbosa, e Ignacio Barbosa, justamente tacham de pouco exacta esta obra, que se lê com pouco prazer pela falta de ligação dos factos, e successos da historia, e sómente util para se consultar para a verificação ou recordação de algum facto particular.

(Continuar-se-ha.)

ESTATISTICA MEDICA DE PARIZ.

Do Almanach medico de Pariz do corrente anno deduzimos os seguintes dados estatísticos sobre o ensino e exercicio das Sciencias medicas naquella cidade:

A Faculdade de Medicina comprehende 18 cadeiras, com 26 professores effectivos, 24 aggregados em exercicio, 45 livres, e 800 estudantes.

Entram neste numero 4 cursos de Clinica medica, 4 da cyrurgica, e 1 de Obstetricia, distribuidos nos 4 principaes hospitaes.

Ha 4 Escolas d'ensino practico de ramos especiaes: a Escola practica com 150 discipulos, a de Dissecção, a de Partos com 40 d'epulas, e a de Phar-

macia com 6 cadeiras, 10 professores e 145 estudantes.

Além do Museu da faculdade e do Museu-Dupuytren, ha no Museu d'Historia natural um curso completo de Sciencias naturaes, com 15 cadeiras e professores, e 12 ajudantes.

A faculdade sustenta alem d'esses estabelecimentos um curso especial de Botanica, um Laboratorio chimico, e uma Bybliothecca.

Fóra d'estas aulas ha mais 47 cursos particulares de diversos ramos.—

Academias e Associações medicas 11, das quaes uma ingleza e outra allemã; fora as que tem institutos especiaes, como são as Sociedades de Cyurgia, d'Anatomia, de Phrenologia, e de Pharmacia, e a Academia real das Sciencias de que uma Secção se occupa de Medicina e Cyurgia.—

Hospitaes e hospicios 36.—Associações de socorro 8,—e 22 instituições particulares para o tratamento de varias especies de molestias.

Um Museu d'anatomia pathologica, com sua bybliothecca; um Gabinete literario de Medicina.

Jornaes exclusivamente de Sciencias medicas 22; de Sciencias accessorias 5.

Residem em Pariz 1430 Doutores em Medicina e em Cyurgia, 158 Practicos (*Officiers de santé*), 326 Pharmaceuticos, e 450 Parteiras.

Nas outras principaes cidades dos Departamentos contam-se ao todo 23 Faculdades medicas, com 217 cadeiras, 316 professores e 1033 estudantes.

ERRATA.

Na pag. 169, col. 1.º versos 28 e 29, em vez de

- Pensa que Jesus Christo
- Foi homem por sua Mãe

leá-se

- Pensa que foi Jesus Christo
- Homem só por sua Mãe

(J. D.)

SYSTEMA PENITENCIARIO.

(Continuado da pag. 182)

Em quanto ao segundo problema julgamos a sua solução da maior difficuldade. Parece com effeito um contra-senso o querer-se marcar o praso dentro do qual alguém ha-de regenerar-se, parece immoral o dizer-se ao preso — ou tu continues a ser um preverso como até aqui, ou te regeneres, para pôr termo ao teu soffrimento equivale o mesmo, tanto que passe o praso que te foi marcado na sentença ficarás em liberdade; e parece que o resultado que isto deverá produzir ha-de ser entregar-se o preso a uma especie de indifferença a tudo quanto lhe disserem, fazer o que lhe ordenarem com receio de que lhe aggravem mais o seu mal, porém não pensar em regenerar-se: entretanto sobre este importante objecto, o que sempre fazer é pesar os inconvenientes, ver qual dos systemas tem menos, e sendo possível, escolher um meio termo.

Se se não marcar o praso que deve durar a prisão, e se se deixar aos directores o darem a liberdade aos presos; quando entenderem que estão regenerados, temos que o código criminal é a vontade dos directores, e por conseguinte, pôde haver certeza de que os criminosos hão-de entrar para a penitenciaria, se houver vigilancia da parte das auctoridades; porém essa certeza poucos resultados produz, e equivale a uma incerteza de castigo, por que ninguém ha que não appelle para as relações que tem, e poucos, ou antes pouquissimos são os homens que não cedem, quando não tem a resposta que faz emudecer — eu queria, mas a lei expressamente diz o contrario. E suppondo mesmo que os directores hão-de ser sempre homens da maior rectidão possível, e que por conseguinte, por nenhuma consideração deixarão de fa-

N.º 14—18 d'Outubro de 1845.

zer o que em sua consciencia entenderem, ainda assim achamos vicioso este systema.

Devassar a consciencia de qualquer é defeso aos outros, e por tanto só se pôde conjecturar o que se passa no interior de cada um pelos factos que elle apresentar; d'aqui segue-se que, se o procedimento do preso for regular, se elle cumprir pontualmente com as obrigações prescriptas pelos regulamentos, o director se deve convencer de que elle está regenerado, e dar-lhe liberdade; porém as observações, que na practica se tem feito, mostram que os mais preversos são em regra os que melhor se conduzem, e que soffrem com mais paciencia; e por tanto já se vê que não sendo segura a base, este systema não pode abraçar-se. De mais supponhamos um crime practicado por um homem que teve uma educação regular, que tem uma profissão de que vive, que sempre se conduziu muito bem, e que praticou o crime por que se achou n'uma circumstancia especial, em que de certo não ha probabilidade de que se torne a achar; este homem não inspira receio á sociedade, e por tanto parece que, segundo este systema, não devia ser conservado um só dia na prisão; e com tudo seria um absurdo o dizê-lo.

Nós com quanto não ligemos tanta importancia, como alguns, á intimidacão que a pena deve produzir, não só sobre o culpado, mas sobre a sociedade em geral, porque, como diz Rossi, ella obra d'alguém modo como um contra-peso mechanico aos impulsos criminosos, mas o seu effeito enfraquece-se de dia para dia; com tudo não podemos deixar de convir em que a certeza d'um castigo severo obsta a muitos crimes: por tanto embora o intimidar não seja o fim da pena, devemos dizer que ella deve ser tal que produza este effeito, num*º porém excedendo os limites da justiça.

Todas estas considerações n: s con-

vencem de que o melhor de tudo será fixar-se na sentença o tempo da prisão, porque assim se dá uma satisfação á sociedade, e se assegura a certeza de um castigo; e para evitar o escandalo de ser alguém posto em liberdade, quando pelo seu procedimento se conhece que está no mesmo estado em que entrou, depois de cumprida a sentença, o director deve formar um relatório minucioso do modo por que o preso se conduziu, submittê-lo aos juizes competentes, e estes decidirem o que convem fazer: assim evita-se fazer dos directores juizes; e o preso com a esperança de sair quando cumprir a sentença, fará por emendar-se.

Eis a nossa opinião relativamente á organização das penitenciarias: agora concluiremos o artigo dizendo alguma coisa ácerca dos melhoramentos que se poderão esperar do estabelecimento d'estas casas entre nós.

O systema penitenciario pôde ser considerado por dous lados, — moral, e social: no primeiro caso, temos para nós que o que d'elle se deve esperar fica muito áquem do que era para desejar, e do que alguém acredita: a este respeito estamos pela opinião d'Élam Lynds, que dizia a Tocqueville que só acreditava na reforma completa dos mancebos, e d'alguns, poucos mais, dos menos adiantados no caminho do vicio. É na verdade parece-nos que é necessario desconhecer o coração humano para acreditar, que seja possível a completa regeneração de homens, que de ha longos annos lançados na carreira do crime, tem por combates repetidos vencido d'uma a uma todas as resistencias que sua consciencia lhes oppunha, apagado, ou quasi apagado, esses principios de moral, que o Creador gravou no coração do homem, e suffocado todos os sentimentos de humanidade, de sorte que no acto de praticarem o crime são surdos aos lamentos da victima, e depois de consummado nem um remorso!

Considerado porém pelo lado social,

entendemos que o systema penitenciario é de summa conveniencia para qualquer paiz.

Uma dura experiencia tem mostrado que o viverem os presos em commum, achando-se em contacto com os homens mais preversos da sociedade aquelles cujos crimes lhe são muito inferiores em moralidade, que apenas muitas vezes tinham commettido uma transgressão, é um flagello para a sociedade. Quando assim reunidos, o homem mais distincto é o que melhor soube vibrar um punhal, o que com mais destreza praticou um roubo, o que com mais coragem affronta a opinião publica, que mais desprezo mostra pela auctoridade, e a quem a prisão parece ser menos sensivel; e como entre homens d'esta ordem não se ouve uma só palavra, que não faça encaminhar á corrupção, os que ainda tem algum resto de moral em breve a perdem, e por conseguinte acabam ao sair da prisão por se acharem todos em igual gráo de preversidade: ora o systema penitenciario, acabando a communicação entre os presos, acaba com este grande mal. De mais, aquelles mesmos que se não reformam, mas que na prisão tem aprendido um officio, e contrahido um habito de trabalhar, não reincidem facilmente.

Entre nós ha uma razão fortissima para esperar, mesmo já, mui bons resultados do estabelecimento das penitenciarias, e se o governo se não limitar a crear só as casas penitenciarias, se tiver na devida conta a sorte dos desgraçados ao sairem da prisão, muito melhores se poderão obter. O habito de trabalhar que o penitenciado adquire, se ao voltar á sociedade não acha trabalho, de nada lhe serve, e então mesmo que se tenha regenerado, vendo-se a braços com a fome, collocado na dura necessidade de morrer á mingua, ou de furtar, faz de novo uma violencia á consciencia, entrega-se ao crime, e depois de praticado o pringiro fica outra vez habilitado para toda a qualidade de

desatino; ora em Portugal os braços ainda não sobejam, de sorte que, se temos outros embaraços com que lutar, ao menos nesta parte estamos superiores a alguns paizes da Europa, que dizendo-se muito opulentos, e tendo effectivamente nma industria muito adiantada em todos os ramos, vêem ao mesmo tempo crescer em seu seio, á falta de trabalho, um pauperismo asqueroso, que lhe mina a existencia do seu poder, e que os inquieta mais que tudo; e cullão tendo todos em que ganhar subsistencia não se pôdem esperar muitas reincidencias.

Não é porém só o trabalho que ha-de fazer com que os penitenciados se conduzam bem depois que a liberdade lhes for restituida; é necessario que elles encontrem a sociedade moralizada, que encontrem arraigadas as crencas religiosas, que mais que todos os esforços humanos são capazes de trazer o homem ao caminho da virtude, e de o fazer proseguir n'elle. E com effeito no meio da grande desigualdade de fortunas que existe na sociedade, — quanto ao lado de um palacio soberbo se vê a triste choupana dentro da qual se asila o desgraçado para quem a fortuna foi tanto mais escassa, quanto foi liberal para o que vive juncto d'elle, e que para comer um pedaço do negro pão carece de sujeitar-se a mil sacrificios; quando existem centenaes de familias para quem essa fortuna tambem já um dia se sorriu, mas que de tudo quanto gosaram só lhe resta nma triste recordação; quando a ambição, que a todas as portas bate, excita aquelles mesmos, a quem a sorte dura ainda não perseguiu, e lhe faz conceber odio ao presente, e ver a felicidade n'um futuro que para elles só pôde ter existencia na sua imaginação; e quando finalmente é certo que os meios honestos de passar a vida, e melhorar de condição são bem mais custosos que se figuram ser os meios tortuosos, embora as consequencias d'estes sejam terriveis, — é necessario haver

um fundo de probidade para no meio de tudo isto resistir á tentação do roubo, aos attractivos da prostituição, e em seguida a estes a todos os outros crimes que d'estes são companheiros.

E se a firme resolução de não usar de meios indignos se abalar, quem poderá então sustentar o homem prestes a precipitar-se? O medo da justiça de certo não basta, porque para fugir a esta tem elle as trevas, e tem mesmo outras cautellas, que com mais ou menos risco pode empregar, e então só um poder invisivel, um poder sobre natural, que não carece de testimunhas, que tudo verifica por si, que de tudo pôde pedir contas, e este poder revêdo pela consciencia do mesmo sujeito, se esta se achar possuida das crencas religiosas, so este o poderá conter.

Em que nos pesé porém, devemos dizer que esta sociedade moralizada, estas crencas vivas não as encontramos em nosso povo, e por consequente os resultados que entre nós se poderão tirar do estabelecimento das penitenciarias serão bem inferiores aos que de contrario se poderiam obter; entretanto porque o paiz não está em circumstancias de tirar todas as vantagens possiveis da admissão d'uma instituição não se segue que não deva abraçar-se, logo que se possam tirar algumas, e por isso ainda a pesar d'este inconveniente votamos pelo estabelecimento das penitenciarias.

Finalmente como a sorte dos penitenciados não deve, como acima dizemos, ser tida pelo governo em menos conta ao sairem da panitenciarria, por isso parece-nos muito conveniente será estabelecerem-se colonias penaes para onde os penitenciados sejam mandados por algum tempo, a fim de serem experimentados, e facilitar-lhe assim o serem depois bem recebidos pelos seus concidadãos, pois que o seu bom comportamento alli é nma forte garantia de completa regeneração

Antonio Mendes d'Almeida:

O FIDALGO E O POETA.

Muito divertidos haviam de ser, antigamente, em Coimbra, os primeiros dias do mez d'outubro! Que *engraçadas* brincadeiras se não armavam, e tambem que boas merendas se não comiam aos pobres novatos, que vinham por esses caminhos abaixo, como o celebre *Jan Fernandes*, na sua molinha aguada e felpuda, — tristes, com as saudades d'aquella vida innocente dos montes em que se criaram, corridos e com as faces timidas a corarem-lhes de vergonha pelas chufas e liberdades dos arrieiros — que sempre foi fraca raça de gente — e receiosos pelo que tinham ouvido contar da Cidade, e do que lá se lhes havia de fazer; que ninguem escapava nesses tempos ás apupadas dos Estudantes: diz que nem o proprio rei D. Sebastião se livrou d'ellas quando foi ver as Aulas, e mais não era rapaz com quem se brincasse, — puchava logo pela espada, que ia tudo razo.

É pena que se vá amortecendo tão *elégante e proveitoso* costume!

No anno de 1615 ainda se usavam e faziam trapolias de toda a casta. Os Estudantes corriam, ás ranchadas, pela rua da *Sophia* e pela ponte fóra, uns com businas, outros com arames velhos... era um dia de juizo, um infernal *charivari*, que se accendia por toda a Cidade; e as moças, as namoradas moças coimbrãs, tambem folgavam com aquellas brincadeiras, e riam que se regalavam, assentadas pelos arcaes prateados á beira do mondego, de ver e de ouvir o tropel dos estudantes.

Tudo andava alegre e contente, e quem diria então que havia um mancebo, na flor da idade, a quem estas cousas infadavam devéras? Pois havia-o; aduira, mas havia-o.

No sótão d'umas casas da *Couça de Lisboa* — rua das mais turbulentas nesses dias — n'um sótão acanhado e triste

estava mui socegado ao pé da sua banca de pinho um lindo moço de dezeseito annos; bem se via que pouco se lhe dava, que lhe pesavam as folias de seus condiscipulos. Era lindo realmente o moço! — desalinhado no traço sim, porem uma figura tão delicada, e um rosto regular, e de uma tristeza tão suave!... a bocca, assombrada por um buço castanho escuro da côr dos seus cabellos compridos e meio anelados, e que bem podera comparar-se com um leve traço do ricco pincel de Morillo, compunha-lh'a uma seriedade tão grave, e tão natural!... nos olhos resplandecia-lhe toda a candida nobreza de sua alma... e na frente, alta e pallida, tinha um não sei que de sublime... tinha o genio tão profundamente esculpido...! Era uma cabeça para dar que entender a um bom par de *Phrenologicos*.

Estudaria o mancebo?... Alguns livros estavam abertos diante d'elle, mas as suas vistas desprendiam-se a miudo da leitura, e ora descaíam serenas, como que vergando ao peso da meditação, ora se erguiam ardentes para o céu, a receberem as inspirações, que de lá lhes vinham, — as inspirações, com que Deus engrandece o homem, com que faz do homem a sua imagem na terra, porque o faz poeta — e o poeta cria.

Aquelle moço, Pedro Mendes se chamava elle, era poeta, era o maior ingenho da Academia, o assombro (e quem sabe se a inveja?) dos mestres, a vergonha de muito zangão calaceiro, que por alli andava então, e a esperança dos que sinceramente presavam as nossas letras.

E todavia não foi para as letras que Pedro Mendes nascera. Seu pae era um lavrador humilde; pô-lo a servir, em pequeno, na casa do Carvalhal dos Srs. Coutinhos, e por lá se criou, coitado! o bom do rapaz a apascentar cabras e ovelhas. Quem diria pois que dali se faria estudante — e o primeiro estudante de Coimbra, por certo!...

Quero contar aqui essa historia, que

é verdadeira. Passava, uma tarde, ao pôr do sol o nosso excellento poeta Francisco Rodrigues Lobo pela quinta do Carvalho, aonde fôra de visita — que era amigo velho e particular de D. Gastão Coutinho — e assentou-se a tomar a fresca á sombra de umas aveleiras; estava enlevado a escutar o chilrear dos passaros e o murmúrio de um ribeiro, que alli corria por entre viçosas relvas — que Francisco Rodrigues Lobo avaliava essas cousas, e escrevia-as, como ninguém — quando o despertou de repente uma voz maviosa. Levantou-se, quiz ver quem era, e foi dar com Pedro o moço das ovelhas, que recostado na ponta de uma rocha, vestida de musgo, em quanto que as suas rezes, brancas como a neve, se penduravam a pastar por uma ladeirinha estrellada de flores, cantava n'um tom doce e queixoso umas cantigas singelas e repassadas d'aquella melancolia, que dá tão mimoso relevo ás trovas do nosso povo. Francisco Rodrigues ficou pasmado; parecia-lhe que estava contemplando traduzido para o vivo da natureza uma d'essas scenas *bucolicas* — que andavam então tanto em moda — porque o rapaz, creio que havia de ter seus longes de um *Tytiro*, ou talvez de algum dos mais derretidos: *Aurelios* de Sá de Miranda, ou dos *Sicenos* de Monte-mayor. Chegou-se logo para o pastor e perguntou-lhe com cara de riso: quem te ensinou essas cantigas, moço? Pedro abaixou os olhos com o recato pudibundo d'uma virgem, e còrou. Dize: quem t'as ensinou? anda. — Fi-las eu, sr... respondeu o rapaz — Tu! proseguio Rodrigues Lobo maravilhado, pois tu eras lá capaz!.. — Fui eu que as fiz, sim sr... é verdade.

O illustre escriptor da *Côrte n' Aldêa* não podia crer o que via; ficou-se a pensar... e pensou que muito se poderia aproveitar d'um talento tão bem estreado, e disse por fim ao mancebo: — Oh! rapaz! tu gostas de versos... de cantigas? — Muito sr. muito. — Pois então

queres tu aprender umas muito lindas que eu sei? — Tomara eu! oh! que se as chegára a saber!... e são tristes, meu sr.? — São, são. Ora deixa que hei-de levar-te comigo e ensinar-te a lêr por um livro... — Um livro!... e que cousa é um livro?... — Deixa estar que tu verás o que isso é... Uas-de ir comigo: queres? — Quero, sim sr.

E Rodrigues Lobo foi-se d'alli contentissimo com aquella descoberta; subiu ao colleiro, aonde estava D. Gastão, contou-lhe tudo pelo miudo, e pediu-lhe logo o rapaz, que o queria levar consigo e pô-lo nos estudos. D. Gastão Coutinho era um verdadeiro homem de bem, amigo de proteger todas as boas artes... e mais generoso animo ninguém o tinha. Achou acertado o plano, e fez ainda mais: prometeu que havia de vestir o rapaz, apromptar-lhe o enxoval, e que lhe dava, para comer e beber, *dous mil reis* por mez d'ahi por diante. — *Dous mil reis*, em outro tempo, chegavam bem para um mez, e penso que se tractava a gente como um príncipe; hoje gasta-os n'um dia em charutos, qualquer *elegante* de botequim!

Eis aqui está pois como Pedro Mendes veio para a Universidade de Coimbra aonde hia começar agora a estudar *humanidades*, depois de haver estudado com admiravel rapidez todos os necessarios rudimentos.

Naquelle dia porem em que — como acima referimos — ia tanta assoada pela Cidade, desenfadava-se o ingenhoso mancebo a fazer uns versos, para mandar de mimo ao seu protector — que Rodrigues Lobo não era bisonho, gostava que o seu afillado folgasse com estas cousas, que tão proçitosas são. — Pedro Mendes não ouvia nada; divagava por aquella região de fogo, em que o poeta vê a travez d'um prisma infelicitado — a terra, como a vira Gesner, o mar, como o vira Lord Byron, o inferno, como vira o Dante, e o céu, como

o vira o magestoso Mylton. Não ouvia, mas não teve remedio senão ouvir, porque o molim era agora na escada das casas, onde morava. Ergueu-se, deixou uma sextina em meio, chegou á porta do sótão, e deu com um robusto mancebo, que seguido por dous lacaios, acabava de aprear-se d'um formoso cavallo russo. Vinha para a Universidade tambem o mancebo; e bem se via que não passára a ponte sem a affrontosa saudação das buzinas, porque se lhe divisavam uns laivos roxos de cólera nas faces sádias, prosaicas, e lustrosas como duas romãs. Trazia particular recommendação para o Reitor, d'um seu tio arcebispo, que teimára em o destinar para os estudos, o que mal se compadecia com a nobreza genuina do seu sangue, e com as idéas de sua mãe, que, a cada passo, lhe pregava como D. Urraca, a mulhier de Gil Carril:

Os teus grandes avós, que gram illustres, Sabiam de cavallos, não de livros.

E de cavallos sabia elle como um homem; e de caça tambem, e de varrer uma feira com um pau na mão, e de fazer espirito á portugueza com as moças, pelas romarias. De quatro irmãos, que eram em casa, foi elle o que sempre se deu mais a estes *deliciosos passa-tempos*. O mais velho disfructava em descuidada paz o seu morgadio; o segundo era conego, por seus peccados; e o terceiro era frade Bernardo — um digno Bernardo! com um cachão!..... Este mais novo, o sr. doctor, como já lhe chamava o tio, era a perola da familia, era um typo do fidalgo da nossa terra, no *bello-ideal* da epocha.

Porem não se pense que pertendo desaccatar aqui a nobreza hereditaria de Portugal. Não, srs. — Respeito-a, e respeito-a muito; porque, ao menos, essa.... não tem *pretensões*, — que nós estamos na era d'ellas — respeito-a, mas quizera vê-la elevar-se na sociedade pela sua illustração, como se eleva pela recordação gloriosa dos feitos de seus maiores.

(Continuar-se-ha.)

Pereira da Cunha,

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA E ESTADISTICA.

(Continuado da pag. 184.)

Se do exame geral, que fizemos ao Compendio do Sr. Forjaz de Sampaio, passassemos ao particular e intrinseco d'elle, teriamos que dar a este artigo uma extensão, que os limites do jornal não comportam: contentar-nos-hemos portanto com algumas considerações que nos parecem mais importantes.

O Sr. Forjaz de Sampaio tere que lutar (como já dissemos, e de novo diremos) com a fatal disposição da lei, e com a deficiencia da organização dos estudos. Não irrogamos censura á Universidade de D. Diniz, de D. João 3.^o e de D. José; temos em mui subida conta a honra de havermos sido seu alumno, e será sempre com saudade filial, que nos lembraremos agradecidos dos favores, que lhe devemos: mas os tempos são outros, as necessidades intellectuaes augmentam, variam, e tomam novos aspectos, e se como diz um sabio Publicista e socio nosso — o Sr. Silvestre Pinheiro, — a civilização consiste no maximo das necessidades com o maximo dos meios de as satisfazer, é mister que a Universidade augmente os seus meios de satisfazer as necessidades novas, para que seja civilisadora. É um anachronismo litterario e politico, que o curso de Direito seja habilitação para tantos e tão diversos ramos da gerencia dos negocios publicos (e assim mesmo oxalá essa habilitação fosse requerida): ou se hão-de accumular materias e para isto, serem todas ellas tractadas com apoucadissima extensão e desenvolvimento, ou então haverá sempre difficuldades invenciveis para classificar as cadeiras da Faculdade em razão da sua importancia, ou da sua natureza mais ou menos *preparatoria*. A cadeira para que é destinado o Compendio a que nos referimos é uma prova d'isto, em tres annos consecutivos tem andado a viajar, e Deus sabe onde parará, e

porque? Parece-nos que a razão está em que enquanto este augusto monumento litterario de Portugal não contar mais um ramo de ensino — o das sciencias administrativas, e enquanto a cadeira de Economia for um mosaico, será mui difficil classificar esse ente híbrido. Ora se affigurará uma sciencia preparatoria, e ella desterrada para junto de Guineer e Macarel; mas como lão-de os principiantes (graças ao nosso ensino secundario) entrar em questões de Bancos, papel-moeda, liberdade de commercio &c. &c.? De nenhum modo. Passa para annos mais adiantados, mas ali já os escolares estão muito positivistas, o tempo escassa, a legislação offerece mais interesse, e *mesmo estão mais habilitados para esse estudo*, e por conseguinte a cadeira de Economia torna-se accessoria, a par das de Direito romano, civil, e commercial portuguez. Impossivel por tanto de collocar a Economia em logar proprio e proficuo, porque o não ha. O Sr. Forjaz de Sampaio sente isto mesmo, e bem ardentes votos faz na sua Introducção para que se dê remedio a este mal; nós tambem o desejamos, — temos muito peito a gloria da Universidade para não o desejarmos assim: mas no entanto o Sr. Forjaz de Sampaio foi victima d'este mau systema; victima gloriosa, porque difficilmente algum outro faria *mais milagres* (apraz-nos repetir este termo, unico que encontramos apto para denotar as victorias d'esto exímio auctor) mas o *MULTUM IN PARVO* está hoje desterrado para os cartões de pennas metalicas.

Como não queremos aventar uma proposição sem a comprovarmos, pedimos que se lêam os §§ 20—24 dedicados á historia da sciencia, e perguntaremos se cada uma das suas linhas, e diremos mesmo, cada uma das suas phrases não podia ser epigraphie para um extenso capitulo, sem cairmos nos palavrosos e ocios discursos de Say?

Duas paginas poderão conter o de-

senvolvimento d'essa sciencia, cujos germens, plantados no coração e no espirito do homem, apparecem desde os primeiros momentos da vida da humanidade, mas que depois se tem desenvolvido, e tem extendido suas ramas de tal arte, que nenhuma questão social e politica se possa agitar sem que se encontrem? Como comprehender em tão pouco a descripção das necessidades sociaes, que por mal estudadas pelos theoreticos, e desprezadas ou desconhecidas pelos estadistas, deram origem a systemas tão varios? Tractaram uns e outros de tosquarem os ramos pelas phantasias das suas imaginações, ou das suas paixões, mas apesar de tantos estorvos, a verdade zombando de todos elles, e talvez mais robustecida por elles, tem pulverisado theorias, systemas, e legislação, e segue ovante na sua marcha progressiva. Poderá a exposição chronologica e philosophica de todos estes factos ser comprehendida em tão poucas linhas? Julgamos que não.

A exposição da theoria da renda, que apesar do seu estylo cerrado, e talvez mesmo nimamente conciso de Ricardo, deu margem ao seu extenso tractado, poderá conter-se em tres paginas (Vejam-se os §§. 125 a 131)? E isto ainda cortando as outras theorias que por menos importantes, por falsas, ou mais modernas, não tenham o direito de occupar logar em um Compendio.

E no entanto é esta uma das partes da obra do Sr. Forjaz de Sampaio, a a que tributamos mais sinceros elogios; sómente depois de lido e meditado, é que nós emittimos a nossa fraca, mas franca opinião. Parece impossivel que em tão pouco se pudesse dizer tanto, o tão bem. Os principios são certos, as consequencias são deduzidas com um tal nexu, ordem, concisão, e clareza, que não temos expressões para manifestarmos a nossa admiração.

É um prodigio de talento lucido este trecho da obra, e por elle se o

publico não conhecesse o auctor poderia avaliar a força gigantesca do genio, que se revolve oppresso sob tão pesadas e estreitas cadeias. Mas falta desenvolvimento a este ponto aliás importantissimo das sciencias economicas.

Apointámos estes dous exemplos, por mais frisantes, e pertencerem á Economia theorica; pois em quanto á theoria da Policia economica, todo o talento e saber do Sr. Forjaz se amotra em haver podido apresentar o que apresenta em tão estreitos limites; e para exemplo apontaremos a Secção 5.^a do cap. 26, para evidenciar que pôde no estreito espaço de seis paginas incluir a materia das *prohibições*: o que no entanto não deixa de ser excessivamente conciso.

Não nos parece que o methodo adoptado nesta nossa Universidade de supprir com explicação oral o que falta no compendio que serve de guia, suppra á concisão d'este, e d'este modo se obvio aos inconvenientes que notámos: porque essa explicação quando *escapa* por parte do Professor aos perigos de ser, por concisa—arida e esteril, ou por ampla—confusa e impossivel de reter, traz consigo a difficuldade d'o ouvinte reduzido ás pouquissimas linhas, que *materiamente* formam a lição, ter que optar pelos apontamentos, —que collidos sobre o joelho, quando não induzem a erros, pelo menos são insufficientes, —ou a recorrer a expositores, cujas doutrinas se vão ler em um capitulo, só porque a inscripção d'elle corresponde á materia da lição, sem attender (nem é possivel na maioria dos casos) aos antecedentes e consequentes; e se é ponto controverso, duplica-se ou quadruplica-se a difficuldade. É mister estudar as razões de uns e outros, comprehendelas, compara-las, formar um juizo, e formula-lo de modo que possa ser *brilhante* a seu enunciado: e quem faz e pôde fazer isto, sobrecarregado de outros trabalhos, ainda quando não falleçam vontade, talento, livros &c. &c.?

A experiencia responderá, que o que succede em casos taes, quando o Compendio em concisos e logicos enunciados não expoe as razões de um e outro lado, é que se busca um expositor, que com pensamentos *brilhantes*, exemplos altisonantes, e estrondosos nomes, tracte do assumpto, e á força de malbaratear tempo e memoria, no outro dia se repetem papagueadas paginas, cirzidas, Dens sabe como

O Sr. Forjaz de Sampaio em muitos pontos é digno de citar-se a este respeito, e como specimen apontaremos o cap. 20 a respeito do inconveniente das machinas. Porém mesmo a par d'este notaremos o cap. 19 como prova do que acima dissemos; porque tractando o Sr. Forjaz de Sampaio da Povoação, expõe os argumentos em favor da opinião de Malthus, abraça a opinião d'esse *celebre economista*, e diz-nos que o seu systema fôra *apoiado e contestdo por muitos*, porém não aponta os argumentos d'estes *muitos que contestaram*, e entre os auctores citados no fim do capitulo não deparamos com o nome do Sr. Silvestri Pinheiro, que impugna fortissimamente tal systema.

Notamos com franqueza estes defeitos mas desde já devemos responder com a nós mesmos respondeimos. A quem devem ser imputados? A quem quizerem, menos ao auctor do livro. Talvez pareça paradoxal e inaudito que o auctor de um livro não seja culpado dos seus defeitos. Seja-o muito embora mas o certo é que quem tem de escrever, sobre *todas as materias economicas e sobre estadistica*, um livro pelo qual se dêem *umas com lições* (quando muito) de meia hora de explicação cada uma, não pôde fazer mais.

E bem haja o Sr. Forjaz de Sampaio, que dotou a nossa Patria de um Compendio de Economia tão bello. Não julgue de menos preço um serviço tão abalisado, por fôra não os ha que lhe cheguem na reunião de tanta cousa boa haja vista o reduzido quadro abraçado

pelo Economista Rau, e o desenvolvimento que assim mesmo tem o seu Manual. Uma reflexão, nos parece, que deverá surgir da leitura d'este Compendio, e é a demonstração da necessidade de dar maior desenvolvimento a esta classe de estudos, unico meio de dividir os differentes ramos de uma sciencia tão vasta. Qualquer que desapassionadamente ler o Compendio do Sr. Forjaz de Sampaio, não poderá deixar de ficar persuadido, que nem sempre apparecerão luctadores, que tão habeis como elle, possam tornear difficuldades, eritar abysmos, e arrostar empresas semelhantes, com esperanza de victoria.

Mas não haja lei que obrigue a impossiveis, é axioma que pareço inutil repetir, mas o caso é que não anda muito em lembrança. Um tractado, theses ou seja o que for *de omni scibili*, foram possiveis, e um Portuguez d'esta cidade sustentou-as ha dous seculos; mas hoje (damos de barato que em algum tempo podesse ser) seria loucura; pois querer, que em um curso só, se ensinem e aprendam todas as partes da Economia, e além d'isso a Estadística, é querer um cousa semelhante ás theses *de omni scibili*.

Anime-se por tanto a utilissima e heroica empresa do Sr. Forjaz de Sampaio, admire-se, por se lhe fazer justiça, o seu optimo trabalho; mas façamos votos porque outros tempos e organização de estudos permitam a este ornamento da Universidade o poder dar todas as largas ao seu solido talento.

Remataremos este artigo com duas palavras á cerca dos *Primeiros Elementos de Estadística*—sciencia ainda mais nova e desconhecida entre nós do que a Economia, e de que muito se carece de animar o estudo, indispensavel no regimen do estado, não havia com que encaminhar os primeiros passos dos que se dedicassem ao seu estudo. O Auctor satisfizes *completamente* a esta necessidade, e no entanto esta parte do seu Compendio pelas mesmas causas que apontamos

será pelo regular inutil na cadeira para que *nominalmente* se destina, porque ou não ha tempo para se chegar até lá, ou é em época em que a frequencia das aulas se torna pela reunião de muitas cousas, o cumprimento de uma cerimonia.

S. B.

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA.

POR

Castilhos—Antonio e José.

Para pôr peito aos conceitos, ás hyperboles, aos gallicismos que iam inundando, esterilizando, e consumindo o nosso Parnaso, e todas as nossas letras allevantou-se a Arcadia. O campeão mais valente e que até mais tarde batalhou por parte d'ella em tão glorioso empenho foi Francisco Manoel do Nascimento; não se pôde, já não digo fazer a historia da lingua, mas nem sequer fallar d'ella sem que logo nos não acuda á memoria, como bom mantenedor de seus foros, isenções, e belleza, o nome de Filinto Elysio.

Não sei se em tão porfiado esgrimir foi elle cavalleiro que nunca desse botes senão portuguezes de lei, talvez que o mesmo rancor o levasse, rarissimas vezes, a algum bote falso;—ligeira sombra em quadro de tanta luz, que importa? Pagou em lusitanismos puros, em latinismos aheridos pela indole e origem da linguagem, pagou de sobejo os poucos esquecimentos, porventura tidos nas tristes horas de amargoso exilio, já cansado de lidar e luctar com estrangeiros no ultimo quartel da vida. Quem sabe se á injustiça e ingratição da patria cabe mais essa culpa do que a elle? Talvez deva receber Portugal essas manchas como herança de velipendio testada pelo proscripto.

Um segundo reparo lhe toem feito os entendidos, e é que a poder de galas e

louçanias, de flores e joias, de riqueza e primores saiu a linguagem de Filinto mais garrida do que era mister, porque em vez do asseio de matrona sisuda se lhe descobre o arrebicado de bailarina requestada; quiz mostrar abundancia e caiu no luxo: mas como não ser assim? Filinto não era legislador pacifico decretando vocabulos, geito e feição de frases e periodos, era soldado que pelejava, e que, offendendo e defendendo-se, ás mãos cheas se via constringido a arremessar as armas todas; não era uma acção, era uma reacção combatida e até apupada por vezes; não havia remedio senão abrir as comportas á represa e deixar ir tudo mas que fosse de mais. Que lhe joeirem, que lhe limpem o seu riquissimo celeiro é de razão, mas entenda-se, diga-se, escreva-se, proclame-se por todos os modos e formas que nesse celeiro, que para a sua patria andou por tantos annos ajunctando Filinto, está um thesouro para a lingua de hoje como esteve a salvação para a do seu tempo. Francisco Manoel foi o Noé da linguagem patria, salvou na sua arca tudo até os reptis, mas com estes tambem foi salvo o genero mais nobre: escapou do dilluvio dos gallicismos, hyperboles, e conceitos toda essa geração legitima por onde ainda nos chamam portuguezes.

Apoz aquella epocha de perseguição da lingua, em que Francisco Manoel foi apostolo, confessor, e martyr, veiu outra de não menores perigos para ella, de maior gloria ainda para um novo campeador: esta epocha foi a das nossas transformações politicas. O antigo viver abalado pelos fundamentos; encarnada, ou enxertada na velha arvore uma sociedade nova, que lhe trazia seiba de longes e diversas terras; idéas, factos, costumes, e leis, tudo de feição novissima, fôra quasi impossivel que as peregrinas fallas não viessem com os que vinham de peregrinar, e que se não carecesse de novos vocabulos onde apparecia tanto pensamento novo.

Não sei que occulta relação pôz Deus entre duas tão heterogeneas cousas como são — politica e litteratura; parece que para mortacs inimigas deveram existir, e todavia nunca a politica desfaz, refaz, ou contrafaz um povo sem que a litteratura d'esse povo se não desfaca, refaca, ou contrafaca a seu exemplo e por influencia sua. Desfizeram-se e refizeram-se as *formas*, contrafez-se a *essencia*, e por consequencia forçosa a lingua andou, e ainda anda em partes, á mercê das vagas, ora topando em parceiros e baixios, ora navegando segura á beira d'antigas praias.

É nesta incerteza o que não tem ella padecido? Que ás necessidades se lhe acudisse bom era; quando o espirito concebe uma idéa e não acha com que a vestir na lingua, venha o vestido novo que razoavel desculpa tem, mas que das galas proprias nos despojemos para de estrangeiros enfeites nos arrebicarmos é, sobre desnecessidade, ingratição e loucura. Com duas poderosissimas armas — os jornaes, e as novellas, ali se ha podado enxertado, cortado, recortado, desfolhado, e desnaturado a pobre lingua portugueza mau grado seu, e d'alguns, poucos, bons engenheiros, que debalde pregam com o exemplo contra a furia traduzideira, e contra a *pressa* com que se escreve.

A' frente d'estes poucos, como engenho que mais e com mais constancia tem batalhado por levar de vencida jornalistas e traductores, á frente d'essa cruzada em prol da lingua está o Sr. Antonio Feliciano de Castilho: é elle o novo campeador, o novo Filinto, que, sem as maculas do primeiro, tem como elle a mesma fé, a mesma força, o mesmo amor, e o mesmo odio. Os inimigos do segundo são mais fortes, mas por isso a providencia lhe deu broquel inteiriço, d'uma só peça, e montante de dons cortes finissimos; nem os tiros lhe passam do escudo, nem falha um só golpe do seu braço.

A gloria d'este novo cavalleiro é

maior, já eu disse, porque Filinto não teve tamanhas difficuldades, Filinto ainda não tinha a lutar com o jornalismo que vai rapido de um a outro angulo do reino levar a proclamação contra a lingua, e que á mesma hora em diversissimos logares cria milhares de proselytos; não havia ainda essas emprezas vergonhosas de traduzir, traduzir, traduzir tudo para lingua que nos deshonra, e de lingua que todos entendem; nada d'isto havia, e tudo isto houve para o Sr. Castilho que teve de oppor ao jornalismo o jornalismo, e que por elle tem senicado a verdadeira linguagem; não traduziu novellas mas traduziu Ovidio, e por sua penna e por quantas pennas pôde alistar sob sua bandeira não ha trincheira inimiga onde não tenha ido combater: — a victoria é ainda duvidosa, a gloria é já certa para o Sr. Castilho. É duvidosa a victoria, repito, os ledores das traducções francezas são em maior numero, mais cerrados do entendimento e vontade do que os ledores das Metamorphoses; muitos jornaes, escriptos *com pressa*, alastram-se por esse reino, algum escripto *de vagar*, corre perigo de nem achar onde se desdobre. Não escapára á perspicacia do defensor da lingua nenhum d'estes tropecos, mas arrostou-os sempre crendo que melhor era accender pharol mas que para poucos servisse em mares tão verdes, do que deixar ir ao fundo toda a lingua portugueza. Neste empenho anda trabalhando, quasi que desde menino, em quanto até agora tem saído da sua penna illustre, e hoje não contente com repartir commoço todo o thesouro que o estudo lhe accumulára na alma, quiz dar-nos as proprias fontes onde enriquecera.

Com seu irmão o Sr. J. F. de Castilho emprehendeu o distincto poeta mais um feito, um nobre feito em favor da lingua de *Camões* e *Barros*; este feito é a *Livraria Classica Portugueza*. Foi uma inspiração famosa a publicação dos excerptos dos nossos mais gabados prosado-

res e poetas; quem ousará d'ora avante desacatar a lingua se todos a podem saber?! quem deixará de ser portuguez diante de *Bernardes* ou de *Garcia de Rezende*? — Já que me não respeitae porque ainda vivo, disse o Sr. Castilho aos bastardos da linguagem, respeitae ao menos as cinzas d'esses hommens, — e atirou-lhes á face com os cadaveres dos melhores d'outro tempo; foi um bello pensamento, e uma generosa acção. Desejaria talvez alguém que em vez dos excerptos se dessem antes á estampa todas as obras completas dos nossos classicos; o desejo é portuguez, mas o pô-lo por obra não só não preenchia os fins diversos a que se os collectores propuzeram, mas não fôra talvez cousa para Portugal com a carostia das nossas typographias, com a falta que temos de papel, e sobre tudo com a nenhuma venda que era de esperar para obra tão collossal. Os Srs. Castilhos comprehenderam bem o seculo e o paiz em que vivem; a nossa geração é *pobre, preguiçosa, e movida por vapor*; *pobre*, deram-lhe uma livraria barata, *preguiçosa*, pouparam-lhe o trabalho de estremar em muitos volumes de um auctor o que nelle havia de melhor do que nelle havia de fastiento ou inutil, *movida por vapor*, prepararam-lhe pequenas doses em que não gastasse muito tempo, que mesmo *a andar* se devorassem, que se podessem sorver d'uma só aspiração. Sirvam de exemplo os já publicados excerptos de *Bernardes*; temos hoje um *Bernardes* legivel, portatil, agradável, proveitoso, e por 840 r.^o, em vez d'um *Bernardes* massudo, insoffrivel, indigesto, incompleto as mais das vezes, e em que era preciso dispender de quatro a cinco moedas. Não parou só nisto porém o serviço e o beneficio da *Livraria Classica*; a vida de cada auctor, e um juizo critico das suas obras faz travar conhecimento entre o leitor e o classico, e ensina a conta em que deve ser tido; — a *vida* diz que sujeito fôra o auctor com quem conversamos; o *juizo* diz

que logar elle occupa na republica litteraria; a *vida* revela o character, os affectos, as paixões, as virtudes, os vicios do homem; o *juizo* descobre-nos as graças, os defeitos, a sabedoria, os erros, o preço do escriptor. D'aqui resulta um dobrado auxilio para o manuscador dos excerptos e é que pelo homem ha-de conhecer, entender, explicar, aproveitar, e desculpar o escriptor; pelo escriptor desculpará, aproveitará, explicará, entenderá, e conhecerá o homem. Veem junctas e sem raia que entre si as divide estas duas cousas, e muito de industria, cuidando eu, que veem junctas; quiz o Sr. Castilho, não as estremando, que não as estremassem tambem os leitores, como quem sabe o que o homem influe nas letras e as letras no homem; quiz que não separassemos os dous entes porque elles fazem um só, e porque de um para outro tiravamos luz que seguissemos ou deparavamos com perigos que evitassemos: — são duas lições d'onde resulta um só preceito.

Mas será um só tribunal, ou antes um só juiz, bastante para sentenciar prosadores e poetas? Quando prosador e poeta fôr o juiz, é a resposta. E quem ousará negar ao auctor dos *Quadros Historicos* o direito de julgar prosadores? De julgar poetas nem sequer o hei-de perguntar, não hei-de citar uma só joia do diadema do poeta: — o nome do Sr. Castilho é a melhor prova da competencia do juizo.

Na verdade se a *Livraria Classica*, com todos estes predicados, não fôr popular, não entrar em todas os gabinetes, não poisar em todas as estantes, não andar em todas as mãos não sei que obra o deva conseguir, nem que maior testemunho se possa dar de desleixo e desamor das letras e lingua da nossa patria.

Não cuidem porém que o que deixo dicto é recomendar a *Livraria Classica*, esta obra recommenda-se por si e pelos nomes de seus collectores; o meu

fim foi só pagar aqui um tributo d'admiração a quem sabe sempre fazer obras taes que não só se libertam da censura mas prescindem dos encomios.

J. de Lemos.

(J. D.)

A POBRE DAS RUINAS

DRAMA EM 3 ACTOS E UM PROLOGO.

Do Sr. Mendes Leal J.

A questão das escholas, é uma questão palpitante para nós; abandonada, como todas as nossas cousas, a vagas declamações, a considerações banaes, e sem alcance, não foi desenvolvida em proveito da arte, como podia e devia ser; e a arte, e o publico tem perdido muito com essa condemnavel negligencia.

Apontamos isto como um facto, sem que pretendamos preencher esta lacuna; e ainda que estivessemos em circumstancias de o fazer, não cabia nos limites d'uma rapida analyse.

A que eschola pertencerá a *Pobre das Ruinas*? Julgamos não nos enganar, dizendo que este drama é eclectico: pela idealidade d'alguns personagens, pelo sentimento lyrico, e poetico, aproxima-se do genio allemão; pelos contornos firmes e determinados com que estão delineados outros, tem pontos de contacto com a nova eschola franceza; e todavia no fundo do quadro ha algumas figuras, em que ressumbram feições portuguezas, que não pertencem a eschola alguma, que só se apprendem e estudam na historia.

É necessario convirmos d'uma vez, que o clima, a lingua, o governo, e sobre tudo as tradições historicas, tendem forçosamente a separar as nações; e que estas differenças essenciaes, hão-de revelar-se principalmente na arte; querer pintar D. Nuno Alvares Pereira como o condestavel Bertrand Duguesclin, ou Oliveiu Clisson, é tão ridiculamente ab-

surdo como o querer transplantar para a nossa terra *Nôtre Dâme* de Pariz, e Versailles.

Os homens assemelham-se muitas vezes pelo character, pelos sentimentos, e paixões, mas a expressão dos sentimentos, das paixões, e do character sobre o paiz, a época, e os acontecimentos, é que se devem manifestar d'um modo diverso, e influir poderosamente no lugar, que lhe deve ser marcado na historia de cada uma das nações.

O Sr. Mendes Leal já tinha previsto o alcance d'esta verdade n'alguns dos seus dramas anteriores, mórmente em dous que nos parecem mais favorecidos d'uma feliz inspiração, e é um estudo consciencioso da historia — *O Pagem d'Ajubarrota*, e *D. Maria de Alemcastro*.

Vamos examinar agora como neste seu novo drama attendeu á historia, á verdade dos caracteres, e ao estudo do coração.

Quando o drama se passa n'uma época aprasada, quando associa alguns personagens a um grande acontecimento historico, o auctor tem rigorosa obrigação de nos desenhar alguns traços da época. Isto é, convem que por um lado se nos pinte o individuo moral e intimo obrando entregue á mercê das leis da sua organização, e a verdade do seu character; e que por outro se nos mostre o individuo social, dominado pelos costumes, e os acontecimentos, e as crenças da época.

D. Fernando, como homem social, representa uma feição caracteristica d'aquelle tempo; é o soldado escapado dos arcaes d'África, commovido pelas tradições gloriosas do passado, gemendo sobre a escravidão da sua patria, crescendo em brios contra a tyrannia dos Espanhoes, que tractavam esta terra como se fôra uma conquista.

Como individuo moral, quem não conhecerá no velho soldado os extremos d'um pae, as virtudes d'um heróe? Apenas lhe fôge a filha, D. Fernando verga debaixo do medonho peso da desgraça,

e tenta suicidar-se, mas sôa uma voz a seus ouvidos, como um grito da consciencia: — Vive ainda para a filha da tua filha! E o soldado resigna-se, e abraça com avidez aquella esperança, que lhe luz no horisonte. Este character mostra-se-nos completo debaixo dos dous aspectos.

Malatesta não é uma criação original, é um personagem verdadeiro naquellas épocas de continuas alterações, em que a espada do mercenario era tão precisa, como as delações do espião: a Espanha a braços com a França e Flandres, combatendo na America e na India, havia mister d'estas espadas, que s'alugavam n'um leilão, onde o maior lance era promptamente acceto.

Pedrito pertence evidentemente áquelles tempos; o jugo de Castella era pesadissimo, e o animo dos Portuguezes andava inquieto, presentia-se uma lucta; corriam rumores vagos, annuncio certo, de que havia muitos corações palpitando pelo mesmo desejo, muitas cabeças dominadas da mesma idéa, *Pedrito* taberneiro era um homem como ha muitos, attendendo apenas aos seus interesses, sacrificado ao culto de si mesmo, o seu partido era elle; existencias bastardas orphãs no mundo das convicções, que se collocam n'um pedestal, para medirem dahi os acontecimentos, e faze-los servir aos seus calculos mesquinhos; castelhano com os castelhanos, portuguez com os portuguezes, erpera o futuro, para se declarar abertamente pelo partido, que ganhar a victoria. É um character verdadeiro, um character de todos os paizes, sobretudo n'uma quadra de rapida transição, como era aquella.

Eis-aqui, pelo que nos parece, os personagens que prendem a vida intima á vida social, os affectos do coração ás luctas da sociedade. — Os dous mouros cedem a diversas paixões: um dominado pelo amor, outro pela vingança, ambos cedendo ao reconhecimento e gratidão que devem a D. Fernando de Mello.

O caracter de Leonor possui em summo gráu a logica do sentimento; endoi-dece por amor, recobra a razão por amor. A sua loucura é sublime, o sonho que lhe escalda a cabeça, o pensamento incessante que impressiona as suas faculdades — é sua filha! O pão que pede não é para ella, é para sua filha; as lagrimas que chora, não lhe pertencem, vão orvalhar o rosto da sua filhinha no berço! . . . O amor de mãe, este sentimento grandioso do coração, que nasceu com a mulher, que é a sua vida na vida, a estrella que lhe brilha no futuro, ha-de ser origem sempre de commoções para o espectador, de verdade para o drama. — Leonor é uma criação magnifica, não duvidamos affirmar-lo: verdadeira na natureza, apresenta-se-nos cheia de poesia no drama; como filha, como esposa, e como mãe, não tem outro goso na vida, outra esperança, outro futuro — o amor!

É o bello-ideal da mulher, que vive absorvida nessa trindade de sentimento, como os anjos no sublime mysterio da trindade religiosa!

É este, a nosso ver, o pensamento fundamental; é a apothese do amor na mulher; — a rehabilitação d'esse affecto sublime perante esta nossa sociedade, entregue ás luctas da ambição pela febre dos interesses, que não pôde elevar-se até á sanctidade das affeições do coração. É um pensamento generoso — o querer espiritualisar as turbas até á contemplação da missão sublime da mulher na sociedade. Desgraçadamente, dominado pela sua idéa, o auctor sacrificou em muitas partes a logica da scena; caia em condemnaveis inverosimilhanças, que saltariam aos olhos do publico, logo que a attenção lhe não estivera toda concentrada no interesse palpitante da idéa.

Ignez é uma mimosa invenção, christã interessa-se por Ismaél sem perguntar ao coração, se esse interesse é amor, educada com os sanctos e virtuosos preceitos de seu avô, a virgem volve

em todos os trances da vida o pensamento a sua mãe, que não conhece; e anhella ganhar para a lé a alma tão nobre, o coração tão generoso de Ismaél, em tudo seu irmão, menos nas crenças!

É um anjo, que cura as feridas com o balsamo de suas palavras, — que alenta os corações com o quasi fanatismo das suas esperanças. É a virgem christã, no brilhantissimo das tradições religiosas, na poesia d'um amor puro, e sancto. É a idealidade do sentimento representada na elevação poetica d'um caracter. Estas graciosas imagens, que apparecem rapidas na vida, que brilham como a estrella no céu, antes de offuscada pelos clarões da aurora, ou encoberta pelas asas da nuvem negra, pouco tempo resplandecem na sociedade em toda a sua innocência, — ou morrem para a vida, ou nascem para o mal!

Ismaél é um arabe, que sente polar-lhe nas véas sangue real; ardente e impetuoso, energico e altivo, tem desejos elevados, esperanças douradas, sonhos gigantescos: ama Ignez, e esse amor é para elle a vida; — ama como um arabe — não é amor, é devoção; é um sentimento exaltado, que lhe faz esquecer, e arriscar tudo; é um delirio d'alma que o eleva acima de todas as considerações, que o torna superior ás tradições de seus maiores, ás lembranças saudosas da patria. É um caracter poetico, sem deixar de ser natural. O arabe ama assim — deve amar assim; não pede ao christianismo o mysterio sublime de suas affeições, usa das imagens encantadas que viu na infancia, da poesia da crença, com que o acalentaram no berço, para explicar o sentimento profundo que sente dentro do coração.

Se o auctor nos não fizesse sentir o caracter ardente do arabe, a superstição do mahometano, de certo que confundido este com os outros personagens, fôra um homem ordinario, um christão como elles.

Abdul-Meleque é um caracter excepcional; é o typó da devoção supersti-

ciosa, da generosidade sublime. — Amava com todas as forças d'alma; o seu amor era um crime, deu-o ao coração como hydra que o devorasse. — A mulher, que elle amava como um anjo, que adorava como a Deus, cuidou que havia morrido: — elle viveu para o reconhecimento e para a vingança.

Depois de dezoito annos d'um acerbo padecer, d'uma dôr continua e implacavel, vê-a nos braços do homem, de que anceava vingar-se, mas Abdul-Meleque dá a vida por elle; porque, escravo d'esse amor inconcebível, quer poupar á mulher, que soube crear-lhe tamanho sentimento, um golpe que a mataria!

Quizeram comparar Abdul-Meleque ao Yaquoub de Carlos VII; — é buscar uma semelhança, que não existe.

Yaquoub mata o conde de Lavoyssi com a esperanza de fugir com Bérangère, fascinado por uma promessa que satisfaz os seus mais intimos desejos; — é um assassinato que lhe pesa no coração, mas é o unico passo que lhe assegura a felicidade!

Abdul-Meleque, dá a vida pelo rival, porque assim completa a felicidade da mulher que ama! — Qual dos dous sacrificios é mais sublime? Qual dos dous caracteres mais generoso? Que affinidade moral se pôde dar entre elles?

A resposta a estas perguntas é uma refutação victoriosa aos que pensaram semelhante absurdo.

O caracter de Abdul-Melque, apesar de bem desenvolvido e sustentado, difficilmente se encontraria na nossa sociedade; mas os costumes, a indole, a vida dos arabes contrastam tanto com nossos, que não se pôde dar uma comparação.

Existe tanta poesia naquella nação barbara; é tão habitual entre elles o sacrificio da vida, que não podemos notar neste personagem, exaggeração poetica. E o publico comprehendeu o alcance da nossa asserção — viu que esta figura vasada em bronze, dava ao grupo proporções maravilhosas!

Parece-nos que tem muitos pontos de semelhança com o caracter de Paulo na Theresa de Alexandre Dumas.

Resta-nos fallar do Corsario-vermelho: é, punge-nos dizê-lo, uma creação lastimosa; é um heroe de melodrama, sem ser logico no seu dominio magnético sobre os outros homens, sem possuir uma coragem rapida, e decisiva. — Depois de vermos este caracter desenhado como um anjo exterminador, como um homem a quem se curvam todos os homens, ficamos preparados para um acontecimento bem medonho, bem horroroso, bem terrivel, em que triumphe a sua coragem; e Ismaël resiste-lhe, incita-o, e a admiração, e raiva do Corsario, em vez de rehentarem como o travão, esgotam-se em palavras ôcas, em demonstrações banaes.

O auctor quiz exaggerar este caracter, torna-lo demasiadamente extraordinario sem pensar que o andamento da acção, e a logica do pensamento, lhe prohibiam dar o desenvolvimento, que a sua imaginação havia concebido.

Este drama com os caracteres tão magnificamente concebidos, não podia deixar de ter muita poesia no dialogo, grande copia de pensamentos bellos, de engenhosas imagens. O poeta soube dourar a sua obra com todo os prestígios do estylo, com todo o brillantismo d'uma prósa illuminada, e vehemente.

Tem duas scenas que valem muito pela execução, muitissimo pela idéa. — O reconhecimento da mãe, e da filha no 2.º acto, a conversão de Ismaël no 3.º acto.

O reconhecimento é logico — está na natureza; as lembranças da douda avivaram-se, as palavras que Ignez lhe diz, vão pouco e pouco destruindo a confusão de suas idéas, o chaos do seu pensamento, os intervallos lucidos succedem-se, e Leonor recupera a razão, e sua filha!

A scena da conversão é magnifica; não são dous entes que apparecem ao expectador, é a lucta de duas crenças; os per-

sonagens reaes transformam-se n'uma engenhosa allegoria. — E que pensamento delicado é apresentar a mulher fazendo a apologia do christianismo? Em verdade, a maior revolução operada pelo christianismo, foi a de arrancar a mulher á indifferença brutal, ao caprichoso desvario da civilisação antiga; — a crença que tem por base o amor, devia antes mostrar que a mulher é a companheira do homem, o complemento da sua existencia moral. E como Ismaél concebe a brutalidade da polygamia, a tyrannia atroz do homem dominado pelas vis necessidades da materia, quando sente que seria um prejuizo ao seu amor, um adulterio moral o lembrar-se d'outra! É uma scena, que só por si resgataria os defeitos que existem nesta composição. Estas duas scenas, foram todavia censuradas, como filhas d'uma inspiração lyrica, não podendo dar-se no drama.

Esta opinião teve desgraçadamente muitos partidistas, não imaginaram que estas scenas estavam intimamente ligadas com a acção dramática, que sem ellas, o enredo tomava uma outra direcção, o pensamento exigia outras formas.

E mesmo que assim não fosse, dar-lhe-hiamos em favor da nossa opinião, a auctoridade d'um escriptor, muito competente em materia d'arte — Mad. Staël, na sua obra sobre a Alemanha.

E seja-nos licito fazer a citação, que lança muita luz sobre algumas questões, que andam por ali tão accesas e disputadas: —

» Sans doute il faut prendre garde que
 » la marche progressive de l'interêt ne
 » puisse en souffrir; mais le but de l'art
 » dramatique n'est pas uniquement de
 » nous apprendre, si le héros est tué, ou
 » s'il se marie; le principal object des
 » évènements représentés, c'est de servir à
 » développer les sentiments, et les caractères.
 » Le poète a donc raison de
 » suspendre quelque fois l'action théâtrale
 » le por faire entendre la musique céleste

» de l'âme. On peut se recueillir dans l'art
 » comme dans la vie, et planer un moment
 » au dessus de tout ce qui se passe
 » en nous mêmes, et autour de nous.»

Este trecho absolve tambem o poeta de muitas inverosimilhanças; sacrificar a poesia dos affectos, a verdade dos caracteres ás formas mechanicas do drama, é sacrificar a alma ao corpo, a idéa á forma.

A combinação logica dos sentimentos, caracteres e acção, constituem a perfeição do drama; dizer que o auctor attendeu completamente a estes tres elementos, era fazer uma grave offensa á verdade.

E é este o seu defeito capital; absorvido em desenhar as figuras, em pintar os affectos, não pôde debuxa-los no quadro com propriedade de côres.

Um critico que olhasse só ás formas, seria inflexível e injusto, porque olhava o quadro só por um aspecto; nós não entendemos assim a critica.

Sabemos que o nosso povo, apprecia sobre maneira a disposição dos dramas francezes, e nem por isso deixamos de arrebatar-nos com a leitura de Schiller, e Goëthe, que tanto sacrificam a verisimilhança da scena, á deducção logica do pensamento, á verdade e poesia dos caracteres e sentimentos.

O auctor podia ter prevenido muitos defeitos, mas quando nasce a idéa na cabeça, e se traduz no papel com certas formas, querer depois evita-los, é perder tambem na composição muitas bellezas.

Julgamos ter feito uma analyse justa; a reflexão talvez abusasse do sentimento; a critica não consentia que nos lembrassemos da sincera amizade que consagramos ao poeta. Dramas como este, abrem um futuro ao nosso theatro, que quer tomar vida, e forças; o publico foi da nossa opinião, applaudindo-o com enthusiasmo.

11 d'Abril de 1845.

Lopes de Mendonça.

(J. M.)

INSTITUTO DE LITTERATURA E ARTE
DRAMATICA.

Sessão ordinaria de 28 d'outubro

A requerimento do Sr. João de Lemos o Instituto decidiu que houvesse uma sessão extraordinaria no dia 31 proximo especialmente destinada para a discussão da seguinte proposta.

1.º Que n'uma proxima sessão para esse fim especialmente convocada o Instituto se occupe de examinar a inconveniencia da abertura do Theatro Nacional de Lisboa com uma comedia de Mr. Alexandre Dumas, postostas assim muitas peças originaes portuguezas.

2.º Que depois d'este exame, e de votada, como julgo impossivel que não seja, essa inconveniencia, o Instituto publique pelo seu jornal a magua que sente ao ver assim postergados os direitos da arte e dos auctores, que o Instituto tanto deseja, e se desvela em aperfeçoar e proteger.

3.º Que se esta minha proposta não for adoptada, o que eu nem sequer ouse recear, haja ao menos o Instituto de a fazer publicar na sua integra, quando pelo seu jornal der conta ao publico dos objectos das sessões d'este anno.

Coimbra 28 d'outubro de 1845.

João de Lemos Seixas Castello-Branco.

Sessão extraordinaria de 31 d'outubro.

O Instituto occupando-se do 1.º art.º da proposta que o Sr. João de Lemos havia apresentado na sessão antecedente, julgou por unanimidade, que a inconveniencia da abertura do novo Theatro Nacional de Lisboa com uma comedia de Mr. Alexandre Dumas, postostas assim muitas peças originaes portuguezas, era de tal sorte evidente que nem admittia discussão.

N.º 15 —

O 2.º art.º foi igualmente approvedo, e para o levar a effeito nomeou o Instituto uma commissão, para fazer parte da qual foi escolhido por aclamação o Sr. João de Lemos; e discutido o parecer d'esta, concordou a final em exprimir o seu desagrado, pela seguinte declaração. —

O Instituto Dramatico de Coimbra tendo visto annunciada em alguns jornaes do Reino a abertura do novo *Theatro Nacional de Lisboa* com a representação d'um *Drama estrangeiro*, reuniu-se em sessão especial, e decidiu, *unanimemente* e sem discussão, manifestar no seu Periodico a magua que sentia ao ver assim preteridos, em favor de dramas e auctores estrangeiros, os dramas e auctores patrios a despeito de nossos nacionaes e litterarios interesses.

O NOVO THEATRO.

Singulière position que celle d'un logicien, dans notre société officielle....!

(*Feu! Feu! — Timon.*)

Ha factos cuja força de existencia é tamanha que não tem a philosophia argumentado que os previna, não tem a moralidade barreira que lhes corte o passo, não tem a opinião publica ferrolhos que elles não quebrem, não tem as letras clamor que os convergonho, e até o mais nobre dos sentimentos, o patriotismo, nem esse tem poder que os esmague!

Taes factos tem uma condição fatal; existem apesar de tudo, existem como o Judeu Errante porque a sua existencia é uma condemnação.

Mas esta necessidade de existir que ás vezes se manifesta na indole de um acontecimento liberto da imputação o seu agente visivel porque a imaginação, pasmada diante da magnitude da obra, compraz-se em lhe crear uma origem occulta: recorre-se á epocha e diz-se

que esse factó é uma feição do seculo; recorre-se ao povo onde elle se consumiu e diz-se que esse factó é a definição do estado d'esse povo.

A explicação de muitos absurdos que a razão não comprehende está toda resumida nestas palavras — o seculo tem factos para todos os povos, e povos para todos os factos.

Este cunho de fatalidade faz emmudecer o espirito; nem a analyse nem a synthese cabem neste caso porque ambas se degradavam; resta apenas o recurso de archivar o factó porque o futuro póde ir á historia, deve lá ir, desenterra-lo, e julga-lo.

Não lhe poupar a sentença do futuro é para taes acontecimentos a melhor vingança do presente.

Abriu-se o Theatro Nacional Portuguez em 29 d'outubro de 1845 com uma comedia estrangeira!!!

Talvez se não devera acrescentar mais nada, porque ali está dicto tudo, mas ha circumstancias que se não devem perder; — são as roupagens da estatueta que a fazem parecer mais bella, que honram, que immortalisam ás vezes o cinzel do artista.

Nunca a litteratura portugueza teve os seus dominios dramaticos tão enriquecidos como hoje; o auctor do *Auto de Gil Vicente* tinha pronunciado um maravilhoso *fiat lux*, e depois quasi que não se passou anno sem novo Drama, porque a voz do poeta achou echo em todos os angulos do reino. Havia portanto muitos Dramas portuguezes, e a representação de uma comedia estrangeira na abertura do Theatro Nacional foi, sobre offensa ao patriotismo, uma desnecessidade e um epigramma.

Quando houvesse empenho de ver e ouvir em a nova scena uma peça nova, podia o Conservatorio dar alguma das que tinha, e um mez de ensaios aturados

bastaria por certo a qualquer peça; mas em ultimo caso havia muitas já representadas pelos mesmos actores que iam estrear o palco, cuja representação seria mais bemvinda que a de nenhuma estrangeira, ainda quando traga na frente o nome de *Mr. Dumas*.

E não se diga que uma peça boa, boa segundo a arte, é o que importa á arte e ao theatro embora seja d'este ou d'aquelle paiz; não se diga isto, porque vale o mesmo que fallar da these quando se trata da hypothese. Os bons dramas pertencem a todas as nações, mas o nosso theatro pertence a Portugal, e a sua abertura devia ser uma festa de portuguezes; depois lá lhe ficavam 364 dias para se pagarem essas homenagens a quem de direito pertencessem, se bem que, ainda assim, os nossos feitos, recordações, historia, costumes, e auctores deviam sempre entre nós ter o primeiro logar, se é que desejamos ter um logar na litteratura dramatica da Europa.

Posto isto, já todos os olhos, que foram feitos para vêr, devem descobrir que o maior nome de qualquer outra terra devêra, neste caso, ficar inferior ao mais humilde da nossa patria. E nós tinhamos um nome, ao menos um, que podia desafiar os melhores nomes estrangeiros: — conspirou-se tudo para que não houvesse uma unica desculpa!

Tambem se pertendeu que com uma peça estrangeira ficavam salvos quaesquer embaraços na escolha das nationaes; pois aquelle nome portuguez não evitava todos os tropeços? semelhante razão é impossivel que lembrasse a ninguem!

Na escolha não podia haver que receiar; a posição do auctor de *Frei Luiz de Sousa* salvava quaesquer delicadezas pela sua superioridade; — ninguem ousaria disputar-lhe primazias (*).

Preferiu-se porém dar ao mundo uma

(*) Foi o Senhor *Paulo Midosi Junior* quem teve a gloria de ser o primeiro a levantar a voz contra o modo desnacional porque o Theatro se ia abrir, seguiu-se o Senhor *Cascaes*, seguiu-me eu, que n'um artigo que publiquei na *Revolução de Setembro*,

Periodico dos Pobres no Porto, e *Coallisão* emprazava o Senhor *Garrett* a que viesse junctar á nossa a sua voz forte e poderosa; a razão que para isso tive era esta superioridade, e excepcionalidade de posição do fundador da nossa litteratura dramatica,

prova solemne do nosso, já proverbial, desamor ás cousas patrias, e calumniar de miserrima a nossa litteratura dramatica na propria epocha em que ella havia mostrado mais vida e mais vontade de viver; — foi um desgraçado pensamento.

Roubar assim aos de casa a gloria a que tinham direito; pagar com o desprezo as vigílias d'aquelles a quem deviam honrar; estender a mão ao estrangeiro para escarnecer da patria; vestir um opprobrio inutil só talvez para não despir um orgulho insensato! — foi uma vergonhosa acção.

E reconheceu-se esta vergonha, não ha duvida, porque o *sophisma* a que hoje por ahí se soccorrem é o phantasma da moralidade que ainda se não pôde esquecer de todo, e que de longe se ergue em pé accusador e terrivel: — ha virtudes que ainda quando ousamos insulta-las sempre lhe pagamos um tributo na desculpa; o patriotismo é uma d'estas virtudes.

Diz-se agora que o Theatro Nacional ainda se não abriu, porque a abertura de um Theatro não consiste no facto material, mas depende de uma ordem expressa e solemne. Se a philosophia empregasse esta logica nos seus trabalhos já teria resolvido os mais difficeis problemas, ainda que ficava depois tambem sujeita á contingencia de uma determinação posterior.

Um theatro tem um fim e é o das representações, este fim não é material posto que seja acompanhado de factos phisicos; a sua parte moral consiste no effeito que esses actos tem de produzir, e que necessariamente produzirão; uma vez dada a acção phisica dar-se-ha a moral, o theatro desempenhará o seu fim, e este não terá consistido no facto material; será a reunião das duas acções, phisica e moral, que darão em resultado — a abertura.

Os ensaios que tivessem logar no

Theatro novo antes do dia 29 d'outubro não eram uma representação, não eram o verdadeiro fim para que elle se havia edificado, e então o Theatro ainda se não tinha aberto, ainda faltava um elemento — os espectadores: mas logo que nesse acto complexo se deram todas as necessarias circumstancias para o consummar, o Theatro foi realmente aberto porque preencheu todos os fins a que se destinava, e preencheu-os pela primeira vez.

Se a entrada para o edificio só fosse designada pelos bilhetes de favor caber-lhe-hia o nome de *função particular*, e, sem comtudo esquecer o mau exemplo que nella se dava, restaria apenas averiguar se o Theatro Nacional era um logar proprio para funções excepçoes; mas quando na segunda representação ficou patente ao publico aquelle direito que Boileau lhe estabeleceu, quando esse direito se vendeu á porta, quando a entrada ficou dependente da vontade do contribuinte, desapareceram todos os véus, caíram todas as mascaras, desvaneceram-se todas as escusas, e foi ao publico, foi á verdadeira platêa que o *Senhor Dumbichy* veio affrontar face a face.

Pôde uma portaria determinar que, apesar de tudo isto, o Theatro Nacional se considere aberto do dia tantos em diante; para os effeitos legais abrir-se-ha unicamente nesse dia, mas para a razão, para a verdade, para o positivismo quando é que se elle abriu? Quando é que o theatro estava *ringem* no dia 29 d'outubro ou no dia da data da portaria? As cousas são o que são, ou a vontade humana é que lhes determina a natureza? Qual é a portaria, qual é a ordem dos homens, nem de Deus, que pôde fazer com que não tenha acontecido aquillo que na realidade aconteceu? Em França, no meio dos espantosos delirios da sua revolução, appareceu um Decreto em que se declarava que não

porque essa posição matava todos os escipulos: mas em todo o caso a arena ficava livre a elle e a

todos, nem havia considerações que tolhessem a ninguém porque a questão não era de auctores, era de portuguezes.

existia o Ente Supremo, veio depois outro em que se reconhecia a sua existencia, e todavia nenhum d'estes *Decretos* mudou o facto: nem o primeiro aniquilou a Divindade nem o segundo lhe deu nova existencia. Se ha cousa que esteja acima de todos os esforços, que resista a todas as *ordens* é o passado:—o dia de hontem será sempre o que foi e ninguém fará que elle seja o dia de amanhã. Oh! se o homem pudesse recompor o passado que de remorsos não pouparia? Como elle iria lá aformosear as feições negras, repinta-las, bruni-las, amacia-las para que a consciencia se callasse! Que historia nos relataria um facto criminoso? Como saberiam os vindouros que o Theatro Nacional Portuguez se abriu com o *Senhor Dumbichy*? Mas como o passado é um rebelde indomavel, este acontecimento continuará intacto apesar de todas as *determinações*, por mais *solemnes* que ellas sejam, e os vindouros terão de cõr com o facto, e de se rir da *ordem inaugural*. Ha-de custar-lhes muito a crer, é certo, porque isso succeden até áquelles que foram testemunhas presencias; a razão recusa ceder á verdade quando topa com semelhantes phenomenos, cerram-se os olhos e diz-se —foi sonho; o auctor do *Senhor Dumbichy* conheceu isto quando disse:— «il y a des choses contre lesquelles la raison se révolte: on les a devant soi, sous la main, sous les yeux; on les regarde, on les touche, et l'on n'y croit pas.» Quem sabe se *Mr. Alexandre Dumas* já teria na sua *Pauline* preparado com providencia estas palavras para definir a *abertura* do nosso Theatro Nacional?! E definiu-a bem apesar da *preferencia* que lhe deram; todavia a *gratidão* aconselha a que elle risque essa verdade, que a apague em todas as edicções do seu bello romance.

Entretanto deve confessar-se que ao menos houve coherencia porque o novo theatro é um monumento de estrangeiros:—foi seu architecto *Il Signor Lodi*, seu dourador *Mr. Margoteau*, seu mar-

ceneiro *Mr. Dejeant*, seu esculptor estatuário *Il Signor Rosconi*, trabalhou nos ornatos em pedra *Il Signor Fideli Baldi*, nos ornatos em cartão *Il Signor Fornari*, foram pintores das scenas *Mr. Rambois* e *Mr. Cinatti*, vieram de França muitos estofos e arrebiques para o camarote real e para outros misteres, o lustre é todo ou quasi todo francez, não se encontram alli por toda a parte se não cousas estrangeiras que fõra fastidioso enumerar, e até a má sorte quiz que o panno de bocca viesse da *Italia* offerecido por *Il Signor Ferri*! A' vista d'isto que admira ver coroar a lista por mais um nome estrangeiro? Era uma consequencia, um resultado logico, porque uma cadêa de vergonhas não podia acabar senão com mais uma vergonha.

E o mais é que ainda nesta ultima foi incluída outra! O *Senhor Dumbichy* é uma comedia de moralidade ambigua; sobresaem entre os seus caracteres pouco escrupulosos um rei devasso, e um ministro libertino e caloteiro! Finalmente, nada esqueceu para que a *abertura* do Theatro Nacional, que devia ser uma lapide de recordações gloriosas, nada esqueceu para que fosse um marco de abominavel memoria.

E' magua que para *cobrir* tantas misérias se lembrassem dos nomes illustres de dous dos nossos melhores litteratos; os *Senhores Leaes — Mendes e Silva*; é magua porque a obra seria então ainda mais completa! Estes nomes é a unica cousa nobre e portugueza, o unico ouro que se pôde o deve salvar de toda essa mina de chumbo, de todo esse cardume de vilipendios!

Mas assim como os dous auctores permaneceram puros porque o seu coração permaneceu portuguez, assim tambem o baptismo dos seus nomes não lavou o peccado original á lastimosa *abertura* do novo Theatro; é uma pagina dos nossos dias a que ninguém pôde mudar a cõr,—será negra eternamente!

J. de Lemos.

UNIVERSIDADE.

(Continuado da Pag. 206.)

II.

Governo e Organização dos Estudos.

Muitas escassas e incertas são as noticias acerca do governo, disciplinas, e practicas da Universidade nos primeiros tempos da sua fundação, e ainda por muitos annos depois, tendo-se perdido, como era natural que acontecesse, a maior parte d'ellas na obscuridade dos tempos, produzida pelo denso véo, que lhes lançaram cinco seculos e meio. Continuaremos contudo a dar aquellas, que do já mencionado manuscripto pudémos colher sobre tão interessantes objectos.

O Pontifice Nicolao IV na citada bulla de 5 dos idus d'agosto de 1290, entre outros privilegios, concedeu aos Estudantes e Lentes da Universidade, que por nenhum delicto podessem ser punidos por Juiz secular, e el-rei D. Diniz não só lhe mandou observar este privilegio, mas o acrescentou ainda mais, isentando-os tambem da jurisdicção secular nas causas civeis, como consta da provisão, que passou para se mudar a Universidade de Lisboa para Coimbra.

Em razão da dicta bulla principalmente por esta provisão se fundou a Universidade, quanto ao fóro, como meramente ecclesiastica. Isto deu occasião a se levantar uma grande controvérsia entre o Bispo e o Mestre-eschola da Sé de Lisboa; pretendendo um e outro exercitar jurisdicção na mesma Universidade. Poderia fundar-se o Mestre-eschola, em que a sua dignidade fóra instituída para mestre e regente dos estudos, donde se lhe derivou o nome, e em que nas Universidades de Pariz, Salamanca e Tolosa o Mestre-eschola era quem exercia esta jurisdicção: e porque alguns Lentes, e Estudantes da Univer-

sidade de Lisboa lhe não queriam obedecer, procedeu contra elles com censuras, e devolvendo-se esta causa por appellação á Metropoli de Compostella, da qual naquelle tempo era sufraganco o bispado de Lisboa, se julgaram validas as censuras.

Esta questão ainda devia pender no tempo, em que el-rei D. Diniz mudou a Universidade para Coimbra; por quanto na provisão, pela qual fez esta mudança, se acham as seguintes palavras — *et si escolares quisquam voluerit convenire... adeat eorum judices ordinarios, scilicet Episcopum, vel ejus Vicarium, seu Magistrum scholarum, si hoc noscatur ad suum officium pertinere*; porem não se sabe se continuou em Coimbra esta controvérsia: o que consta sómente é, que supposto o Juiz Conservador, ou Conservadores da Universidade não conheciam ao principio das causas criminaes ou civeis das pessoas da mesma Universidade, mas sómente eram dados para fazerem observar os privilegios, que el-rei lhes tinha concedido; com tudo por carta de 5 de janeiro de 1355, estando a Universidade em Coimbra, mandou el-rei D. Affonso IV a um dos Conservadores, que tomasse conhecimento de todas as causas dos Estudantes, e mais pessoas d'ella, quer fossem civeis ou criminaes, *intentadas civilmente*, no que não offendeu a bulla de Nicolao IV, que sómente as isentava da jurisdicção secular nas causas criminaes, mas foi contra o privilegio concedido por seu pae el-rei D. Diniz, e os Conservadores se foram introduzindo a conhecer tambem das criminaes, e veio a ficar a Universidade totalmente secular.

Ha bem fundadas razões para acreditar, que el-rei D. Diniz ordenaria para o governo da Universidade em Lisboa o mesmo que mandou observar, quando a mudou para Coimbra, isto é, que seria governada por dois Reitores Estudantes, pela maior parte, por isso que assim se vê practicado até o tempo d'el-rei D. Affonso V.

Tambem se pôde acreditar com bom fundamento, que mui limitadas eram as disciplinas, que na Universidade se principiaram a ensinar, e que não haveria nella mais cadeiras do que—uma de Canones, uma de Leis, uma de Medicina, que se chamava de Phisica, uma de Grammatica, uma de Logica, e uma de Musica. — A Theologia ensinava-se em algumas Sés, e Conventos de ordens religiosas, como fica dicto.

Poucos actos se faziam naquelle tempo, por quanto nelle, e ainda depois por muitos annos, para ser Lente, Juiz, Advogado, ou para outro qualquer exercicio de lettras, não era necessario fazer actos, nem ter grán algum, e bastava ser estudante, e por isso se acham muitas sentenças antigas proferidas por Juizes ecclesiasticos, ou seculares, que se nomeiam por *scholares* em Leis, ou em Degredos, ou Degreetaes, como naquelle tempo se chamavam os Canones. A primeira noticia, que se encontra dos actos, que se faziam na Universidade, é a que consta dos estatutos feitos em 1431, nos quaes se determina, que aquelle que tiver tres annos de estudos em qualquer faculdade, depois de ter estudado Grammatica e Logica, seja admittido a fazer umas conclusões, e mostrando por ellas, que tem bastante sufficiencia, o que raras vezes acontecerá (diz-se no manuscrito), se lhe dê o gráu de Bacharel, e não a mostrando, estude mais tempo, até se pôr capaz de receber este grán.

O que queria ser Licenciado, e Doctor havia de ler por quatro annos na Universidade sem salario, e acabada esta leitura fazia umas conclusões, que se chamavam repetição, porque nellas defendiam, ou repetiam todos os pontos, que tinham lido nos quatro annos; e

feito este acto eram admittidos ao exame-privado, em que liam duas lições de ponto, e se fazia este axame de noite. Se por elle o estudante se mostrava capaz do gráu de Licenciado, se lhe conferia, e dava licença para tomar o de Doctor. Isto mesmo se determinou depois pelos estatutos d'el-rei D. Manoel, e sòmente accrescentou, que o Bacharel, que não tivesse lido na Universidade podesse ser admittido a fazer exame-privado de sufficiencia, e este lia tres lições em textos apontados de um dia para o outro, e acabadas as lições, se votava em Conselho sobre a capacidade do Bacharel, e assentando-se, que era capaz, o admittiam a repetir, e a fazer as dictas conclusões e exame-privado. Accrescentaram mais os dictos estatutos, que excepto os Philosophos, os mais não podessem ser admittidos ao gráu de Bacharel, sem terem cinco cursos provados, e que nos exames-privados se votasse por AA e RR, e penitencia (*); e em nenhuma faculdade se faziam mais actos nem por outra forma.

Ainda que as cadeiras eram poucas naquelle tempo, não faltavam Lentes na Universidade (isto é, mais propriamente fallando, pessoas que lessem), assim dos que queriam graduar-se de Licenciados, e Doctores, pois deviam ter antes os dictos quatro annos de leitura (o que se devia introduzir, para que houvesse mais quem ensinasse), como tambem de outros Lentes extraordinarios, que sem salario publico, vinham ler á Universidade, ou para mostrar a sua sciencia e se habilitarem para entrarem nas cadeiras ordinarias, ou porque os estudantes se consertavam com elles, e lhes pagavam o seu trabalho; pois sòmente era prohibido ensinar fóra das escholae as sciencias, mas nel-

(*) Consistia a penitencia em ser o estudante, que fazia exame privado, obrigado a estudar ainda mais um ou dous annos, sem o que não podia receber o gráu de Doctor, posto que approvado ficasse nesse exame para receber o de Licenciado, havendo para isto duas rotações; a primeira para

a penitencia, da qual podia tambem ser absolvido, a segunda para a approvação por AA e RR. Esta disposição passou depois para os estatutos confirmados pelo Sr. Rei D. João IV por alvará de 15 d'outubro de 1659, e se acha no L. 3.º Tit. 39.º §§. 23.º, 24.º, e 25.º, e Tit. 49.º §. 2.º

las era livre a todos, ao principio sem preceder exame algum, depois determinou-se que ninguem podesse ler na Universidade, e em faculdade alguma, sem primeiro ser examinado e approvado pelo Lente ordinario da faculdade, em que pertendia ler.

Taes foram os acanhados fundamentos d'este nosso edificio scientifico, e a pequenez, e imperfeição das suas instituições. Se nos recordarmos porem d'o que era o nosso Portugal na época da fundação da Universidade (pelos annos de 1289, ou 1290) attentado pelos males das guerras destruidoras, que fazia ou sustentava havia já tantos seculos com mui curtos intervalos de paz, e de mais a mais com os da guerra civil suscitada por mais de uma vez naquelle reinado, pelo filho contra o Monarca seu pae; se observarmos a tendencia d'aquelles povos para as pelejas que tornavam continuas, os seus habitos, seu character, suas leis, suas idéas mesmo ácerca da religião; devemo-nos admirar de que nessa época lhe raiasse já um fraco crepusculo da civilisação, e que tão distante ainda da invenção da arte typographica, fosse então, que se lançasse os alicerces a este honroso monumento da gloria litteraria da nossa Patria.

(Continuar-se-ha.)

(I. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABBREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 208)

XXIII.

Ignacio Barbosa Machado, irmão do celebre e erudito A. da Bibliotheca Lusitana — Diogo Barbosa Machado; nasceu em Lisboa serviu varios logares de lettras, foi Desembargador da Relação do Porto, e academico da Academia da His-

toria Portugueza, e Chronista geral dos dominios ultramarinos: assaz instruido na Historia Portugueza. Compoz:

Factos politicos e militares da antiga e nova lusitania, em que se descrevem as acções memoraveis, que na paz e na guerra obraram os Portuguezes, nas 4 partes do mundo.

Lisboa 1745 — 1.º tom. em fol.

Não se imprimiram senão 280 pag. do 2.º tomo; nem seu A. fez os mais volumes de que devia compor-se esta obra, cujo argumento e fórma é o mesmo da obra precedente, com a differença, que no Anno historico, contem-se historia ecclesiastica, e nos Factos politicos não.

XXIV.

Antonio da Costa de Castello-Branco, natural de Lisboa, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, e commendador, e Alcaide mór de S. Thiago, de Cacem, occupou varios postos na milicia do már e terra, sendo capitão de már e guerra, brigadeiro, e sargento mór da batalha, e achando-se em muitos sitios e expugnações de praças na guerra da successão de Hespanha, ficou prisioneiro na celebre batalha de Almanca. Restituído á patria foi nomeado inspector da Ilhas dos Açores e governador de Elvas. Teve bastantes conhecimentos da Historia genealogica e geographia, e das linguas — latina, franceza, italiana, não sendo hospede na hebraica. — Escreveu:

Memorias militares, pertencentes ao serviço da guerra, assim terreste como maritima. — Referem-se todas as operações politicas e militares de Portugal.

Lisboa 1740 — 8.º 6. vol.

Do 3.º tomo por diante é que se contem a Historia de Portugal. Sómente se imprimiram os 3 primeiros vol., os 3 ultimos ficaram completos por seu A. porem manuscritos

XXV.

O Padre D. Luiz Caetano de Lima, natural de Lisboa, clérigo regular da ordem de S. Caetano, ou Theatino, assaz versado no conhecimento das linguas franceza, italiana, grega, e hebraica, grande poeta latino, e instruido bastantemente na geographia, e na historia ecclesiastica, foi academico da Academia real da Historia Portugueza, encarregado de escrever na lingua latina a historia ecclesiastica do bispado de Vi-seu. Compoz:

Tablettes, chronologiques et historiques, des rois de Portugal jusqu'à l'année de 1716. Dedicés à son altesse royale monsigneur D. Emmanuel, infante de Portugal. Amstardam 1718. 8.º

Acham-se vertidos em portuguez na sua Geographia historica. É um catalogo dos nossos soberanos desde el-rei D. Alfonso Henriques, até D. João V, relatando os seus casamentos e filhos legitimos, e alguns acontecimentos da nossa Historia.

XXVI.

O Padre D. Antonio Caetano de Sousa Theatino natural de Lisboa, academico da Academia da Historia Portugueza, encarregado de escrever as memorias dos bispados ultramarinos, é um dos famosos escriptores da Historia Portugueza. Foi qualificador do Sancto Officio, e consultor da bulla da cruzada. Foi summamente versado na lição da Historia ecclesiastica e secular, o que mostrou na continuação, que fez do Agiologio lusitano, e projectando escrever uma Historia genealogica da casa real portugueza, revolveu com summo desvelo e deligencia o archivo real da torre do tombo, donde tirou copias de muitos diplomas, e monumentos originaes, que publicou nas Provas da mesma Historia, cuja collecção é a mais ampla de monumentos antigos, raros, que temos impressa, e que por isso é

reputada preciosa pelos estimadores da Litteratura portugueza. Além d'isto teve o seu A. á mão uma grande collecção de Ms. preciosos de Genealogia, e Historia, que se lhe franquearam das livrarias particulares, e muitas memorias e papeis genealogicos, que junctou com incançavel deligencia, sendo por estes motivos a sua Historia a mais solida, e abundante de noticias, tiradas das melhores fontes, e apuradas com um criterio magistral, que caracteriza o seu A. ao ponto de ser a sua Historia genealogica, na opinião dos eruditos, olhada como texto de decidir em pontos genealogicos, e a producção de mais merecimento, que saiu no seculo passado neste reino, acerca da materia que trata seu eruditissimo A.

Esta preciosa Historia não contem somente as genealogias seguidas dos nossos soberanos, de seus filhos legitimos, e bastardos, mas igualmente as genealogias das casas titulares, aparentadas, e descendentes da casa real antiga, e da de Bragança, e muitas noticias interessantes do successos da nossa Historia, que de balde se procurarão em outra parte. O tomo 4.º a que propriamente pôde dar-se o nome de Tratado da Heraldica real e Numismatica portugueza, contem a serie dos nossos reis, comprovada pelos sellos, moedas, e medalhas, cunhadas depois do estabelecimento da Monarchia portugueza, com os desenhos de suas effigies, e figuras primosamente abertos, a que junctou a copia de todos os tratados particulares sobre moedas, sobre valor de prata e ouro, que se tinham escripto até o seu tempo, e toda a Legislação portugueza, até ahí promulgada sobre o mesmo objecto.

Nos 6 volumes das Provas da Historia genealogica, torna-se esta tanto mais preciosa e interessante, quanto suas provas são mais authenticas e respeitaveis. Compoz:

Historia genealogica da casa real portugueza desde a sua origem até ao presente, com as familias illus-

tres, que procedem dos reis, e dos serenissimos Duques de Bragança, justificada com instrumentos, e escriptores de inviolavel fé.

Lisboa — 1735 até 1748. — 13 vol. em 4.º grande.

Provas da historia genealogica da casa real portugueza, tiradas dos instrumentos dos archivos da torre do tombo da serenissima Casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros, e outros particulares d'este reino.

Lisboa desde 1742 até 1748. — 6 vol. em 4.º grande.

Entre os documentos historicos (observa o A. da Bibliotheca Lusitana) o vol. 4.º d'esta obra, o mais estimavel pela sua antiguidade, é o seguinte que se intitula.

Livro velho das linhagens de Portugal, escripto no XIII seculo por A. que se ignora, publicado por D. Antonio Gaetano de Sousa, clerigo regular no anno de 1737.

Ao qual addicionou com algumas notas pela margem o insigne Antiquario Gaspar Alvares Lonsada, com outras o dicio Padre Antonio Gaetano de Sousa, que vão distinctas com as letras L, e S.

XXVII.

O Padre José Barboza, irmão de Ignacio Barboza, (n.º 23) e do Abbade Diogo Barboza Machado, Auctor da Bibliotheca Lusitana, por mim tantas vezes citada, nasceu em Lisboa. Deu-se, como seus eruditos irmãos, ao estudo da Historia portugueza, em que era summamente instruido, merecendo por esta qualidade, ser feito Chronista da serenissima casa de Bragança, e Academico da Academia real da Historia portugueza, que o incumbiu de escrever as memorias historicas do conde D. Henrique, e de seu filho el-rei D. Affonso Henriques. Foi grande orador, e insigne na poesia latina, em que escreveu elegantes versos. Compoz:

Catalogo chronologico, historico, genealogico critico das Rainhas de Portugal, e seus filhos. Lisboa 1727. — 4.º grande.

Principia na rainha D. Theresa e chega até á rainha D. Maria Anna, mulher de el-rei D. João V. Nesta obra se dá noticias dos paes, avós, visavós das Rainhas portuguezas, de seus casamentos e filhos, seus nascimentos e mortes; tudo averiguado com a mais depurada critica, e solido conhecimento da Historia.

XXVIII.

Francisco Xavier de Oliveira, natural de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e bem conhecido na Litteratura portugueza pelas celebres cartas familiares, historicas, politicas, e criticas, que imprimiu em Haia em 3 vol. em 12. Foi secretario do nosso embaixador João Gomes da Silva, conde de Tarouca, um dos nossos plenipotenciarios da paz de Utrek em 1713, em cuja negociação o acompanhou, e em que manifestou o seu grande talento, e conhecimentos politicos e historicos, em que foi insigne. Além de outras obras escreveu:

Memoires historiques, critiques et litteraires concernant le Portugal, et toutes les dependences avec la Bibliothéque des écrivains, et historiques, de ces états.

A Haie 2 tom. 8.º — não se imprimiram os vol 3.º, e 4.º que tinha promptos para a impressão.

XXIX.

Padre Manoel Monteiro, da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri, natural de Lisboa, academico da Academia real, insigne cultor da pureza da lingua latina; escreveu nesta mesma:

Joannes Portugalii reges ad vivum expresi.

Olissipone 1742: 4.º grande.

Consta de 5 elogios, de estylo lapidar,

muito extensos, relatando em cada um as principaes acções dos cinco reis de Portugal, que tiveram o nome de João, com os seus retractos.

Publicou os mesmos vertidos em portuguez. Lisboa 1749 fol.

XXX.

D. José Miguel de Portugal, marquez de Valença, nasceu em Lisboa em 1706, foi deputado da Juncta dos tres Estados, e academico da Academia real da Historia portugueza, teve bastantes conhecimentos da historia, da oratoria, e poesia, em que escreveu varias peças. Compoz:

Elogios das Rainhas, mulheres dos cinco reis de Portugal do nome de João.

Lisboa 1747. em 12.

XXXI.

O Padre Francisco José Freire, natural de Lisboa, congregado bem conhecido na nossa Litteratura pelas obras que publicou, com o supposto nome de Candido Lusitano, que são—a Poetica de Horacio traduzida e explicada, a Athalia de Racine, travada em verso solto, a vida do infante D. Henrique, e outras; teve summo engenho e grande gosto, e critico em humanidades, em poesia latina e portugueza, e todo o genero de erudição; qualidades que o farão sempre famoso na Historia litteraria de Portugal. Morren em 1773. Compoz:

Methodo breve, e facil para estudar a Historia portugueza, formado em umas taboas chronologicas e historicas dos reis, e rainhas, e princezas de Portugal, filhos illegitimos, duques, duquezas de Bragança, e seus filhos.

Lisboa 1748. em 4.º

São estimaveis estas taboas chronologicas, para principiar por ellas o estudo da Historia portugueza, especialmente para dar aos meninos as primeiras noções d'este tão necessario genero de erudição.

XXXII.

Damião Antonio de Lemos Faria e Castro, nasceu em Villa Nova de Portimão em 1715, foi cavalleiro da ordem de Christo, e familiar do Sancto Officio. Teve bastantes conhecimentos da historia, da oratoria, da poetica, da geographia, e da genealogia, de que deu provas nas varias obras que escreveu, pertencendo a este lugar a —

Historia geral de Portugal, e suas conquistas. Lisboa — desde 1786 até 1800. 17 vol. em 8.º

Chega até o reinado de Filipe II. Não obstante ser bastante vulgar, e seguida presentemente pelos curiosos, que querem adquirir algumas luzes da nossa Historia, devo dizer que o seu merecimento é diminuto, sendo o seu estylo difuso, empolado, desigual, e pouco conveniente a escriptura da Historia; a ordem não é melhor, e não consultou seu A. os monumentos que devia ter á mão para sair-se bem de semelhante projecto. A historia de Laclede, que corre vertida em portuguez é muito superior a esta, ainda com o desconto dos defeitos, que se lhe notam; e mesmo a que verteu Antonio de Moraes e Silva da historia ingleza, que corre em 4 vol. posto que muito resumida é mais bem escripta. Na parte competente fallarei d'estas duas historias geraes, que não lancei neste lugar por serem seus AA. estrangeiros.

XXXIII.

Padre Antonio de Figueiredo, natural da Villa de Mação, onde nasceu em 1725, congregado de S. Felipe Neri, famoso escriptor em todo o genero de Litteratura sagrada e profana, que tanto credito deu a Portugal pelas suas composições litterarias. Foi Deputado da extincta Mesa censoria, official das cartas latinas da secretaria de estado, e academico da Academia das Sciencias de Lisboa, bem conhecido pela composição do Novo Methodo, e Arte Latina, e

de outros opusculos, que demonstram ser seu A. um dos mais profundos filólogos, e criticos latinos do seu tempo; bem como se fez conhecer pelas suas obras ecclesiasticas da Analyse da Fé, Tentativa theologica, Tradução portugueza da Biblia, e outros diversos escriptos, que correm pela mão dos eruditos. Não teve primeira parte em as obras, que se fizeram no feliz reinado de el-rei D. José, sobre a abolição dos seus Jesuitas, e reforma da Universidade de Coimbra e dos estudos, em que tiveram parte em as obras que se fizeram tantos homens eruditos e alguns membros da Mesa de providencia litteraria, creada por alvará de 23 de dezembro de 1770, taes são o Compendio historico, a Dedução chronologica, a Moral relaxada jesuitica, os estatutos da Universidade de Coimbra, e as leis e providencias sobre a reforma dos estudos do reino, em que o Padre Antonio Pereira era consultado como oraculo. Não se sabe decidir lendo-se as suas obras, em que elle era maior; podendo com verdade afirmar-se que foi um varão insigne em Humanidades em que teve um criterio e gosto delicadissimo, profundo theologo, e assaz versado em todas as sciencias ecclesiasticas, tendo bastantes conhecimentos da Historia, e Antiquidades. Compoz:

Elogios dos Reis de Portugal em latim e portuguez.
Lisboa 1785. — 8.º

Começam no 1.º rei, D. Affonso I, e acabam em a rainha D. Maria I. É obra elementar ou puro resumo.

(J. D.)

O CID.

SOLAO.

Está sentado em seu throno
O seuhor rei de Leão,
Dom Fernando, o poderoso,
O valente capitão,
A fazer justiça aos povos,
C'os maiores da nação.

XXXIV.

Ha um excellente compendio da Historia portugueza ordenado para uso das eschololas da congregação do Oratorio da real casa de Nossa Senhora das Necessidades de Lisboa, que me parece proprio para dar aos meninos. Principia por uma breve descripção corographica do reino, incluindo as suas principaes cidades e villas, montes, rios, e o que ha de mais notavel neste assumpto, passando depois á Historia de Portugal, a que dá principio no conde D. Henrique, e segue até o reinado de D. Maria I. O seu titulo é o seguinte:

Instrucção de principiantes, e Novo Methodo de se aprenderem as principaes letras para uso das eschololas da congregação do Oratorio na real casa de Nossa Senhora das Necessidades, ordenado pela mesma congregação.

Lisboa 1750 e 1793. — 8.º

Nota-se que a 1.ª edição continua a historia até o principio do reinado de el-rei D. José, a 2.ª acaba no principio da regencia de D. João VI.

XXXV.

O Padre D. Joaquim de Azevedo, Abbade reservatorio de Sedevim, escreveu:

Epitome da Historia portugueza.
Lisboa — 1789. 8.º

É obra elementar. Dá principio á Historia de Portugal em o conde D. Henrique, e prosegue até parte do reinado de D. Maria I.

FIM DA 1.ª PARTE.

Porta dentro, espada á cinta,
Pesado lucto arrastando,
Trinta nobres escudeiros
Cabisbaixos vem entrando;
Vão-se, apoz elles, de damas
Duas alas avistando.

Eis ao cabo a mais formosa,
E tambem a maioral,
Esparsa a negra madeixa
Pelo seio angelical,
Estendendo a mão de neve
Para o diadema real.

A DAMA.

— «Eu sou orphã, senhor rei,
Orphã tua, e da nação,
Porque de espada na mão
Lhe guardou meu pae a lei.
Que meu pae é morto sei,
Vós o sabeis; negra dor!
— E a cabeça do traïdor,
Que sobre elle a mão alçou,
Que no chão morto o deixou, ...
Essa cabeça, senhor?!

Dona Ximena me chamam,
Filha do Conde Louzão,
Cujas memorias em vão
Todos presam, todos amam,
Vingança as cinzas reclamam,
Ninguem ousa de o vingar,
Que o matador foi Bivar,
Foi o Cid aventureiro;
Se fôras rei justiceiro,
O Cid havias matar.

Mas és mau rei, meu senhor,
Que apadrinhas um villão,
Que não quer dar-me razão,
A razão da minha dor.
Es mau rei, que ao lidador,
Que tem pendão e castello,
Que tem caldeira, e cutello,
Deixas impune viver;
E que a uma fraca mulher
Negas justiça por ello. »

EL-REI.

— «Dom Rodrigo de Bivar,
Ésta dama ves aqui;
Filha do Conde Louzão,
Orphã por amor de ti.
Por lhe dar satisfação
Cedes-lhe um castello? — «Não.»

— Em vingança de teu pae,
Mui bom filho, e mau vassalo,
Malaste o Conde Louzão;
A mim cumpre resgata-lo,
E dar á filha razão.
Das-lhe a tua espada? — «Não.»

— Rei sou eu, faço justiça;
Tu juraste-me o teu preito.
Se estender a minha mão,
Muito rei me cai sujeito.
Quatro villas, campeão,
A Ximena cedes? — «Não.»

— Cinco monarchas na guerra
Tributarios já fizeste;
Todos te deram razão,
Vida a todos concedeste.
E negas satisfação
A tão bella dama? — «Não.»

O CID.

— «Rei senhor, não arreceio
Tua senha, e podorio;
Deatro do meu alvedrio
Só eu tenho senhorio.
Alguem, que o negue; matei-o.

Rei, — cobarde não sou eu,
Que ferisse qual villão; —
Cravei ao conde Louzão
Um punhal no coração,
Porque traïdor me offendeu.

E que seja rei, ou papa,
Ou de Roma imperador.
Ou de dez mundos senhor,
Sajba eu que o vil é traïdor,
D'este ferro não me escapa.

— Filha do Conde Louzão,
Não te dou castello ingente,
Nem minha espada valente,
Nem uma villa sómente;
Pois não te devo razão.

Mas roubei-te a protecção,
O carinho do pae teu,
E dom Rodrigo sou eu;
Por não ser devedor teu,
De esposo te offerto a mão. »

E nas faces da donzella
Despontou meigo rubor...
El-rei, descendô do throno,
Abraçou o campeador:
— «Dou-te mais oito castellos,
Generoso lidador. » —

E a mourisma nesse dia,
Durante as bodas reaes.
Sem temer de dom Rodrigo
As correrias fataes,
A vez primeira, d'um jacto,
Dormiu em seus arraiacs,

J. F. de Serpa.

(J. D.)

CANCIONEIRO PROVENÇAL.

No meio das guerras e perturbações do nosso seculo XIX um homem appareceu em França, cujos escriptos sublimes atravessaram incoguitos a torrente das idéas, sem que um bando lhes estendesse a mão para divinisa-los, outro para combato-los. O homem, de que tractamos, fallava de amores, e escrevia na lingua quasi provençal ou romantica, no idioma dos marseiheses. Passados os horrores da revolução um editor parisiense verteu em prosa, e publicou em lingua franceza as ricas balladas, e apaixonados versos do nosso poeta, que muito sofreram assim despidos da formosa, e gentil simplicidade do seu idioma original, mas ignorado.

Arrebatou-nos a leitura do livro, e de ha muito aguardavamos por uma temporada de remanso e socego, para entreter-nos com a versão em lingua-gem d'aquelles formosos rimances. Não ousámos faze-lo em verso; recevamos o contraste da nossa humilde copia com aquelle rico original. Va de barato em prosa, que ali aos retalhos fomos escrevendo a lapis, sentados nos alcantis do nosso Herminio, nas bellas tardes de agosto, á sombra dos robres gigantes da serra, ao lado de estrepitosos arroios, com a alma tão serena, que cada vez mais nos encantava a singeleza, e formosura do que liamos.

E antes de dizermos algumas poucas palavras acerca da vida do nosso auctor, copiaremos aqui o original de uma das balladas, onde pode ver-se a gentil simplicidade d'aquelles rimances.

Pêscadou dé la canétto,
Pêscharies-ti ma méstréssô?
Lan la,
Pêscharies ti ma méstréssô?
Si tu mé la pêschos vivo,
Ti darai quatrê cent liros,
Lan la,
Ti darai quatrê cent liros.

Si tu mé la pêschos mnérto.
Ti darai tout l'or qué puerto,
Lan la,
Ti darai tout l'or que puérto.

Pedro L** nasceu em Marselha em 1780, de paes abastados, que debalde quizeram fugir, pela sua moderação e isolamento ás denuncias fataes da revolução, que mais tarde veio alfim fulmina-los. O nosso poeta tocava a adolescencia quando a expedição de Bonaparte ao Egipto veio inspirar-lhe o amor das armas. Distincto soldado, foi prisioneiro dos Ingleses; e por lá se instruiu na leitura dos melhoes poetas d'aquella nação. Trocado na paz de Amiens, voltou a Marselha, onde colligiu os restos da fortuna de seus defunctos paes. Foi alli que elle viveu a sua mais folgada e ditosa vida, sob o clima suave da Provença, á sombra des balsamicos pinheiros d'aquellas montanhas, respirando o ar fino e salutar do paiz, e fallando essa linguagem expressiva e apaixonada, que a um canto do mundo tem atravessado os seculos. Foi alli que entre as Provençaes mais bellas, escolheu para objecto de sua ternura a formosa Margarida, a quem dedicono todo o seu amor, toda a sua poesia. Foram os olhos travessos d'esta donzella que inspiraram ao trovador os seus primeiros versos. Mas os paes da sua amante oppozéram-se por tal forma ao casamento dos dous mancebos enamorado, que Pedro L** para evitar os tratos que davam a Margarida, ausentou-se do paiz natal, e foi alistar-se nas bandeiras de um corpo de Hussares. Fez as campanhas da Allemanha, Portugal, e Russia, regou com seu sangue Jéna, Smolensk, ganhou a cruz da Legião d'honra; e pelo regresso dos Bourbonns deixou o serviço, e voltou á Provença.

Trazia elle no coração uma esperanza toda viçosa: — como não se abrandaria a repugnancia da familia de Margarida ante o esplendor de tres campanhas tão falladas, e ante o honroso placar, que

encobria as suas recentes cicatrises? — Margarida, julgando-o morte, havia casado, e já tres lindos infantes brincavam innocentes no regaço maternal. O poeta, estava a pontos de succumbir em sua enamorada desesperação, victima de uma febre aguda, quando a nova do regresso de Napoleão da Ilha d'Elba, e uma patente de accesso, que o Imperador lhe enviou, vieram lembrar-lhe o expediente de morrer no campo da honra. Batalhou como um desesperado em Waterloo; mas pouparam-no as balas. Condemnado a viver, resolveu abandonar Marselha, onde a presença de Margarida lhe envenenava de ciumes o coração. Fixou em Pariz a sua residencia, onde se sustentou o resto de seus dias do rendimento de seu arruinado patrimonio, e da pensão da Legião d'honra.

O poeta não confiou ao editor francez as poesias que tinham relação immediata com os amores de Margarida, e com o seu nome. O que resta é todavia de sobejo formoso e original, para que se imagine a riqueza d'esse thesouro, que o trovador quiz que morresse consigo. O nome de Margarida não ficou portanto tradicional como o das Lauras, Leonores, e Cynthias; mas o nome do poeta atravessará os seculos como o dos Parnys, Tibulos, e Tetrarcas.

Gouveia 20 d'agosto de 1845.

J. F. de Serpa.

I.

O Abbade de S. Victor.

Os velhos muros de S. Victor encerravam outr'ora lá dentro muitas desenas de monges.

E o Abbade, que os regia, administrador de riquissimos feudos e regalias, accrescentava ao seu nome o titulo de Conde.

E o sangue dos principes corria nas veias dos Condes Abbades de S. Victor.

E o esplendor de seus habitos e equipagens era igual á elevação de sua jerar-

chia. Nas cerimoniaes religiosas usavam de murça e capuz; ninguém ousava disputar-lhes preeminencias, e quando os condes da Provença iam á caça, os Abbades de S. Victor eram os primeiros da comitiva; montavam soberbos cavallos, calçavam espora d'ouro, e sempre aos mais destros e brilhantes pagens, e cavalleiros d'aquellas eras se avantajavam.

E um d'estes Abbades, dava mais attenção ao meigo sorrir das donzellas, que ás rudes mortificações do claustro. E porque não, se elle era novo e gentil, e por cima da murça lhe ondeavam os elegantes anneis de seu cabello, que tão nedeos e louros por baixo do capuz se lhe escapavam? E bastas vezes deixava elle os seus bons religiosos a rezar matinas no côro, e ia-se ligeiro por ali fóra, a acossar a lebre nos prainos circumvizinhos, ou a caçar tordos pela vinhas das encostas; e ás vezes tambem, armado de flexivel cana, a surprender os peixes imprudentes ao longo dos rchedos, que circumdam a Abbadia. Mas o novel Abbade seguia de melhor grado outra natureza de caça, — caça que não tem pennas, nem escamas, como dizem os velhos jograis, e que voluntaria mais de uma vez deixava pendurar-se de suas palavras doces, de seus presentes dourados.

E ei-lo ali vai, n'uma alvorada, antes de sol nado, a correr a beira do mar. E ei-lo, prestes, parado em face de formosa donzella, que sentada n'um batel, estava remendando umas redes.

E a gentil pescadora tinha os olhos tão azues, como as ondas do peço, onde o azul do céu se reflectia; e a pelle mais alva que o nacar das conchas; e os cabellos tão louros como o linho dourado, que as zagalas costumam de fiar nas compridas soroadas de janeiro.

E o dom Abbade perguntou á donzella o seu nome; e a donzella disse timidamente: « Magdalena. »

E o dom Abbade junctou ao nome de Magdalena o epiteto de formoso, e perguntou-lhe de quem era.

E a pescadora abaixou as bastas pestanas de seus lindos olhos e disse: «Eu sou filha de João, o pescador do Sr. Abbade de S. Victor, e estou aqui recomendando-lhe as suas redes.»

E o conde Abbade continuou: «Eu sou o dom Abbade de S. Victor, de quem teu pae é pescador; vem comigo á minha Abbadia.» E como elle visse que a donzella hesitava, accrescentou:— «Tenho lá redes e anzoës de Veneza; leva-los-has a teu pae, da minha parte.»

E a rapariga ergueu-se, prendeu em terra o batel, e seguiu timidamente a seu galhardo amo e senhor. E o Abbade galgava as rochas com passos desiguaes, prestando attento ouvido ao ligeiro andar da donzella, que caminhava após elle.

Até que alfim chegaram á Abbadia. E ei-los a entrar na vastidão da abobada, que está contigua ao templo, mas que com elle não communica. Ao cabo da immensa nave solitaria ergue-se a estatua de S. Victor, todo armado em guerra. — Está o Sancto de lança em punho montado no seu corcel das batalhas. E cavallo e cavalleiro por tal arte estão acobertados de ferro, que não é para olhos humanos enxergar a materia de que são formados.

Um lado do vasto salão está fendido com esguias seteiras, que lançam escontra o mar. Sente-se por ellas o mugir das vagas; e vê-se a gaivota passar de espaço a espaço, brincando sobre as ondas, signal de vizinha tempestade.

Estende-se o outro lado, paralelo á igreja; e ao ponto que o dom Abbade ia entrando com a donzella, claro se ouvia o cantico sagrado dos monges, reunidos em côro.

E apenas os dous haviam entrado a abobada, e se havia sobre elles cerrado a porta; eis que o conde Abbade se vira rapidamente escontra a pescadora, apertando-lhe as delicadas mãos entre as suas, a dizer-lhe:

— «Magdalena! Magdalena! que te trouxe aqui para tu me dares o teu co-

ração; que nem anzoës, nem redes tenho para teu pae, mas anneis e preciosos colares para ti, se me escutares, e attenderes; se attenderes e escutares o conde Abbade de S. Victor, teu amante!»

E então foi o estremeecer da coitada, ao ver d'um jacto o mal que lhe vinha proximo; então foi o descorar subito d'aquella face, ora branca e palida como as lages marmorias do pavimento.

— «Oh! não, meu senhor, não! Deixae-me como estou, e não me deis colares, nem anneis preciosos.»

E o mancebo nada ouvia; apertava-a contra o peito, e fazia por senta-la á viva força no banco de pedra, que, defronte da estatua de S. Victor, avultava ao cabo da nave.

— «Oh! não abuseis assim da força; não abuseis da innocencia de uma pobre donzella! Olhae o canto dos vossos monges. Que as preces, que elles elevam ao Senhor Deus, vos convertam ao vosso dever!»

E o dom Abbade cada vez ouvia menos; — nem o cantico dos frades, nem o bramir das ondas, nem o ruido confuso dos ventos, que atravez das seteiras sibilavam, e que Magdalena invocava em sua desesperação.

— «Deus vos amaldiçoará, senhor Abbade. — Virgem sancta, accodi-me.»

E a donzella martyr lançou ao acaso uma olhadura para a estatua de S. Victor. E os olhos da donzella encontraram os olhos do sancto, a scintillar de furor por entre a greva da viseira de ferro.

— «Grande senhor S. Victor, vinde salvar da vergonha e da deshonra uma pobre donzella!»

E a pobre donzella viu o guerreiro sancto brandir a sua lança, puchar para si as redeas do ginete, e enterrar-lhe a espora nos flancos. E ella cerrou os olhos para não morrer d'esta visão. E troou-lhe nos ouvidos o galopar de um cavallo sobre as lages do pavimento. E sentiu faltarem-lhe de subito os braços

do joven Abbade, que mais não aper-tavam seus membros flexiveis . . . — E quando a coitada abriu os olhos, achou-se assentada na sua barca, ao pé das redes de seu pae, o velho pescador da Abbadia.

E ella quiz por um instante acreditar, que acordava d'um pesadelo horroroso; quando o funebre dobrar descompassado dos sinos da Abbadia veiu ferir-lhe os ouvidos. E ella correu para as filhas dos pescadores, suas companheiras; e as filhas dos pescadores lhe disseram que aquelle dobrar era ás exequias do conde Abbade, que apparecera estirado sem folgo de vida no pavimento da nave de S. Victor. E ellas deitaram todas a caminhar para a grande nave com os demais vassallos da Abbadia. E o logar, onde se erguia a estatua de S. Victor, estava vazio. Devisavam-se apenas impressos no marmoreo pavimento os signaes das ferraduras do cavallo, ao correr do vasto salão.

E desde então para cá não ousam as donzellas d'aquellas cercanias fiar-se mais nas palavrinhas meigas dos Abba-des de S. Victor; que sabem ellas de côr e argumentado o conto da Magdalena; e já lá não tem a estatua armada sua defensora; que desappareceu desde essa era, sem jamais ser possível encontra-la.

(Continuar-se-ha.)

NOTAVEL PHENOMENO PATHOLOGICO(*).

Ha na freguezia de Barqueiros, Con-celho de Barcellos, uma mulher cha-mada Maria de Jezus, de idade de 39 annos, solteira, que padeceu por espa-ço de 14 annos dores fortissimas, umas no ventre, outras no estomago, as quaes minoravam depois da ingestão de ali-mentos. Não tendo obtido alivio apezar

(*) A exposição deste facto, foi remetida a esta redacção pelo Sr. Bento de Freitas Soares.

Nem dos proximos numeros apresentaremos algumas observações a este respeito.

dos medicamentos, que por varios fa-cultativos lhe foram applicados, recor-reu a um pharmaceutico que lhe fez tomar certa bebida, da qual não sabe senão que era muito amarga. Quinze dias depois (no dia 25 d'agosto de 1845) principiou a lançar alguns ossos juncto com as materias fecaes, e desapparece-ram os sens incommodos. Só passados tempos se lembrou de conservar os ossos que ia lançando, e no dia 22 de setembro d'este anno pude eu conse-guir que ella me apresentasse os que conservava. — Contei 137 pequenos, e neste numero estavam 14 pequenas ver-tebras bem formadas, uma tibia que-brada, 3 costellas, muitas phalanges, as extremidades superiores de dous fe-mores em que eram distinctas as cabe-ças e os grandes trochanteres, alguns ossos largos mui delgados, alguns com angulos cartilagineos, e muitos outros ossinhos que não tinham forma que os tornassem conhecidos. Entre estes o mais notavel era um, que se asseme-lhava muito a uma ampulheta, e que tinha sido lançado no mesmo dia em que os ossos me foram apresentados,

NUNCA!

Virgem bella, cujo nome
Murmura o peito em segredo,
Como a linfa que suspira
Nas entranhas d'um rochedo:

Ah! donzella, se quebrando
Essa tão dura aliuvez,
Da hô a ao menos soltasses
Um espiraçoso — talvez —!

Porem nunca! . . . nem um dia
Uma só hora, um momento;
Nem um ai, nem um suspiro,
Nem sequer um pensamento! . . .

Mas nunca! se esta palavra
Inventaste, Ser Eterno,
Se tal abysmo creaste,
Porque fizeste o inferno?

A. Lima.

Inserimos em o nosso jornal o Relatório sobre o estado da instrução publica em Portugal, fructo dos trabalhos do Sr. Dr. Jeronymo José de Mello, e por elle apresentado em conferencia geral do Conselho superior em 28 d'outubro d'este anno.

Tem por fim este relatório dar a maior publicidade aos actos do Conselho, patentear o espirito que o dirige, o progresso da sua administração, e influencia dos seus trabalhos, direcção e inspecção geral sobre a instrução publica do reino.

Ver-se-ha por elle o estado actual do ensino e educação publica entre nós, o quadro de seus principaes estabelecimentos, progressivos melhoramentos d'estes e reformas de que ainda precisam.

Temos as mais fundadas esperanças nesta util instituição, é o centro de toda a instrução, e uma commissão permanente que o Governo consulta sobre todas as questões do ensino publico.

Crêmos que muito conviria ampliar mais as attribuições d'esta corporação. Desejaramos que não fosse simplesmente uma commissão consultiva e administrativa, mas numa assemblêa deliberativa sobre todas as questões de sciencias e artes.

Quizeramos que o Conselho superior se constituísse em uma verdadeira Academia; que as suas conferencias geraes fossem mais de duas no anno, que nellas se desse noticia de todos os descobrimentos notaveis, e examinassem e discutissem memorias e theses sobre os differentes ramos de sciencias e artes.

Os Vogaes extraordinarios, os Professores da Universidade, e dos outros estabelecimentos scientificos do reino podiam dirigir os seus trabalhos ao Conselho, e este fazendo-os examinar por commissões especiaes, dar o seu parecer sobre o merecimento d'elles. D'este modo creava-se uma nobre emulação, que

seria fonte das melhores habilitações scientificas, e a missão do Conselho tornava-se ainda mais nobre, mais elevada, mas solemne e mais util á instrução publica.

RELATORIO DO CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA.

Senhores

Em sessão de conferencia geral de 19 de dezembro ultimo, dando alguma idéa do estado de instrução primaria, e dos trabalhos respectivos preparados por este Conselho, disse eu na qualidade de relator da 1.ª secção — que se achavam affectos ao Governo de Sua Magestade, além do regulamento interno do Conselho, um regulamento geral para as escholas normaes, especialmente as de Lisboa e Porto, outro para administração das escholas primarias, um projecto de Selecta classica preparado por um dos vogaes d'este Conselho; que se havia distribuido pelos vogaes extraordinarios, em harmonia com o pensamento da lei, programmas para a composição de livros elementares indispensaveis ao methodo, e regularidade no ensino; que se procurava obter a estadística, senão exacta; a mais eproximada das escholas primarias no Continente, e a das Ilhas adjacentes, de que tudo até agora se ignorava no Conselho; e que este havia proposto ao Governo de Sua Magestade a necessidade de nomear logo Commissarios d'estudos em todos os Districtos para se occuparem da inspecção das escholas, organisarem a estadística d'ellas, tão necessaria, e conduzirem gradual e progressivamente o movimento das escholas por direcção uniforme e regular.

O regulamento interno do Conselho, cuja approvação requeria alguma sanção do tempo e da experiencia, como é de razão tratando-se de regular a marcha d'uma instituição nova e complexa, não tardará.

O das escholae normaes vai em breve ser applicado á primeira instituição d'este genero, logo que terminem os trabalhos materiaes que para esse effeito o Governo tem disposto na Casa Pia de Lisboa. — Este primeiro ensaio, e porventura algum outro de genero differente farão decidir, pelos resultados practicos, qual dos systemas hoje adoptados no mundo civilisado para formar Mestres deva ser preferido entre nós.

O regulamento geral da administração das escholae primarias aguarda ainda o resultado d'instrucções provisórias, que o Conselho tem transmittido ás mesmas escholae por via de seus Delegados.

Approvada pelo Governo a collecção d'excerptos dos nossos classicos, em breve sairá dos prêlos d'esta Universidade para servir d'instrucção, e educação á mocidade.

Em resultado dos programmas distribuidos aos vogaes extraordinarios do Conselho tem a secção recebido apenas um projecto de compendio de Chorographia do Sr. Dr. Antonio Luiz Henriques Secco. Mas por esta occasião não pôde deixar de mencionar com satisfação um compendio de Geographia para escholae primarias, preparado pelo Sr. Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, e offerecido pelo mesmo a esta secção, a que não estava incorporado: acha-se hoje impresso, e auctorizado para uso das escholae este livro elementar.

Tem o Conselho recebido os primeiros trabalhos estadisticos dos Districtos insulares; muito importantes trabalhos dos Governadores civis de Beja e Castello-Branco; e aguarda os de todos elles que se exigiram em circular do 28 d'abril ultimo.

De Commissarios d'estudos ha por agora unicamente nomeado o do Districto de Braga. O escrupulo e circumspecção, com que deve proceder-se em materia de tal transcendencia; a difficuldade tambem de encontrar ho-

mens devotos da instrucção, que pelo tenue ordenado prescripto na lei queiram encarregar-se de missão tão laboriosa e complicada, retardarão por algum tempo as nomeações que o Conselho tão anciosamente deseja.

Cuidando incessantemente dos melhoramentos da instrucção tem o Conselho preparado, e remetido ao Governo outros trabalhos regulamentares, já communs a todos os ramos, ou especiaes para a instrucção primaria. Entre elles devo apontar — Um plano para a organização das escholae primarias em 2.º gráo — Instrucções especiaes para regular os cursos de habilitação ao Magisterio na Universidade — Um regulamento para os vencimentos, descontos, jubilações, aposentações, e processo de folhas dos Professores e empregados da Instrucção — Circular aos Delegados do Conselho sobre a devida execução do art.º 32. e §. unico da lei de setembro de 1844 — Circular aos Commissarios contendo as instrucções sobre a execução de seus deveres e attribuições — Circular aos Professores d'ensino mutuo sobre a practica das lições nocturnas para o ensino dos adultos — Regulamento para as habilitações dos Professores d'ensino primario; e instrucções para uso dos mesmos Professores nas escholae.

A seria e pausada meditação, que deve constantemente presidir a trabalhos d'esta ordem, não permite que elles sejam de prompto approvados e publicados, por não lhes correr o risco de emenda-los com frequencia em prejuizo do ensino, e da força moral que deve constantemente vigora-los.

O Conselho tem tido seriamente a peito collocar as escholae em edificios publicos, bem convencido da utilidade da medida. Por em quanto só se acham assim estabelecidas todas as de ensino mutuo, e raras de ensino simultaneo. Encontra neste ponto resistencias, seja da falta de edificios publicos em muitos Concelhos, ou já da falta de meios nas

municipalidades para repararem alguns que existem. Não desiste porém do seu proposito; e espera conseguir muito da intelligencia e zelo dos Governadores civis, para que tem ultimamente appellido.

Alguns livros elementares d'instrucção primaria tem sido submettidos por seus AA. ao juizo do Conselho. Escolhendo alguns d'estes, e outros que no mesmo genero se achavam publicados, espera o Conselho poder formar uma collecção comprehensiva de todos os ramos da instrucção popular para interinamente se usarem nas eschololas, em quanto não apparecem obras mais perfectas, como é d'esperar do genio portuguez, e da vigorosa impulsão dada aos estudos pela reforma litteraria.

As provas offerecidas pelos Professores nos exames de concurso ás cadeiras vagas não tem satisfeito em geral ao Conselho. Com raras excepções, mais frequentes nos Districtos insulares, apenas se podem julgar Oppositores habilitados para eschololas parochiaes do campo, em que se pôde julgar sufficiente, instrucção menos subida. O Conselho, esperando Professores melhor qualificados em resultado das eschololas normaes, tem provido interinamente muitas cadeiras por não privar completamente os povos de toda a instrucção elemental.

Base de toda a educação intellectual, meio indispensavel da ordem e da estabilidade social, ponto de partida para todas as carreiras, occupaões, e cargos publicos — a instrucção primaria tem por isso merecido os maiores desvelos d'este Conselho. Mui longe está ella ainda do grão de perfeição, a que tem chegado em outros povos, que foram adiante de nós na civilisação; mas com perseverança, zelo, e actividade da parte dos empregados, e vigorosa protecção da parte do Governo, não tardará que tenhamos Professores condignos da alta missão, que lhes incumbe; e alumnos preparados com a educação litteraria conveniente ás diversas posições sociaes.

O numero das eschololas publicas no continente, sustentadas pelo Estado não excede ainda a 4:116: algumas tem sido transferidas para locaes mais convenientes; e tem-se provido outras que de ha muito estavam vagas. São 4:075 do sexo masculino, e 41 do feminino: 4:058 do methodo simultaneo, e 47 do de ensino mutuo, havendo 16 d'estas em exercicio, e frequentadas por 2:756 discipulos. Nas Ilhas ha 73 eschololas primarias com a que ha pouco se creou na Ilha do Corvo: 5 de ensino mutuo, 68 d'ensino simultaneo; 3 d'estas, e uma d'ensino mutuo são eschololas de meninas.

Acham-se as cadeiras distribuidas pelos differentes Districtos administrativos na forma que segue:

No Continente

| | |
|--------------------------|-------|
| Aveiro | 68 |
| Beja | 43 |
| Braga | 76 |
| Bragança | 56 |
| Castello-Branco. | 49 |
| Coimbra. | 70 |
| Evora | 28 |
| Faro. | 29 |
| Guarda | 92 |
| Leiria | 41 |
| Lisboa | 144 |
| Portalegre | 41 |
| Porto | 84 |
| Santarem | 52 |
| Vianna | 45 |
| Villa Real | 69 |
| Vizeu | 129 |
| | <hr/> |
| | 4:116 |

Nas Ilhas.

| | |
|-------------------------|-------|
| Angra | 30 |
| Funchal. | 14 |
| Horta | 9 |
| Ponta Delgada | 20 |
| | <hr/> |
| | 73 |

D'estas cadeiras insulares 48 são pagas pelos rendimentos das Confrarias, e duas conjunctamente pelas Confrarias e Thesouro publico.

Ha no continente 4:084 eschololas par tieulares, sustentadas em geral pelo

alumnos, com poucas excepções d'algumas instituidas por legados; e outras creadas e sustentadas pela beneficencia particular. Nas Ilhas, aonde se tem seguido a practica (digna de ser imitada) d'applicar á instrucção primaria os sobejos dos rendimentos das Confrarias e Juntas de parochia, ha proporcionalmente maior numero d'escolas particulares; não podendo ainda designar-se o numero total, por faltarem alguns elementos estadísticos. O numero d'alunos frequentando as escolas publicas no continente pôde hoje calcular-se aproximadamente em 45:500 pelo augmento de concorrência experimentado principalmente nos Districtos de Beja e Castello-Branco, devido aos effeitos da persuasão dos Governadores civis respectivos. Neste numero entram 1:641 do sexo feminino. As escolas particulares são frequentadas por 18:776 alumnos d'ambos os sexos.

Nas Ilhas poderemos dizer que não é proporcionalmente inferior o numero, segundo as noticias vagas, que temos recebido; faltam porem ainda os mappas estadísticos que deveriam ter chegado.

Avaliada em 3.412:500 habitantes a população do Reino no Continente, segundo os ultimos trabalhos estadísticos; e sendo 64:276 o numero total dos alumnos na instrucção primaria; a proporção dos alumnos com a população total é aproximadamente como 1 para 53. Donde se pôde inferir que vai progressivamente crescendo a *intellectualidade* nacional; porque ha poucos annos a proporção pelos calculos estadísticos estrangeiros era a de 1 para 88, e no anno findo era o nosso calculo de 1 para 55.

Feito o calculo em relação á população das Provincias dá em resultado:

| | |
|--------------------------|-------------|
| Traz os montes | . 1 para 43 |
| Beira | . 1 » 50 |
| Miúdo | . 1 » 43 |
| Alem-Tejo | . 1 » 75 |
| Algarve | . 1 » 92 |
| Extremadura | . 1 » 83 |

Mas comparando o numero d'alunos com o d'individuos de 7 a 15 annos, em idade e circumstancias de frequentar as escolas, desapparece a grande desproporção; para ficar reduzida a mais justo valor, formando-se um calculo aproximado pelos poucos esclarecimentos, que até agora tem chegado á Secretaria do Conselho. É certo que o sexo feminino se acha ainda muito desfavorecido; e pôde offerecer-se em prova o Concelho de Povoia de Varzim com 3:000 meninas de 5 a 12 annos, e d'estas apenas 110 applicadas á instrucção elementar.

Traz os montes, Beira, e Minho são pois as Provincias, onde a instrucção primaria é mais frequentada. Igualmente são as que tem mais habéis Professores, e as que offerecem mais concorrência ás cadeiras vagas. As Provincias de Extremadura, Algarve, e Alem-Tejo tem-se feito notaveis neste ponto pela difficuldade de achar mestres, pela insufficiencia d'estes em geral, e o pequeno numero de discipulos.

Neste ramo d'instrucção somos ainda inferiores aos Estados Unidos Americanos, á Prussia, Baviera, Reino Lombardo-Veneziano, Hollanda, Inglaterra, Austria, França, e Suissa; e superiores por ventura unicamente á Russia e Polonia, se acreditarmos os jornaes de Estadística.

O numero de Professores d'instrucção primaria é igual ao das escolas; se exceptuarmos as d'ensino mutuo, em que ha demais um Ajudante para cada escola, e alguns substitutos creados por impedimento dos proprietarios. Nem o nosso systema d'instrucção admitta a congregação de avultado numero de alumnos, que exija em geral mais d'um Professor por escola; nem a frequencia actual o consente nas escolas d'ensino simultaneo.

A despeza total da instrucção primaria no Continente, paga pelos cofres do estado, anda por 103:943\$324 r. Nas Ilhas a despeza publica não excede a

5:851\$996 r.º, sendo uma parte da despesa paga pelas Confrarias em numero, ou generos cereaes.

Comparada a despesa da instrucção primaria entre nós com a frequencia das eschololas, fica a despesa de cada alumno por 2\$285 r.º annuaes, muito superior á d'outros paizes, mórmente da Hollanda, Austria, e França, não obstante o serem maiores os lucros dos Professores naquelles estados. A differença reconhece por causa a menor frequencia das eschololas, e é por este motivo que o Conselho se não tem deliberado a propor por ora creação de mais eschololas, não ignorando que o numero actual d'estas deverá quadruplicar-se afim de diffundir a instrucção, e levar-se ao ponto em que se acha n'outros povos. Hanover com um e meio milhão de habitantes conta 3:426 eschololas: a Silezia com 2 milhões conta hoje 5:248.

Tambem é digna da maior attenção a enorme despesa que pésa sobre o Thezouro pelo systema adoptado entre nós da sustentação das eschololas; e continuando assim é de receiar que a multiplicação d'ellas exceda muito as forças da fazenda publica. O Conselho porem aproveitando a practica d'outras nações; e, talvez melhor, applicando ao Continente o que actualmente se pratica nas Ilhas, não deixará de propor depois de repousada meditação algum alvitro, que possa conciliar as necessidades da instrucção com a escacéz dos meios publicos. Os ultimos esclarecimentos a este respeito enviados pelos Governadores rivis em cumprimento de ordens d'este Conselho serão aproveitados como base de propostas ao Governo de Sua Magestade.

Tal é, Senhores o estado actual da instrucção primaria no Reino e Ilhas adjacentes. Não é elle plenamente satisfatorio, se o comparavos com o incremento progressivo experimentado em povos, que reconhecem a instrucção como a base da organização das sociedades modernas, e principio elementar

da força dos Governos; mas confrontado com a decadencia anterior a 1834 é innegavelmente um estado de melhoramento sensivel, e abonada fiança a um futuro elevado.

O Conselho procura desveladamente levar a instrucção primaria a muitas parochias, que ainda não conheciam os seus beneficios. Até agora tem feito a transplantação d'algumas eschololas pouco frequentadas para sitios mais populosos, respeitando em todo o caso as necessidades locaes. De futuro, quando a força da lei, e os meios da persuasão produzirem o desejado effeito do desengano das classes laboriosas, até agora omittas na instrucção e educação de seus filhos, a instrucção primaria será levada á porta de todos; porque todos d'ella carecem para acudir ás necessidades da vida.

(Continúa)

A ASTRONOMIA.

Costumados desde o berço á linguagem exacta, que o aperfeiçoamento das sciencias tem creado, bebemos com o leite as ideas, que nossos avós só adquiriram após muitos annos gastos na observação continua da Natureza; e o habito de receber estas ideas destroe em nós as illusões dos sentidos, que por muitos seculos obstaram ao descobrimento da verdade; e insensivelmente as abraçamos, sem mesmo conhecer o valor de sua descoberta. É só mais tarde que uma meditação mais profunda nos faz admirar, por um instante apenas, os resultados a que a intelligencia humana tem chegado. É quando nos não damos ao trabalho de seguir passo a passo o andamento progressivo do espirito humano na indagação da verdade, quando nos esquecemos de que precederam o nosso seculo muitos seculos de observações e experiencias, sem razão estranhemos a ignorancia antiga, de que temos provas nos principios erroneos então

adoptados; não attendemos a que essas erradas theorias e esses systemas extravagantes são pela maior parte de mais merecimento, e attestam melhor o talento de seus AA. do que na época actual muitas theorias bellas e verdadeiras.

Na historia das sciencias vemos frequentemente seguir-se a uma admiração cega um desprezo injusto; os systemas de muitos homens celebres recebidos ao principio com admiração, e adoptados cegamente pelos contemporaneos, foram depois olhados com desdém e caíram em completo esquecimento. Ptolomeu tornou celebre o seculo, em que viveu, pelos serviços que prestou á Astronomia, Geographia, Optica, Musica, Chronologia, Gnomonica e Mecanica; seus trabalhos revelam um espirito vasto, e dão-lhe um logar distincto na historia das sciencias. Deve-se-lhe um systema astronomico, que por quatorze seculos foi seguido no Egypto, e dominou na Europa e na Arabia até o seculo XV.

Mas depois que os grandes trabalhos astronomicos da Europa substituíram o systema da natureza ao de Ptolomeu, mudou inteiramente a sorte d'este grande astronomico; a admiração dos homens por seus trabalhos e talentos o havia elevado muito, para depois o abater ainda mais a injustica d'elles; foi accusado injustamente de se haver appropriado das descobertas de seus antecessores; e sua reputação teve a sorte d'Aristoteles e Descartes.

É de summa vantagem o estudo do aperfeiçoamento successivo das sciencias. Por elle, não só se avalia a ignorancia do homem em quanto não cultiva o mais sublime dos dons, com que o dotou a natureza; mas tambem se conhece a maneira porque procedeu o espirito humano na indagação das verdades, os obstaculos que teve a vencer, o modo porque saiu victorioso, e a gloria que resultou aos auctores das descobertas, que fizeram nas sciencias suc-

cessivas revoluções. Semelhante estudo não pode deixar de interessar a todas as classes da sociedade, e crear nellas o verdadeiro amor da gloria.

Se hoje apparecesse sobre a terra repentinamente formado um homem, que, sem haver passado pela infancia, fosse já capaz de discorrer com acerto, qual não seria o seu espanto ao contemplar o vasto e magestoso quadro do Universo! Quer estivesse no campo, no deserto, nos bosques, no mar, em qualquer canto do mundo; quer o alumiasse a luz do sol, ou o clarão da lua sob o manto azul da abobada celeste, cravada de infinitos pontos luminosos; desde logo reconheceria a existencia d'um ente supremo, a intervenção d'um braço poderoso na formação de obra tão portentosa! E se então viesse um Philosopho declarar-lhe os resultados das sciencias, sem lhe mostrar a vereda por onde se haviam obtido, de certo o julgaria inspirado pelo Auctor da natureza, e teria difficuldade em acreditar, que a tanto se pudesse elevar o entendimento humano.

Subiria ainda a mais alto gráo o seu espanto, se um astronomico lhe expozesse os resultados da astronomia, resultados que seculos apoz seculos tem vindo escrupulosamente verificar: ao ouvi-lo reputaria mentirosas suas palavras; mas quando visse depois realisadas todas as predicções astronomicas, cre-lo-hia um ente de intelligencia superior, cre-lo-hia Deus.

Mas, se em vez de lhe quererem excitar a admiração, lhe fallassem ao entendimento, se o guiassem pela escabrosa vereda dos descobrimentos, se lhe mostrassem o progressivo aperfeiçoamento das sciencias, se lhe fizessem conhecer quanto póde a intelligencia humana, quando illustrada pela experiencia de muitos seculos, desappareceriam todos os mysterios que o tinham assombrado, e cessaria a illusão.

É a Astronomia, tanto por seu objecto como pela exactidão dos resulta-

dos, a mais sublime de todas as sciencias naturaes, e a que maior porção de gloria dá ao espirito humano. Sua historia e seus progressos estão ligados com a historia e progressos da civilisação da Europa, e com o aperfeiçoamento da navegação, o mais util dos inventos humanos: a chronologia já nella encontrou meios infalliveis de verificar épocas remotas.

No esboço, que vamos a dar da historia da Astronomia, tomaremos por guia os escriptos de Laplace e Arago, já sufficientemente resumidos e desembaraçados da linguagem mathematica. Veremos que a astronomia mereceu a attenção dos povos e dos governos desde a origem das sociedades, perdendo-se até na noite dos tempos a época, em que pela vez primeira se quiz deduzir da comparação de varias observações as leis dos movimentos celestes. Na Grecia e em Roma foi cultivada por varios oradores celebres e escriptores illustres: porém só tomou verdadeiramente o character de sciencia entre as mãos de Copernico no seculo XVI.

Dividimos em quatro periodos a historia da Astronomia. Comprehende o primeiro as antigas observações dos astrónomos anteriores a Copernico, e as hypotheses imaginadas para as explicar e submeter ao calculo: e chega até meado do seculo XVI. Ahi começa o segundo periodo, e termina em meado do seculo passado: nelle figuram dous grandes astrónomos—Kepler e Copernico, e a Astronomia se mostra já com o brilhantismo de sciencia.

Abrange só meio seculo o terceiro periodo, e logo em principios d'elle apparece Newton a dar gloria á sciencia com notaveis descobrimentos.

O quarto periodo finalmente é contado desde o principio do nosso seculo até nós: o talento insigne de Laplace completou nelle a grande obra de Newton.

(Continúa.)

L. Albano.

ANTIGUIDADES PORTUGUEZAS.

Etymologia do nome Lusitania.

A etymologia dos nomes dos differentes paizes, que aos espiritos graves pode parecer objecto de mera curiosidade, tem muitas vezes a vantagem de recordar factos, ou circumstancias gloriosas, que formaram desde a antiguidade as crenças e character das nações; e que ainda hoje servem de despertar as virtudes moraes ou patrioticas dos cidadãos. Não decidiremos, se neste sentido mereçam ser examinados—o antigo nome de *Lusitania*, e o moderno de *Portugal*, pelos quaes é conhecido o paiz, em que vivemos: aos leitores deixamos fazer sobre este exame o juizo, que lhes parecer; certos, como estamos, de que se o attribuirem a curiosidade, não hão-de accrescentar, immoral e indecente.

Luso ou Lysias, filho ou companheiro de Baccho, segundo a mythologia dos Gregos, gozou desde a mais remota antiguidade a honra de ter dado o nome á Lusitania. Plinio na sua *Historia Natural*, na descripção que faz d'esta região, assim o disse: os Historiadores subsequentes não fizeram mais do que referir-se a esta auctoridade respeitavel; e os Antiquarios nacionaes, sem exceptuar o critico e judicioso Andre de Resende, seguiram com desvanecimento esta origem maravilhosa, que vai filiar a Historia da sua patria nos tempos heroicos da antiga Grecia. Possuidos d'esta idea, no sen parecer unni gloriosa, combatem com energia e enfado os temerarios, que ousaram derivar aquelle nome, —uns do latino *tudo seu lusione*, que significa folguedo, genio brincalhão; outros de *lissa*, furor bacchanal. A mesma opinião seguida por Camões parecia immortal como os Lusíadas:

• Esta foi Lusitania derivada

• De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo

• Filhos foram parece, ou companheiros.

Mas por que modo, e em que tempo veio a Hespanha o filho de Baccho legar o seu nome a uma parte d'ella? Nem da Historia grega, nem ainda das fabulas da Mythologia consta que este Heroe ou seu filho emprehendessem expedições para o Occidente? Não se sabe que nesta região tenha apparecido templo, inscripção ou monumento, que inculque memoria, ou o culto d'este Semi-Deus? A pezar d'estas ponderosas difficuldades o Chronista Fr. Bernardo de Brito, seguindo a Paladio, Laímundo, e outros impostores cujos escriptos só foram conhecidos na Bibliotheca de Alcobaca, na Monarchia Lusitana marca a vinda do Deus do vinho a Hespanha pelos annos pouco mais ou menos 2632 da creação do Mundo, 1332 antes do nascimento de Christo, e faz-nos d'ella uma narração tão burlesca, e incongruente, que nos põe em duvida, qual deveremos desculpar antes ao Historiador — se a simpleza, se a credulidade.

O filho de Jupiter e de Semele, provavelmente depois da conquista da India, quiz levar as suas armas á Península Iberica, e assenhorear-se do paiz encantador da Betica, cujas delicias eram celebradas como maravilhas, pelos viajantes e Poetas. Nesta expedição, de genero novo, o menor numero era de soldadas, o principal constava de foliões, de musicos, e de lindas moças, entre as quaes se distinguiam nove damas estremadas em musica, com que Baccho se delectava muito, diz o singelo Historiador. Alem de seu filho Lysias, vinha o famoso conquistador acompanhado do seu ayo, o rubicundo Sileno, o qual servia de conselheiro, e ao mesmo tempo de intendente da bagagem, que em vez de petrechos de guerra constava antes de boa copia de vinhos preciosos. Se eram conduzidos em pipas, odres, ou botelhas, isso não diz o Historiador: em garrafas não poderia ser nesse tempo.

Depois de visitada a Betica, quiz o

Heroe grego continuar a expedição para o Poente, e atravessar o Guadiana. É de presumir que o seu gosto delicado no conhecimento dos vinhos, e a divina presciencia lhe faria sentir a exposição e propriedades do solo do alto Douro. Porem os habitantes da outra parte, os quaes eram tão zelosos da sua liberdade, que em qualquer estrangeiro receiavam um conquistador, saíram-lhe ao encontro em armas para lhe disputarem a entrada do seu paiz. Mas apenas na Guarda avançada do Exercito invasor, em lugar de soldados, encontraram musicos e bellas moças, já deixavam cair as armas da mão; e sobre tudo depois que por conselho do bom Sileno provaram o licer generoso que vinha na bagagem; abraçaram-se como amigos e irmãos, e com as taças na mão juraram solemnemente preito, e obediencia ao filho d'aquelle que nesta bebida deliciosa lhes offerencia um principio eminentemente civilizador. O seu governo foi tão affortunado, que os povos, para eternisar a sua memoria, tomaram d'elle o nome de Lusitanos. Todos se hão-de persuadir, que um filho de Baccho e discipulo do velho Sileno empregaria a sua politica em ensinar aos seus povos a cultura das videiras, e o preparo dos generosos vinhos; pois não aconteceu assim:—Lysias não os ensinou senão a fazer cerveja de cevada: assim o attesta o Chronista.

No seculo passado porem Mr. de la Clede, na sua Historia de Portugal, veiu disputar ao Heroe fabuloso a gloria de que até esse tempo tinha gozado: dando ao nome de Lusitania uma outra origem, a qual se não é fundada na auctoridade dos antigos, é com tudo mais conforme com os factos geraes e veridicos da Historia. Crê-se hoje geralmente que os povos daquem dos Pyreneos foram de origem celtica. Assim se deduz de muitos dos seus costumes e denominações, e sobre tudo da linguaagem ainda nos tempos modernos usada na Biscaia, e Provincias Vascas,

aonde pouco pôde penetrar a mistura da romana. O nome de Celtiberos por que foram antigamente nomeados os habitantes das margens do Ebro, assaz o indica tambem. Ora d'entre estes encontra-se mencionada nos antigos Historiadores uma Tribu chamada Lusos em razão da sua estatura ou valentia, pois é esta a significação da palavra Celtica *lous*, os quaes se adiantaram para o Poente até aos confins da região, e proximidades do Oceano; e do seu nome com o outro tambem Celtico *tan*, (paiz, região) se formou o nome de Lusitania, que ficou sendo o do territorio em que tinham estanciado.

Esta etymologia foi censurada pelo traductor de Mr. de la Clede; mas apezar d'isso é seguida pelos escriptores que escreveram depois, como Jeronymo Soares Barboza, e Antonio Gaetano do Amaral. Seja porem qual for a origem do nome, é certo que o nosso paiz tão familiar, e tão notavel na Historia romana, não se encontra alli designado, senão pelo nome de Lusitania porque o de Portugal sómente lhe foi dado muitos seculos depois.

He verdade que a antiga Lusitania não abrangia exactamente o terreno que hoje occupa o Reino de Portugal: porque ao Norte terminava no Douro, e não comprehendia por tanto as actuaes Províncias do Minho e Traz-os-Montes; e ao Nascente entrava muito pelas Castellas até á linha, pouco mais ou menos, de Samora a Villa-nova de la Serena, e dali continuava pelo Guadiana até o mar. Estes limites porem variaram com as differentes divisões que se fizeram no tempo dos Romanos.

Origem do nome de Portugal

Talvez muitos dos laboriosos habitantes da Cidade do Porto não tenham reparado, que a sua patria, dentro em cujos muros modernamente se refugiou a Liberdade Portugueza para dali sair victoriosa e em triumpho sobre a

tyrannia, é a que no seculo 12 deu a origem á Nação, e o que é mais, o nome famoso que fez esta conhecida, e respeitada em todas as partes do mundo. Ainda que vulgarmente e em linguagem esta cidade seja conhecida pelo simples nome de Porto; com tudo o seu nome antigo, e ainda hoje usado em Latim, é o de *Portu-Cale*.

A povoação chamada *Cale*, donde na opinião de todos proveiu o nome actual de *Gaia*, acha-se já marcada do tempo dos Romanos no Itinerario, chamado de Antonino, ou seja do Imperador, ou d'outrem, na estrada que conduzia de Lisboa a Braga, a 35 milhas áquem d'esta Cidade, e 13 adiante de Lancobrica (Feira). Os povos d'este paiz vêem-se tambem nas antigas inscrições designados pelo nome de *Calenses*. Porem o nome composto *Portu-Cale*, isto é, Porto de *Gaia*, encontra-se pela primeira vez no *Chronicon* de Idacio, escriptor do 5.º seculo, o qual na Historia dos Suevos, diz que no anno de 457 o seu rei Rochario, que tinha fugido *ad locum qui Portucale appellatur*, fôra feito prisioneiro por Theodorico; mais abaixo indica a morte de Aiulfo em *Portucale* e pouco depois accrescenta que Madras, outro rei suevo, matára seu irmão *ad Portucale Castrum*. Se houvessemos de acreditar no Concilio de Lugo que se diz celebrado no anno de 569, e vem mencionado por Fr. Bernardo de Brito na Parte 2 da Monarchia Lusitana, notaríamos a menção que ali se faz das duas povoações distinctas ou Cástros, ambas com o nome de *Portucale*; uma á direita do Douro, que é ja cidade o cabeça de Diocese *ad Portugalensem sedem quæ est in Castro novo*; e outra á esquerda, *Portugale castrum antiquum*, que ficou pertencendo á Diocese de Coimbra.

Seja porem o que for d'antigamente, é certo que no tempo dos Reis de Leão, depois do acabamento do reino dos Visi-Godos, a cidade de *Portucale* era ja capital de uma comarca assaz dila-

tada, ainda que costumava andar unida com o territorio da Gallecia (Galliza) e um e outro no meio da desordem geral e effeitos da guerra, eram governados ja pelo mesmo Conde, ja por differentes; até que pelo casamento do conde D. Henrique com a rainha D. Theresa, e doação que d'elle lhe fez o pae d'esta el-rei D. Affonso VI, ficou este districto sempre em separado: foi depois elevado á cathegoria de reino por D. Affonso Henriques na memoravel batalha do Campo de Ourique; e conservando sempre o nome primitivo de Portucal, se foi extendendo para o Sul por meio das conquistas feitas sobre os Mouros até os limites que ainda hoje conserva.

Mas por quem, e em que tempo foi fundada essa notavel e antiga povoação de Cale, e esses Castros que dominavam o porto, e que d'elle tomaram o nome de Portucal? A indagação d'este factio vai perder-se em epochas desconhecidas da antiguidade; confessamos que é impossivel verifica-lo: esta mesma impossibilidade era, segundo as ideas dos antigos, um motivo de gloria e de nobreza para as cidades.

Uns querem que seja fundação de algum Capitão dos Graios, ou Gregos, cujo nome se perden, d'aquelles que depois da guerra de Troia arribaram a estas paragens occidentaes, ao mesmo tempo que Ulysses veio fundar Lisboa, e Diomedes a cidade de Tui; outros, levados talvez da semelhança do nome, a attribuem aos Celtas, chamados pelos Romanos *Galli*, os quaes não só deram o nome a esta cidade, mas tambem a Gallecia. Se houvermos de acreditar o nosso João de Barros, um letreiro com o nome *Julius*, que se encontrou em uma pedra na muralha da mais antiga e pequena cerca do monte da Sé, inculca que esse Castro foi obra de Cesar, provavelmente para preservar as comarcas do Sul contra as incursões dos Bracaros, e dos Gallecos. Outros presumem que fosse fortificado, e acastellado este ponto pelo Imperador Galie-

no para a defender contra os Barbaros. Outros finalmente datam do tempo dos Suevos a importancia militar d'esta povoação, pois que nesse tempo começou a fazer-se notavel com o nome moderno.

Consoltem-se os habitantes d'esta heroica cidade: a origem da sua patria será impossivel de descobrir-se; mas em quanto for lida a historia, não-de ser lidos e admirados os excessos de coragem e devoção, e os pasmosos feitos com que a Cidade do Porto em todas as epochas de perigo tem acudido, e salvado a Nação a que tinha dado o nome.

O FIDALGO E O POETA.

(Continuado da pag. 214.)

Bôa aconteceu ao pobre de Pedro Mendes em lhe vir morar para as mesmas casas aquelle turbulento compaunheiro! Não se podia alli escrever, nem ler, nem descansar ao menos.

De dia era uma continua procissão de estudantada, a subir e a descer pelas escadas; de noite era um tal tripudio de danças, e uma tal festa de violas até quasi á madrugada, que já toda a vizinhança andava alyoroçada com isso.

Finalmente o nosso amigo fidalgo era um patusco de contas. Levava uma vida regalada: não queria saber de livros fora das anlas — e nem lá talvez — por que se fiava em certas protecções. . . . e trazia á roda de si quanto mandrião, e . . . — *trocista* creio que lhe chamam hoje, não sei como se dizia então — quanto estouvado havia na Universidade.

E Pedro Mendes que os atorasse! . . . chegava a tanto, que lhe vinham fazer apupadas á porta do sótão, os judeus! E elle calado: tirado o tempo, em que comia, ou dormia, que pouco era, não se arredava d'ao-pé da banca.

Assim foram passando os dias e as se-

manas, e já se estava próximo das férias do Natal, quando uma tarde — seriam seis horas, era já muito depois de trindades — se vinha recolhendo o sr. estudante, o sr. Duarte G. de G. S. de T. — que era este o pomposo nome do fidalgo, — vinha-se recolhendo, e só — grande milagre! Entrou e ficou meio assombrado ao acabar de ler uma carta, que o seu laçao tinha arrecadada para lhe entregar. Era um aviso particular do Reitor para que S. Senhoria se aparelhasse d'estudo, porque na manhã seguinte havia de ser chamado á lição por seu mestre, que fora nesse mesmo dia participa-lo ao paço, conforme a recomendação, que tivera.

«Ora pois quero uma vez dar gosto a meu tio» disse consigo Duarte G. «e quero tambem estrear esse calhamaço, que para ali está para baixo da banca do jogo, fechado e novinho, como, ha dous mezes, veio do livreiro. Vamos a isto. Oh! Manoel Braz?» —

«Criado de v. m.» respondeu logo o laçao bocejando e espreguiçando-se, porque vinha da cama. —

«Vae-me lá baixo ao sótão, e chama cá para cima esse maltrapilho do estudante.» —

«Quem, o donato? prompto e léste, meu amo. Temos cannas agora?»

Manoel Braz era um verdadeiro groom de provincia, um *pagem de polainas* dos mais pimpões e doctores. Entrava, já se sabe, como primeiro actor, nas comédias de seu amo, e preparava-se portanto, para alguma nova folia.

«Não, Manoel, não se cuida hoje d'isso,» proseguiu Duarte, «hoje não, porque vou estudar.» —

«Que diz, fidalgo!» —

«Vou. Está decidido, Deu-me para aqui . . . que queres?» —

«Deixe-se de tal, deixe. Ora adeus, meu amo! matar-se um homem com livros! . . . só é bom para tolos, ou pobres. . . . E então, v. m., um senhor tão bem-estreado. . . . não caia em semelhante, fidalgo, olhe que lhe digo que pôde tresler.» —

«Pois sim, sim, mas avia-te: vac-me chamar o estudante do sótão.» —

«E se elle me responde que não?» —

«Ha-de-te responder que sim. Cor-ta.» —

A voz de Duarte G. lia-se fazendo de cada vez mais severa. O criado, que sabia por experiencia — e bem amargal que se não podia batalhar com aquelle animo altivo e nunca dobrado a alheia vontade, calou-se e foi.

Em outro tempo para um moço de boa linhagem era impropria e *baixa* a vida das letras; se algum a seguia, era quasi sempre contra seu gosto, e arrastado pelo poder de *certas razões particulares*. Ainda hoje ha quem pense d'este modo em Portugal, principalmente nas provincias mais arredadas de Lisboa! cousa extranha! como se aquella profissão não fosse a mais bella, a mais alta, a mais nobre de todas — a unica, pela qual a velha aristocracia poderá reconquistar ainda a posição, de que a derrubaram!

Duarte G. criou-se com essas idéas — bebêra-as com o leite, se pôde dizer: entendia que para ser reverentemente acatado em toda a parte, não carecia d'outros titulos mais que os seus braços e o seu nome. Raiou-lhe porém uma luz debil no coração: fôra sómente o orgulho que a accendera, o orgulho de não querer ficar vencido no dia seguinte. . . por algum estudante de meão ou d'obscuro nascimento; mas logo lhe veio o laçao fallando, como sempre no seu solar lhe fallavam, adula-lo, mostrar-lhe com a sua logica derrancada que o genuino fidalgo não podia medrar, senão fôra dos livros.

Duarte G. ainda resistiu á primeira tentação, — á lisonja, que, como dizia o nosso *A. Erithreo*:

É a mentira quem lhe finge as côres

E ainda assim pôde tanto,

Que não lembrou as Circes logo encanto.

A' primeira resistiu elle. Resistirá porventura á segunda?

.

Ouviram-se passos na escada: era Pedro Mendes que subia, acompanhado de Manoel Braz.

— Não posso, não me atrevo a fazer aqui uma pintura acabada, e como se queria, da sala do sr. Duarte G. Antes de ler o *Judeu Errante* talvez o intentaria; mas agora!... nada, nem por sombras quero ter a vaidade de pensar em tal, e contentar-me-hei, por tanto, em dizer ao amavel leitor, que andava alli tudo n'uma barafunda... e que em fim era uma verdadeira *casa d'esgrima*.

Duarte estava recostado, com aquelle orgulhoso desleixo, que tão bem lhe ficava, na sua torncada cadeira. Logo que deu com os olhos em Pedro Mendes, pôz na voz uma doce brandura e convidou-o para se assentar a seu lado.

O poeta respondeu-lhe com respeitosa modestia, e suas faces pallidas tingiram-se d'um rubor esvahido:

« Senhor, eu sou como aquelle rei, que comia em baixellas de barro, para se não esquecer entre o fausto de seus banquetes de que seu pae fôra um pobre oleiro; e por isso ainda que Deus me levantou do pó, em que nasci, hei-de sempre lembrar-me de que antes de vir para Coimbra... andei a guardar cabras no monte.»

E ficou em pé.

(Seja-me licito *illustrar* o men conto com uma *eruditissima* nota: Pedro Mendes tinha lido Ausonio, e alludia ao epigramma d'el-rei Agathocles.)

— Era realmente singular e sublime o grupo que aquellas tres pessoas formavam! Duarte meio-deitado e com modos de estúpida e preguiçosa distracção, ouvia... e não ouvia as claras explicações, que o afilhado de Rodrigues Lobo lhe fazia. Elle, Pedro Mendes, tinha-se direito, com o livro aberto na mão, e com os olhos radiantes, mas serenos como duas estrellas em noite de primavera. Parecia um propheta inspirado do Senhor com a sua corôa phantastica de gloria. E Manoel Braz surria-se com aquelle riso máu e sceptico

dos tolos, acotovellava sen amo, e saboreava d'ante-mão as arrochadas, que havia de dar essa noite, e as canadas de vinho, que havia de beber á ceia.

A lição hia quasi no fim, quando se sentiu na rua um grande tropel e uma bandurra. Ai! aquelle tanger tinha feitiço occulto, como o da buzina maravilhosa do *Oberon*, que fez andar frades e freiras a dançar as tripecinhas por cima da lama.

«Serão elles?...» perguntou Duarte G. erguendo-se d'um pulo.

«Serão... e são.» respondeu Manoel Braz e desceu em duas passadas.

Oh! quem me dera a picante graça do nosso Diniz para descrever aos meus leitores o truanesco e variado traço d'essa meia duzia d'estudantes derrengados — e todos meliantes d'encomenda — que agora vem a entrar na sala, onde esta minha historia se passava!...

Mal que avistaram a Pedro Mendes choveram as chufas e os motêjos, e foi por Deus não *choverem* tambem as *bosetadas*, como naquelle chistoso drama d'um illustre poeta hispanhol.

Ora como havia o bom de Duarte G. resistir ao seductor enleio de tão *espirituosos* e *innocentes* folguedos? Fez-se logo alli o peor de todos.

O livro voou pelos ares em farrapos.

«Olha o donato, que não quer levantar a vista para a gente!...» dizia um dos taes academicos virando os punhos cerrados para o desgraçado poeta.

«Se elle é nosso lente e mestre de sentenças... agora!...»

— E diz que faz trovas... isto!

— Não-de ser frescas... como a sua cara. Se fosse entender de cabras!...

— Para que viva, sô doctor cabreiro.

— E então Duarte a ouvir-lhe a lição....

— E era capaz de lh'a ensinar ás avéssas.

— Pois olhem que lh'a ensinou. Só pelo gosto de o ver ficar mal.

— A'gora?..

— Devéras.

— Ora o sr. donato! . . . »

Pedro Mendes não abria a bocca sequer. Voltava-se para o céu com a resignada humildade que fortalecia os martyres no meio dos tratos dos iudicis.

A rapaziada continuou:—

«Que havemos nós de fazer esta noite? . . .»

— Um brodio. Va? . . . va.

— Valen.

— E onde ha-de ser? . . . digam lá. Que dizes tu, oh! Duarte?

— Eu sei? onde quizerem. »

O lacaio, que ria como um perdido desemparou aquella intrincada *questão d'orden*:

«Cá um homem é que deve escolher, meninos » disse elle batendo no peito com a mão, inchado como . . . , como um lacaio de morgado d'aldéa, «Vamos todos patuscar á estalajem do *Cirilho*. »

Uma geral saudação d'enthusiasmo respondeu ao acertado convite de Manoel Braz, e poz-se a andar toda aquella caterna de vadios.

O *Cirilho* era um estalajadeiro, que viera da Bitesga, de Lisboa, e morava para perto das escadas da Sé velha. Fazia então as delicias dos gulosos da academia com os encantos *culinarios* do seu immundo, mas succulento *restaurador*.

Ora, pois deixemos os srs. *trocistas* a trocarem á volta das garrafas, com o divertido lacaio do Ill.^{mo} Duarte G. em quanto Pedro Mendes fica velando e estudando no seu gelado sôtão, e encontrá-los-hemos todos agora na aula diante do mestre, no dia seguinte.

E havemos de ver como isso scrá.

(Continuar-se-ha.)

Pereira da Cunha.

sumpto: — a *questão* é toda de portuguezes e portuguezes os supponos nós a todos.

Não vemos no fundo d'esta *questão* senão a nacionalidade, nem entendemos que a politica venha implicar com ella em ponto algum: se a politica aqui entrasse, a Redacção da Revista Academica ter-se-hia cautellosamente desviado d'ella, mas tratando-se unicamente de defender a protecção que ás letras patrias se deve, a Redacção não podia, sem renunciar ao *nobre orgulho* de ser portugueza, deixar de unir a sua voz, mas que debil, ao brado de todos os homens amantes do seu Paiz, para lamentar um facto que oxalá nunca houvesse manchado as paginas da historia da nossa litteratura.

Foi assim que o entendeu *unanimemente* o Instituto, assim o entendeu o nosso socio o Sr. João de Lem os, assim o entendemos nós tambem, e é por isso, e só por isso, que a este assumpto franqueámos as columnas do nosso Jornal.

O Theatro abriu-se — abriu-se não só para a Côte senão tambem para o publico, para a nação, e os primeiros sons que articulou foram estrangeiros. O corpo fez-lh'o um architecto italiano; a alma creou-lh'a um poeta francez.

Ali está o facto; facto que bem podéra ter-se evitado em quanto era tempo, porque o não crêmos inevitavel, mas que já hoje nenhuns *sophismas* pôdem apagar, porque a historia já o empolgou para o desdobrar d'entre as suas paginas diante do severo tribunal dos vindouros. Por mais que façam poderão ainda *naturalisar* o novo Theatro, *nacionalisa-lo*, já não.

A nós pois só nos resta manifestar a nossa magua por ter existido o facto que bem quizeramos mas que não podemos destruir; é essa manifestação que queremos hoje fazer: podesse ella servir de expiação a uma falta que os severos juizes do porvir hão-de lançar como labéu sobre esta nossa idade.

Publicamos hoje um outro artigo sobre a abertura do Novo Theatro com uma peca estrangeira; não receamos cufadar os nossos leitores com este as-

TAMBEM NOS—AO NOVO THEATRO.

Par où m'y prendrai-je? car j'ai à peu près
tout le monde contre moi. quoi qu'ils
 ne soient. . . qu'un sur cent?
 (Feu! Feu!—Timon.)

Após tamanha profusão de dissertações litterarias e politicas, ácerca do novo Theatro, das suas representações, da sua estreia, das suas pateadas, das suas inconveniencias; arrôjo parecerá certo, a alguém, semsaboria pelo menos, o feudo de nossa humilde opinião ao caudal de tão acabados pareceres. Mas a *lide* diz-se de portuguezes, e nós somos portuguez. — A opinião que seguimos é singular e nova; tem direito a ser archivada ao pé das outras. — Promettemos aos collegas do Instituto a sua manifestação, fóra do circulo isolado de nossas fraternas discussões, porém na arena generoso e desafrontada da imprensa: havemos de cumprir a promessa.

Dous campos se levantaram n'esta contenda. Disseram os do primeiro campo: « *A abertura do Theatro portuguez com um drama estrangeiro é um crime contra a nacionalidade; o Theatro estrepou-se com uma peça de Mr. Dumas eis um crime perpetrado.* Disseram os do 2.º campo: « *O Theatro não se abriu nem se inaugurou; experimentou-se: logo não houve ali mal.* Ambos concederam a these; a guerra é ao feito: e é nossa opinião que ambos peccaram, os 1.ºs com um sophisma, os 2.ºs com um subterfugio.

Não somos d'um, nem d'outro campo; mas suspeitamos de subejo que anda ali occulto o damnado pensamento da politica. Nem ha por nossa terra cousa sancta, nobre, e innocente, que ella não escave com suas garras e não enrole nas suas bandeiras. A questão por este lado, como questão politica, é da alçada do parlamento, e da imprensa periodica: nós não somos d'um, nem d'outra; não nos cumpre tracta-la. Como portuguez, e amador das letras, sim; assim o faremos.

E tambem havemos de estabelecer a nossa these; não capciosa e apertada, como aquella; mas ampla e generosa como o nosso campo. E eis-a ali « *Ani-mar e proteger as letras portuguezas é uma virtude nacional. Deprimi-las, e menoscaba-las é um crime.* » Vamos agora a registar o feito n'uma d'estas paginas. Mas não havemos regista-lo, como os de mais fizeram, cru, isolado, sem antecedentes, sem consequentes, sem nexos com o feito principal, de que é dependencia: havemos de formar um feixe de todos elles, e este ha-de ser um ramo d'esso feixe; por que assim é que leal e cavalheirosamente se discute; o contrario é uma decepção.

O feito principal é a edificação d'um Theatro nacional, regular, decente; que hombreie com os das nações nossas iguaes, que sirva de reproduzir no meio de nós os bons modelos dramaticos, e que excite a justa emulação dos nossos auctores. Quem ousa negar esse feito? Eis ali uma virtude nacional. E seja-nos dado inscrever na mesma pagina — as brilhantes decorações, e esmeros da obra, (não portuguezas, porque as nossas artes não chegaram ainda áquella perfeição indispensavel para elevar o templo do nosso drama a hombrear com os templos dos seus collegas lá de fóra; mas dignas do objecto, e fonte de nobres emulações para os nossos artistas); — a escolha do dia 4 d'abril para a festa verdadeiramente patriótica da inauguração solemne da casa, aliando-se por est'arte dous justos motivos de jubilo; — o concurso, que se abriu no Conservatorio aos dramas portuguezes, para excitar a emulação dos Auctores, e fazer resplandecer o talento no seu templo de gloria; — os premios estatuidos a nove dramas portuguezes; que é de esperar formem um sufficiente *repertorio*, para que o Theatro no decorrer do seu primeiro anno de vida seja todo portuguez, e deixe tempo aos nossos litteratos para concorrerem á liça no 2.º com novas corôas.

Coloquemos agora o feito da *contenda* no meio de todos estes, como está; accrescentemos-lhe as circumstancias—de se haver declarado officialmente a intenção da representação, que não era para solemnizar uma *abertura* de theatro, mas para dar uma recita em um dia determinado;—de ser essa recita particular para a Côrte; e as seguintes mais um desafogo ao publico, que tinha direito a ver os 1.^{os} ensaios do seu templo;—de não ter o Conservatorio o espaço sufficiente para escolher em um concurso publico, o 1.^o dos dramas nacionaes;—de se representar no mesmo espectáculo uma ou duas composições portuguezas, em um genero pouco visto, quasi novo, em nossa terra. E julgemos agora o feito após tudo isto: quem ousará apelida-lo um crime? E se das paginas, que eu tracei para o seu registro, não é dado collocar-lo na 1.^a, quem terá a má fé de pendurar-lo na 2.^a?

E todavia não deixamos de lamentar esse feito: já o dissemos em publica discussão, repetimo-lo agora. É neste modo de *ver* que discordamos da opinião do nosso amigo, o distincto collega, o Sr. Lemos, a cuja magua aliamos a nossa, mas a cujas recriminações junctamos outra magua, a de vê-lo assim escrever sabendo que escreve de boa fé. De boa fé cremos andáram também o Instituto, e a Sociedade redactora d'este periodico: dous corpos alheios, e independentes da politica; e deprehendemos da viva discussão, que houve no 1.^o acerca da redacção e formula, por que lhe cumpria expressar a magua já unanimemente votada, que o seu fim foi tão sómente manifestar esse pezar, já mais fazer recriminações intempestivas. Reconhecemos a impossibilidade que havia de remediar o mal; mas é por isso, que mais o lamentamos. E peza-nos ainda mais, que muitos dos nossos portuguezes litteratos, que devem conhecer que não houve no feito intenção criminosa, nem acinte, em vez de se unirem todos para cubri-

lo com o manto de seus talentos, e mandá-lo puro e innocente como elle é, aos archivos da historia; fizessem uma *crasada* para adultera-lo e arroja-lo, assim contrafeito, aos faustos de nossas vergonhas.

Curto e diaphano é o nosso manto; assim mesmo ali lh'o damos, e oremetemos coberto com elle para o archivo de nossas fatalidades; nunca para o dos nossos crimes.

J. Freire de Serpa.

MEMORIA HISTORICA

SOBRE O

INTENTADO DESCOBRIMENTO

D'UMA

SUPPOSTA ILHA AO NORTE DA TERCEIRA.

Ha trabalhos litterarios que pouco ruido produzem na republica das letras, porque o commum dos leitores contente com o presente, certo do esquecimento do futuro, não avalia o proveito que se póde tirar do passado. Consumir tempo, malgastar fadigas para esquadrihar factos, que á primeira vista parecem insignificantes, é trabalho que para muitos é sobremaneira inutil.

Não pensamos assim, a historia é o mais instructivo dos estudos moraes, o fonte, onde de continuo temos que ir beber; quanto mais abundante fôr o mais crystallina, tanto mais proveito tiraremos; mas para isto carece-se de homens, que, votados a colligir os materiaes que trem de servir á sua edificação, se não acobardem com difficuldades, e tenham a grandeza d'alma de se votarem ao improbo, e desaminador, trabalho de investigações dos monumentos escriptos, que, cobertos de pó e sem ordem, parecem estar amontoados nos Cartorios sómente para d'elles fazer fugir os que não tem bastante dedicação para na vida viver com cada-teres cobertos de toda a hediondez do sepulchro.

A nós, que não temos esse valor, não nos falta todavia animo para louvar e animar os que assim se dedicam a bem servir a sua patria,

Um d'estes serviços fez o Sr. Senna Freitas nesta Memoria, que queremos considerar como parte de uma outra obra acerca da historia do importante Archipelago Açoriano, o qual como cousa nossa, tão pouco se conhece.

A sua Memoria acerca dos Tributos estabelecidos na Ilha de S. Miguel, publicada na Revista Universal, e a Viagem ás Furnas, hoje annunciada, e sobre aqual daremos o nosso juizo, quando publicada, — dão-nos esta esperanza, que muito desejamos ver realisada, e imitada por toda a parte do imperio portuguez.

Mais de metade da Memoria consta de documentos justificativos, copiados dos Archivos tanto insulares como do continente, e remissões a obras estrangeiras e nacionaes tanto antigas como modernas, o que prova no auctor, alem de um trabalho improprio para compulsar taes fontes, um amor de verdade, que muito honra quem toma sobre os hombros a pesada cruz de historiador.

Dizem-o-lo porque o sentimos, estimamos em mais historia assim escripta e documentada, do que reflexões, conceitos, e juizos, que concebidos antes de applicados aos factos, vestem estes da côr que a paixão e cegueira do historiador lhes quer dar, e a que o pomposo e seductor titulo de historia philosophica torna preferidos para aquelles que agradecer a quem lhes tira o trabalho de pensar.

O objecto da Memoria é de sua natureza pouco importante, e o interesse da sua publicação seria mediocre, se não fossem as noticias curiosas, e importantes descobertas de factos, que jaziam sepultadas no esquecimento, e que a acompanham.

Anime-se o auctor da Memoria, e continue dando a conhecer as riquezas, que com tanto trabalho tem colhido, e

d'este modo fará um verdadeiro serviço á historia das nossas cousas, que tão incompleta está por falta de quem se dedique a semelhantes trabalhos.

S. B.

HISTORIA DE PORTUGAL (1).

POR

A. Herculano.

E este o titulo de uma obra que vai começar a publicar-se, e cujo 1.^o volume, comprehendendo a historia politica de quasi um seculo, desde 1097 até 1185, sairá em Janeiro de 1846.

Que haverá que dizer a fim de excitar o acolhimento do publico para com uma obra em cuja frente vem estampado o nome illustre do Sr. A. Herculano?—Quem haverá ali que não tenha conhecido a altura a que se eleva a intelligencia d'este escriptor na difficil averiguação dos pontos obscuros da nossa historia?—a nenhum portuguez que lê é hoje dado o ignera-lo.

Já os nossos leitores viram um fragmento d'esta Historia com que o seu auctor quiz honrar as columnas do nosso jornal (2). Quando o escripto se publicar a Revista Academica ha-de occupar-se largamente d'ella, por ora só queremos felicitar o publico pela proxima publicação de uma obra ja de ha tanto desejada e requerida.

Os Portuguezes vão ter na Historia de Portugal pelo Sr. A. Herculano, uma historia digna dos grandes feitos dos seus antepassados.

Nos seguintes n.^{os} iremos successivamente apresentando juizos criticos sobre algumas obras ultimamente publicadas, e de que tem sido remittidos exemplares a esta Redacção.

(1) No Escriptorio da Redacção da Revista Academica se recebem assignaturas para esta obra.

(2) Vid. Pag. 50, 65, e 84.

**RELATORIO DO CONSELHO SUPERIOR
DE INSTRUÇÃO PUBLICA.**

(Continuado da pag. 245)

A instrução secundaria vai-se alentando com os melhoramentos que podem esperar-se em pouco tempo do desenvolvimento do novo plano d'estudos.

Acham-se definitivamente constituídos no Continente os 5 Lycêos principaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, e Braga. Nas outras capitães de Districto, em que a lei os manda crear, não existem ainda, havendo todavia em todas ellas os seus principaes elementos litterarios.

Obstáculos materiaes que nem sempre é facil remover, teem em grande parte obstado á sua existência. Também não reputa o Conselho esta uma exigencia de primeira necessidade. Para o fim, a que podem conduzir os Lycêos constituídos como actualmente o podem ser, podem reputar-se sufficientes os que se acham constituídos, auxiliados das cadeiras de ensino secundario em exercicio. Quando os ramos de sciencias industriaes possam ser nelles cultivados, quando as classes productoras achem nesse genero d'instrução um poderoso meio de melhorar a sua condição social e a fortuna publica: quando aquelle ensino possa ser dignamente desempenhado por Mestres competentemente habilitados, então virá a oportunidade de multiplicar estabelecimentos d'aquelle genero.

Acresce a estas ponderosas razões a de não haver ainda o regulamento geral, de que actualmente se occupa o Conselho: nem elle é trabalho mui facil de levar ao cabo. O Conselho vai no entanto junctando nas capitães dos Districtos os elementos da sua organização, e preparando os edificios em que hão-de ser collocados.

Completon-se a organização do Lycêo de Braga, foram nomeados os res-

pectivos Reitor e Secretario, e definitivamente instalado o mesmo Lycêo em julho d'este anno. É de todos o Lycêo mais frequentado. Esta circumstancia juncta ao maior numero d'escolas primarias naquelle Districto, e ás tendencias litterarias dos habitantes d'aquelle ponto do Reino, foram sobrado motivo para ser logo nomeado naquelle Districto um Commissario, que fosse vigiando o estado das escholas, e comportamento dos Professores para informar o Conselho das providencias que demandassem o seu progresso e melhoramentos.

Além dos trabalhos de expediente administrativo neste ramo de instrução, o Conselho preparou e submetten á regia approvação o regulamento de habilitações de Professores publicos, e novos programmas d'exames em harmonia com o estudo actual das diversas disciplinas, que nelles se comprehendem.

Foram tambem approvadas e publicadas novas instruçoes para se guiarem os Professores de Grego, e os de Oratoria e Poetica, Historia e Geographia na regencia de suas respectivas cadeiras: e vai o Conselho preparando as de todas as outras disciplinas.

Pelos mappas recebidos até agora na Secretaria do Conselho o numero dos alumnos que frequentaram neste anno lectivo os estudos classicos é de 2:231, faltando ainda o mappa do Lycêo do Porto, e os d'algumas cadeiras annexas a Lycêos; podendo ao todo orçar-se em 3:000 aquelle numero. D'estes houve 344 no Lycêo de Braga; no de Coimbra 266; no de Lisboa 393; em Évora 57. Estudaram lingua Latina 1:715, Rhetorica 60, Logica 331, Geographia 16, Lingua Grega 7, Lingua Franceza 168, Inglesza 49, Allemã 14, Arabica 8. 109 seguiram os cursos da aula do Commercio. Da frequencia nas Ilhas adjacentes ainda o Conselho não alcançou noticias.

A frequencia actual dos Lycêos, mórmente de Lisboa, Porto, e Évora, é tão

insignificante com referencia á população, que desalentára o animo dos que verdadeiramente se empenham no progresso da instrucção; se não foram as esperanças de melhorar o gosto nacional, inspirando o amor das letras pela persuasão da sua utilidade, melhorando o ensino publico pela escolha de bons Professores, e abrindo carreiras d'interesses aos que mostrarem decisivo aproveitamento neste ramo d'instrucção. O Conselho animado de ardentes e sinceros desejos, espera ver realisadas aquellas esperanças pelos seus disvelos e esforços, e a poderosa cooperação dos sabios nacionaes que muito se esmeram na cultura das letras classicas.

A instrucção superior, cujo melhoramento mereceu sempre entre nós a attenção quasi exclusiva dos sabios nacionaes, e solicitude dos nossos Soberanos, vai regularmente acompanhando o progressivo desenvolvimento das sciencias.

A Universidade sempre celebre entre as mais distinctas da Europa, vai sustentando seu antigo esplendor com os escriptos publicados nestes ultimos tempos por seus Professores, e até as admiraveis produções d'alguns distinctos alumnos, que por ali correm impressas. A exacta observancia da lei, o rigor na disciplina, e o methodo de ensino são sobrado motivo da consideração, que merece a nacionaes, e estrangeiros. Raras excepções não podem eclipsar a sua gloria, antes a farão sobresair na comparação da sua physionomia com a d'outras Universidades, que todavia se dizem mais illustradas.

As outras escholas superiores do Continente vão prosperando; e querem como á porfia rivalisar em credito e valor com a eschola principal. Alguns defeitos em organização material, e na parte regulamentar d'estes novos Estabelecimentos tem merecido a mais serria attenção do Conselho, e cura de applicar-lhes o devido remedio, logo que obtenha os esclarecimentos, que con-

Nas Provincias insulares as escholas ditas Medico-Cirurgicas tem corrido até agora sem direcção regular. A falta de regulamentos apropriados, que desenvolvessem a lei da sua creação, tem-nas constituido excentricas á administração litteraria. O Conselho, reconhecendo a urgente necessidade de revestir de caracter litterario aquellas escholas, confiadas até agora á administração, e quasi exclusiva fiscalisação das Comissões administrativas das Misericordias, vai propôr em breve um regulamento geral, que as collocará no logar que de direito lhes toca no quadro da Instrucção publica.

Os progressos nas sciencias, os maravilhosos desenvolvimentos nas suas applicações ás artes, e melhoramentos nos methodos de ensino reclamam um serio exame, e madura revisão da legislação respectiva para accommoda-las ao espirito, e tendencias do seculo. O Conselho, depois de reguladas a instrucção primaria e secundaria, não perderá de vista tão importante objecto.

Algumas medidas regulamentares mais urgentes tem sido propostas ao Governo de Sua Magestade. O curso de habilitação para o Magisterio da Universidade carecia de ser regulado por forma que promettendo mais proveito aos alumnos, e abonação ao juizo das Faculdades, satisfizesse fielmente á disposição da lei. Instrucções especiaes sobre este assumpto estão submettidas á consideração do Governo.

Um regulamento geral para o ensino da Pharmacia, e outro para as escholas de Medicina e Cirurgia ministrantes nas Ilhas adjacentes, occupam actualmente a attenção do Conselho. O numero de trabalhos administrativos, de que este Conselho se tem incessantemente occupado, não tem permitido que outros organicos de reconhecida necessidade se hajam ultimado. Entre entes merece mui especial consideração um regulamento para o regimen economico e litterario da Academia Polytechnica por-

tuense, do qual se achá o Conselho encarregado.

A concorrência aos estudos superiores tem crescido progressivamente, e talvez se possa reputar hoje superior ás necessidades do paiz. Esta excessiva tendência precisa por ventura de ser moderada por mais subido gráu de habilitações, a fim de se aproveitar o talento superior, e desviar as falsas capacidades; evitando ao mesmo tempo o desequilíbrio, sempre desvantajoso, a outros ramos de industria não menos importantes e necessários.

Foi 1:423 o numero dos alumnos que frequentaram as escholas da Universidade, 266 a eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, 79 a do Porto. A Academia Polytechnica portuense teve 140 alumnos, a de Bellas Artes portuense 121. O Conservatorio Real de Lisboa 167 alumnos. A disciplina tem sido mantida em todos estes Estabelecimentos, não obstante a deficiencia de medidas regulamentares em alguns: apenas na eschola Medico-Cirurgica de Lisboa foi preciso recorrer ao meio energico de riscar da matricula alguns insubordinados, que excitaram molins escandalosos contra um dos Professores.

Tal é, Srs. em glebo o estado da instrucção entre nós. Quizera que mais exacto fosse o quadro, que offereço; mas faltam ainda muitos dos elementos estadísticos, que o Conselho esperava receber no fim de setembro, conforme as ordens expedidas. Não é de maravilhoso esta falta, que no espaço d'um anno era difficil, senão impossivel, conseguir a marcha regular d'uma administração complicada, e não affeita a regras fixas, até agora observadas somente na Universidade. Conta o Conselho que de futuro possa ser mais positivo, e exacto.

Sejamos nós todos solícitos em promover a perfeição intellectual, de que principalmente depende a prosperidade publica. Saibamos corresponder á alta

missão que nos foi confiada. A sorte d'este Conselho está hoje alliada a sorte d'esta Universidade. Fecundemos com os nossos trabalhos, o sabio pensamento da lei de 44, e veremos abençoados nossos communs esforços pela posteridade.

UNIVERSIDADE.

(Continuado da Pag. 231.)

III.

Traduções.

Poucos annos se consertou a Universidade em Lisboa depois da sua fundação; por quanto o mesmo Sr. Rei D. Diniz a fez mudar para Coimbra por sua provisão datada de 15 de fevereiro da era de 1309 á qual chamaram estatutos, quando nella se achavam somente privilegios, sendo o motivo, que a isso o moveu, as discordias, que se levantaram entre os estudantes e os moradores da cidade. Para fazer esta mudança pediu o mesmo Rei ao Papa Clemente V a sua approvação, que este lhe concedeu por bulla passada aos 5 das kalendas de março, no 3.º anno do seu Pontificado, que vem a cair no dia 26 de fevereiro de 1308, e na mesma bulla se faz menção das dictas discordias.

E por quanto os Abbades e Prioros, que tinham tomado por sua conta o pagamento dos salarios dos Lentes, e mais despezas da Universidade, o não continuaram, porque se devia de entender, que a promessa, que para isso tinham feito, e se achava confirmada pelo Papa Nicoláo IV, os não obrigava, se não em quanto a Universidade estava em Lisboa, impetrou o mesmo Rei do Papa Clemente V a graça de mandar annexar á Universidade seis Igrejas do seu Padroado real, a qual o Papa lhe concedeu por bulla passada no mesmo dia 26 de fevereiro de 1308, commettendo a execução d'ella ao Arcebispo de Braga, e

ao Bispo de Coimbra, e este a executou unindo á Universidade as Igrejas de Soure e Pombal, ambas do seu bispado. E porque o Mestre da Cavallaria da Ordem de Christo, D. João Lourenço, e o seu Convento representaram a el-rei a grande conveniencia, que lhes tinham estas Igrejas, lhe pediram, que lh'as quizesse largar, tomando elles por sua conta o pagamento dos salarios dos Lentes, e mais despezas da Universidade. El-rei D. Diniz lhes concedeu esta mercê, de que se fez escriptura na Villa de Santarem em 18 de janeiro da era de 1361 (anno de Christo 1323) na qual se declaram os salarios dos Lentes a saber: — ao Mestre das Leis 600 libras — ao de Degretees 500 — ao de Phisica (isto é de Medicina) 200 — ao de Grammatica 200 — ao de Logica 100 — ao de Musica 75 — e aos dous Conservadores 40 a cada um: todas em duas pagas iguaes pelo S. Lucas, e S. João Baptista de cada anno (*).

E por quanto entre os privilegios concedidos por el-rei D. Diniz era um d'elles, que podessem fazer estatutos necessarios para o governo dos estudos, fizeram com effeito alguns, e pediram por mercê ao mesmo rei, que para maior firmeza, e melhor observancia d'elles, lh'os quizesse confirmar. El-rei havendo conselho com letrados, e entendendo, que eram convenientes ao serviço de Deus, ao seu, e ao da Universidade, foi servido confirma-los por carta de 29 de janeiro da era de 1355, (anno de Christo 1317) e além dos muitos privilegios, que lhe tinha concedido, lhe concedeu outros mais por varias cartas, das quaes consta, que as escolhas, e bairro, em que viviam os estudantes em Coimbra, era da porta d'Almedina para cima, mas não se sabe seu logar certo: sómente ha tradição de que, quando el-rei D.

Fernando mudou a Universidade para Lisboa, estava ella, aonde depois se fundou o Collegio de S. Paulo na rua Larga, por nelle se ter visto durante muito tempo depois uma estatua da Sapiencia.

Esta tradição se póde ter hoje por mui veridica, por quanto se acha corroborada, com o que a tal respeito se declara em uma acta, ou assento, que se fez da cerimonia da instalação do dicto Collegio, e entrada dos primeiros Collegiaes (de que por certo não teve conhecimento o auctor do manuscripto, de que extrahimos estas noticias) e que é pela fórma seguinte — «Anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU CHRISTO de mil & quinhentos & sesenta e tres annos Reinando nestes Reinos de Portugal o muy alto & serenissimo Rey dom Sebastião primeiro deste nome Governando em seu nome o estado destes reynos o xcellentissimo principe dom Henrique Cardcal da Santa igreja de Roma do titulo dos santos quatro coroados & ifante de portugal. Aos dous dias do mez de Maio em hum domingo nesta cidade de Coimbra dentro no collegio de S. Paulo que está situado junto dos paços del Rey nosso Sôr. onde ora são as escolas mayores da universidade da dita cidade & no proprio sitio e lugar onde no tempo del Rey dom dinis forão as escolas geraes da universidade da dita cidade que naquello tempo nella estere & depois até agora servio de escolas onde se ensinou grammatica até o tempo que el-Rey Dom João o terceiro de gloriosa memoria transferio a universidade de Lisboa para esta cidade de Coimbra onde agora esta. Na capella do Collegio assima dito onde estava por lente o muito illustre Sôr. Dom Jorge dalmeyda Reytor da dita universidade & com

(*) Tendo a libra, ou *livra*, naquelle tempo, de que estamos tratando, o valor de 36 réis, como se lê na Ordenação Manoelina L. 5.º Tit. 1, em Mancel Severim de Faria Disc. 4.º sobre as moedas de Portugal, e no Elucidario das palavras, termos, e frases da lingua portugueza, é claro,

que por esta computação vinha a ser o salario do Mestre das Leis 21\$600 r.º — o das Degretees ou Canones 18\$000 r.º — o de Phisica ou Medicina 7\$200 r.º — o de Grammatica 7\$200 r.º — o de Logica 3\$600 r.º — o de Musica 2\$700 r.º — e o de cada um dos dous Conservadores 4\$440 r.º

»elle todo o collegio dos doutores della de todas as quatro faculdades &c.»

Nem se pôde duvidar da autenticidade d'este documento, pois que se acha assignado pelo Reitor, que então era da Universidade, o dicto D. Jorge d'Almeida, ao qual foi commettida a execução da provisão datada de 23 d'outubro de 1562, que ordenou a dicta instalação do Collegio, bem como pelos Doctores Affonso do Prado, Lente jubilado na Cadeira de Prima de Theologia, João de Morgovejo, Lente jubilado na Cadeira de Prima de Canones, Pero Barboza, Lente de Vespera de Leis, Thomaz Rodrigues, Lente de Prima de Medicina, todos Deputados do Conselho maior da Universidade, e pelo Secretario do mesmo Conselho e Mestre de cerimónias, Antonio da Silva, que como tal subscreveu o dicto documento.

Tambem se não conservou por muitos annos a Universidade em Coimbra; por quanto reinando já o Sr. D. Affonso IV e determinando no anno de 1338 vir viver nesta Cidade, ordenou que os estudos se mudassem para a de Lisboa. Pediu em consequencia ao Papa Clemente VI que mandasse unir á Universidade os fructos d'algumas Igrejas do seu Padroado real até a quantia de 38000 libras, para serem pagos os salarios dos Lentos da Universidade de Lisboa; graça, que o Papa lhe concedeu por bulla datada de 10 de janeiro de 1345, commettendo a execução d'ella ao Bispo d'Évora, que era D. Affonso, e ao de Lisboa D. Theobaldo, que estava ausente, e a executou sómente o d'Évora na fórma seguinte: — á Igreja de S.^{ta} Maria de Sacavem impoz a obrigação de pagar 650 libras, á de S.^{ta} Maria d'Azambuja 500, á de S.^{ta} Maria de Torres Vedras 800, á de S.^{ta} Maria d'Obidos 750, á de S. Thiago da mesma Villa 300, por sentença dada em 23 de dezembro de 1348, anno que foi de grande peste.

No anno de 1354 já estava outra vez a Universidade em Coimbra como consta de uma carta do mesmo Sr. Rei D.

Affonso IV, pela qual lhe confirma todos os privilegios, que seu paê lhe tinha concedido, e todos os que elle mesmo lhe concedeu assim antes, que ella fosse removida para Lisboa, como estando já alli, e tem esta carta a data de 6 de dezembro da era de 1392 (anno de Christo 1354).

Mas tambem ainda não permaneceu por muito tempo nesta Cidade de Coimbra; por quanto pela carta do Sr. Rei D. Fernando de 3 de junho da era de 1415 (anno de Christo 1377) foi mandada mudar outra vez para Lisboa; esperando, que com esta mudança, florescessem mais as sciencias no seu reino, porque tinha mandado vir de fóra d'elle alguns Mestres, que não queriam ler senão naquella Cidade, onde d'esta vez permaneceu por espaço de 160 annos.

Finalmente foi a Universidade mandada transferir para Coimbra pela ultima vez pelo Sr. Rei D. João III, fazendo-se esta mudança em abril do anno de 1537, e onde tem permanecido sem interrupção por espaço já de 308 annos desde então até o presente, vindo este estabelecimento a ter, segundo o que fica referido, 556 annos d'existencia a contarmos desde a sua fundação em 1289, como é mais provavel, pelo que já dissemos a tal respeito (*).

Nem se pôde duvidar de que esta ultima mudança se effectuou naquelle anno de 1537: 1.^o porque, sendo nomeado D. Garcia d'Almeida para Reitor da Universidade por provisão passada no 1.^o de março d'esse mesmo anno, d'ella se colhe, que o seu governo não havia de ser por muito tempo em Lisboa, declarando-se, que servirá em quanto se não eger Reitor na fórma dos estatutos, ou por sua provisão; 2.^o porque com effeito logo em 9 d'abril seguinte se lavrou em Coimbra o termo de prova de cursos, (expressão a que hoje corresponde a de provar o anno com as habilitações competentes para

(*) Vêja-se pag. 205.

ser o estudante admittido a fazer o seu acto) respectivo a Luiz da Guarda, e lavrado pelo Bedel Nicoláo Lopes, que já exercia este emprego em Lisboa, perante o Dr. Gonçalo Vaz Pinto, Lente de Prima de Leis, que tambem o era estando alli ainda a Universidade, e que neste acto da prova serviu de Vice Reitor: 3.º finalmente, porque, sendo por occasião d'esta mudança despedidos alguns Lentes, e Officiaes, el-rei D. João III lhes mandou dar tenças nas rendas da Universidade proporcionadas aos ordenados, que perdiam, e as provisões d'esta concessão são datadas do mesmo anno de 1537 em que tal mudança se effectuou.

Julgámos dever dar aqui estas razões, em que se fundou o auctor do manuscripto, de que extrahimos estas noticias, para dizer, que a ultima mudança da Universidade de Lisboa para Coimbra teve lugar effectivamente no referido anno de 1537, por havermos deparado na Revista Universal Lisbonense N.º 14 de 25 de setembro do presente anno com o art. 184, no qual se diz — *uma trasladação da Univercidade de Coimbra 1527*, — afim de que os leitores da Revista Academica, que tiverem visto aquelle artigo, não nos possam taxar neste de menos exactidão a tal respeito pela discrepancia no anno.

(Continuar-se-ha.)

ASSOCIAÇÃO BRITANICA

PARA O PROGRESSO DA SCIENCIA.

Reunir as maiores capacidades litterarias contemporaneas em um ponto onde as mais graves questões da Sciencia sejam examinadas, discutidas e julgadas; e reunir a este cabedal de intelligencia os elementos materiaes necessarios para se ensaiarem as numerosas applicações das Sciencias e para

alimentar por todos os angulos do mundo observações constantes e combinadas — é um pensamento grandioso cuja realização começa agora de ter lugar em ponto grande em alguns dos paizes mais civilisados da Europa.

A *Associação Britanica para o progresso da Sciencia* é a mais grandiosa que jámais se formou: quando o pensamento d'ella for realisado ter-se-ha dado o maior passo que nunca deram homens para o melhoramento material e moral da especie humana. Chamam-lhe britanica porque ella foi instituida em Inglaterra, porque os seus membros são pela maior parte inglezes; mas uma associação d'esta ordem não é de nenhuma nação, porque pertence a todas ellas — os seus membros não são escolhidos pela naturalidade senão pela instrucção e pelo engenho.

Em correspondencia com os maiores sabios do mundo, alguns dos quaes deixam os logares da sua residencia para se apresentarem na hora e lugar aprasado e concorrerem com o poderoso auxilio de suas luzes para o incremento da associação e progresso da Sciencia; recebendo as relações de observações feitas em varios pontos do globo, esta associação abrange com a sua mão poderosa o mundo inteiro, e faz esperar d'esta convergencia de luzes e de experiencia, o mais vigoroso impulso que jámais recebeu a humanidade no caminho da verdadeira civilisação.

Foi na Universidade de Cambridge que pela decima quinta vez se reuniu em junho do corrente anno esta associação. O local não podia ser mais bem escolhido: esta universidade no que toca principalmente a Mathematica é a mais celebre da Inglaterra; foi n'ella que Newton bebeu os principios d'esta Sciencia, e é n'ella que hoje occupa um distinctissimo logar o celebre Sir John Herschel: — foi este quem presidiu á reunião.

Em um discurso lido por este astronomo á associação, onde se desenvolve

o grande pensamento que presidiu á instituição d'ella, chama elle a attenção dos sabios sobre a utilidade de se estabelecerem observatorios onde constantemente se façam observações meteorologicas e magneticas por todos os angulos do mundo. — Não bastam os observatorios astronomicos, porque não basta aos homens o conhecimento dos corpos que se revolvem constantemente na immensidade do espaço, o mundo é assumpto igualmente digno de occupar a attenção do sabio, é preciso examina-lo, perscrutar as suas leis, porque dos seus climas e estações, dos movimentos dos ventos e das aguas, dependem a vida e a prosperidade dos povos, porque na falta de observações astronomicas são as leis do seu magnetismo quem nos guia por sobre a vastidão das aguas; e os grandes factos que a figura, magnitude e attração da terra offerecem á contemplação do Mathematico formam a base da mesma Astronomia. — Os problemas gigantescos de meteorologia, de magnetismo e dos movimentos do oceano só podem ser resolvidos por uma mais extensa distribuição geographica de pontos onde se façam observações regulares, e por esforços perseverantes e systematicos para os quaes todas as nações civilizadas se devem julgar na rigorosa obrigação de contribuir com o seu contingente: que todas tem nos resultados um interesse directo (1).

A Revista *Academica* não podia deixar de gravar nas suas columnas estas palavras que deviam achar um echo em todas as corporações scientificas do mundo. Já um Jornal nosso (2) chamou a attenção dos Portuguezes sobre este movimento scientifico em que se agitam as outras nações da Europa: a Revista *Academica* une a sua debil voz á do illustre contemporaneo: — possam as vozes da imprensa excitar os brios

nacionais para que a historia demonstre ás gerações futuras que para o bem que d'esta associação lhes ha-de necessariamente provir tambem contribuiram Portuguezes.

Remataremos dando uma idea do modo porque se acham distribuidos os trabalhos n'esta Associação. Devide-se ella em sete Secções: — á Secção A, presidida pelo Sr. G. B. Airy, pertencem os trabalhos de Mathematica e de Phisica — á Secção B, presidida pelo Professor Cumming, a Chimica incluindo as applicações d'esta Sciencia á Agricultura e ás Artes — á Secção C, presidida pelo Professor Sedwick, Geologia e Geographia Phisica — á Secção D, presidida pelo Professor Henslow, Zoologia e Botanica — á Secção E, presidida pelo Sr. Haviland, Medicina — á Secção F, presidida pelo Earl Fitzwilliam, a Estadística — á Secção G, presidida pelo Sr. Rennie, a Mechanica.

DIVINA AUCTORIDADE DO NOVO TESTAMENTO.

— TRADUCCÃO DO INGLEZ —

Temos á vista a 1.^a parte d'esta obra interessante sobre que apresentaremos o nosso juizo critico acompanhado de uma breve analyse.

Se houveramos de considerar unicamente o merito da traducção, em poucas palavras formulariamos a expressão do nosso pensamento. — Dando ao traductor os emboras pelo bem que se houve no desempenho do seu trabalho, teriamos manifestado, que consideravamos esta traducção como obra muito bem acabada, na qual brilhava com especialidade uma linguagem correcta, desmentida apenas por leves defeitos, que mais supponmos erros typograficos, do que inadvertencias do auctor. Oxa! á que em todas as traducções podessomos encontrar tanto esmero em reprodu-

(1) Discurso do Presidente da Associação.

(2) Revista Universal

zir no idioma patrio os pensamentos alheios, de maneira que logo ás primeiras linhas não recendesse o cheiro de estrangeirismo. Mas devendo dar um juizo sobre o merito intrinseco d'esta obra, producção de *David Bogue*, considerá-la-hemos primeiro quanto ao assumpto e modo porque o auctor o desenvolveu, e faremos depois algumas reflexões sobre certas ideas, as quaes, bem que incontestaveis para um escriptor protestante, entendemos que n'um paiz catholico devem ser indigitadas como perigosas de se não casarem com uma orthodoxia pura.

N'uma introducção começa o A. por estabelecer a necessidade da *revelação*: os seus argumentos bem que não tenham o merito da novidade, cabelhe o da concisão a par do rigor nas deducções. Estabelece o genero de evidencia que nos deve levar a admittir como genuina uma revelação, e mostrando que uma parte dos mais fortes argumentos se tira dos proprios livros, em que se acham registadas as doutrinas reveladas, passa a examinar esses livros, e no primeiro capitulo discorre — sobre a evidencia da divina auctoridade do novo Testamento, que resulta dos principios nelle contidos. — Considera em primeiro logar a magestade dos traços, com que alli está delineado o character de Deus; compara a sublimidade d'este quadro com quanto em seu profundo pensamento haviam imaginado os maiores philosophos e poetas da antiguidade, e conclue que só dirigido desde alto o rude pincel dos pescadores, poderia deixar traçado o retrato do Omnipotente, tão parecido com o que a philosophia, sem o saber, la possuia estampado nos arcanos da razão.

Examina depois o character de *Jesus Christo*, do homem extraordinario, que só as almas rasteiras ousariam comparar com o justo de *Platão*: o filho de *Sophronisca* abençoado o executor, que chorando lhe ministrava a taça da rigude; mas *Jesus Christo na força terrivel da agonia*

roga ao eterno Paee por seus inexoraveis algomez! *David Bogue* no meio do seu arrebatamento pergunta com *Rousseau*: « será possível que um livro tão simples e tão sublime seja meramente obra dos homens? Será possível que o heroe, cuja historia esse livro encerra, fosse simplesmente um homem? . . . Supponhamos que a historia evangelica é uma mera ficção? . . . Neste livro (o Evangelho) ha verdades tão evidentes e inimitaveis, que o inventor devia ter um character mais admiravel do que o mesmo heroe » (1). Estes pensamentos são sublimes, e nós pedimos aos incredulos, que meditem bem nas suas consequências.

Discorre depois o A. sobre a delineação da natureza humana, sobre a doutrina de um mediador e redempção por meio d'elle, e aqui todas as reflexões são profundas, e justas; são um quadro que resume o que melhor se tem pensado a este respeito, e que nunca nos enfadaremos de ver tão clara, e concisamente repetido. O novo Testamento acabou de resolver um grande problema, ante o qual toda a philosophia era sem poder. A philosophia tinha olhado para o homem, e o homem foi um enigma para ella. Era uma visão de ruinas no meio das quaes se via o sceptro embaraçado nos grilhões, a corôa amolgando sob um jugo de ferro, a purpura escondendo andrajos, o monarcha repartindo o throno como o escravo, a força armada do punhal assassino, a infamia caminhando á sombra da honra, a magestade abraçada com a vileza, e a virtude pedindo treguas ao vicio. A philosophia olhava para esta visão, como para um sonho do que delira, porque cansada de meditar no grande mysterio do homem, deixou o problema sem o resolver, e disse chea d'orgulho: o homem é o ser das contradicções. Mas o *Genesis* tinha começado a resolver o problema; e no meio da expectação geral, quando por toda a terra se elevava um bra-

(1) Rous. Emil.

do unisono, que apregoava a chegada de um mediador, nas montanhas da *Judea* foi ouvido o écho de uma voz, que respondia a esse brado — sou eu — O problema estava resolvido; a obra mais sublime do sexto dia não permanecia tal qual saíra das mãos do Creador; empanada pelo halito empestado de serpente maldicta, havia-se obscurecido a aureola de luz, que lhe brilhava na frente. Em vão procurava a philosophia encontrar o homem no mesmo homem: o par desterrado do Eden já não era o par ditoso, que sobre berço de flores dormira o somno da innocencia; era um par criminoso, que terminava os afagos do amor com as exprobrações do remorso.

Mas esse ente, em cujo seio Deus tinha soprado a sede insaciavel de felicidade, havia de ficar eternamente morrendo d'essa sede? Ou havia a justiça de um Deus de ceder á commiserção, como um fraco sentimento humano? Não ficará morrendo eternamente d'essa sede, disse o Filho de Deus: a Justiça eterna demanda uma expiação da culpa, será um Deus a victima, que se offerece voluntaria ao sacrificio por todo o genero humano. E que respondeu a razão do homem, quando ouviu esta voz? Ou sincera e humilde adorou a profundidade da sabedoria divina, e confessou a propria fraqueza, ou orgulhosa e pertinaz disse — não creio — e fechando os olhos á luz da Revelação, se precipitou nos abysmos da incerteza.

Continua depois o A. examinando os preceitos moraes do Evangelho, os motivos por elle propostos, e como no Novo Testamento se representa uma vida futura. Comparando com a doutrina do Evangelho quanto a este respeito foi escripto pelos mais sabios legisladores, ou moralistas da antiguidade, quanto puderam imaginar os fundadores de todas as falsas seitas religiosas, conclue o A. que só homens inspirados por Deus podiam formar um systema de moral tão admiravel como o do Christianismo.

Onde ireis encontrar philosopho não christão, que recomendasse á mão direita fazer boas obras sem o saber a esquerda, e que pudesse resistir ao — pulchrum digito monstrari: *hic est?*

Na ultima parte d'este capitulo que analysamos, considera o A. os caracteres, que o Novo Testamento deve formar, e a felicidade que dali resulta. Aqui todos os pensamentos do que os philosophos chamaram philantropia, e os christãos caridade, são sublimes. Quizeramos de bom grado poder copiar tudo o que lemos neste escrito a semelhante respeito; ali não falla o Inglez orgulhoso da sua nação, falla o Christão que é cidadão de todo o mundo...

— «Sejam todos os membros de uma familia animados por estes sentimentos;» (os do Evangelho) essa familia torne-se a habitação do amore da alegria... «Oh se a Europa fôra povoada por homens d'este caracter! Pleitearam todos a preferencia de pôr um fim á guerra, e ter a honra de solicitar a reconciliação. A paz fôra feita facilmente, porque a soberba, a avaresa, a ambição, a vingança, o amor de gloria, e a mania de dominar não tivera nenhum voto no congresso. . . Não mais possuidos do maligno demonio, falsamente chamado patriotismo, que ensina e instiga os homens buscar a exaltação do seu paiz sobre as ruinas dos outros, achariam ser devido e aprazivel promover a felicidade e prosperidade de todos outros. Em vez de se amaldiçoarem, como d'antes, abençoaram-se as nações umas ás outras; e segundo o espirito do Evangelho, amariam um paiz vizinho, como a mesma patria.

No segundo capitulo discorre o A. sobre a evidencia da divina auctoridade do novo Testamento, que resulta de considerações suggeridas pelo seu contendo. Estas considerações, que são como uns corollarios das doutrinas do primeiro capitulo, nos fazem convencer, de que o novo Testamento aperfeiçoa o espirito mais que qualquer outro livro;

não contem senão principios de eterna verdade, oppoem-se directamente ás maximas depravadas dos homens, vai adiante de todo o progresso da civilização, e completo em tudo quanto possa desejar-se em assumpto de Religião, dirigindo-se aos homens como nunca o fizera obra d'homem algum, abraça em seu systema de governo divino o presente, o passado, e o futuro. É o deposito sagrado de todos os principios de uma Religião, cuja divindade atestam as proprias tendencias do mundo moral, porque o alvo d'essas tendencias é a felicidade do homem, a qual sem religião não pode nunca existir; e de todas as religiões nenhuma senão a Christã é capaz de a completar. Os Apostolos tinham tão gravados no coração todos estes principios, que depois de largos annos de peregrinações, sem se communicarem uns com outros, fizeram ressoar de todos os angulos do mundo sempre as mesmas verdades, quer prégando aos povos, quer escrevendo para os pastores, ou para as gerações futuras.

Tal é em resumo a obra de *David Bogue*; e depois do que dissemos escusado é recomendar a sua leitura: mas com a mesma franqueza, com que lhe demos os louvores, os quaes em nosso entender lhe eram devidos tambem lhe notaremos os defeitos, com que deparámos pelo decurso da leitura. Fallo-hiamos, fosse qual fosse o assumpto, só pelo dever de critico, nem de outro modo entendemos a critica litteraria; mas no presente caso fazemo-lo por um

dever ainda mais sagrado — o do Christiano Catholico, que não renegou da crença de seus paes —

Ha tres seculos, que os Protestantes não cessam de arguir os Catholicos por sustentarem, que a Igreja universal é o unico juiz infallivel na interpretação das santas escripturas. «É um circulo vicioso, dizem elles, sustentar pelas escripturas, que a igreja é o unico interprete infallivel das mesmas escripturas.» Não tem razão. As provas da infallibilidade da Igreja tiram-se não só dos livros sagrados, mas tambem da necessaria dispensação divina, que a Sociedade Christã havia mister. A Igreja catholica não nega, nem podia negar a intelligencia aos que leem a Biblia; nega porém que ás sagradas palavras possa dar-se um sentido contrario á tradição, ás decisões da mesma Igreja, ou ao commum sentir dos seus DD.

(1) Rejeita o *espirito privado*, como fonte de funestos erros, e ninguém menos que os Protestantes devia negar-lhe razão. Quem podera, mesmo em theoria, sustentar que qualquer homem só com as luzes da sua razão pura, isto é, não cultivada, deva julgar-se habilitado para entender livros escriptos em linguagem, seculos, e paizes, cuja indole e caracter nem ao menos elle se acha em estado de imaginar? (2) Mas sobre tudo ahí está o testemunho irrevogavel dos factos; ahí estão os *Socinimos*, ahí está o celebre *Strauss* (3), que em nossos dias se levantam no meio dos Protestantes, e lhes dizem bem alto — nós somos

(1) Tal é a disposição do Concilio geral de Constantinopla em 553, e a do Tridentino sessão 4.^a em conformidade com a Epistola 2. de S. Pedro. cap. 1. vers. 20. Os mesmos Protestantes pagaram já por vezes tributo a esta verdade, quando usaram de medidas repressivas contra os entusiastas da liberdade de interpretar. Tal foi entre outras um acto do Parlamento Britanico em 1543. Vid. *Hume Histoir, de la maison de Tudor* tom. 2 pag. 426; *L'Esprit du Clerge*, n. 37. *Moshcim* tom. 2. part. 2. cap. 1 § 27.

(2) Quando o A. diz a pag'as 95, que em todos os Commentadores Christãos se notam erros, não reconhece elle implicitamente um juiz, que julga d'esses erros? E se o juiz tambem for sujeito

a errar, quem o hade julgar senão um Tribunal infallivel? Esse Tribunal crêmos ser aquelle a quem disse Christo—Ego vobiscum sum usque in consummationem saeculi.

(3) Strauss foi um digno apologeta da supremacia da razão: a livre interpretação da Biblia levou-o a negar nada menos que a verdade do Christianismo, negando a divindade ao Auctor d'elle. Sabemos que entre nós tem sido o seu livro procurado com avidéz; desejaríamos que ninguém o lesse sem estar munido da excellente obra—*Vida de Jesus Christo*—por Neander 4.^a ed. de Hamburgo em 1839, ou as do mesmo titulo, nma por *Arabe*, Hamburgo 1839 outra por *Kuhn*, Mayença, 1838, e *Stoberg*, edic. cheap.

a legitima vergonça da arvore, que plantaram Calvino e Lutero; somos o germin da semente, que vós lançastes sobre as terras septentrionaes da Europa.

A doutrina pois da infallibilidade da Igreja não é uma nova interpretação da Biblia para sophismar a controversia; é uma tradição de 18 seculos, em que não pôde haver *petição de principio*.

Todavia os Protestantés insistem em querer que todo o homem lea e interprete a Biblia, e julgue da sua *divina auctoridade*, e por isso, quando *David Bogue* se dirige aos Deistas, e analisa as doutrinas do Novo Testamento, interpretando-as conforme o sentir da Igreja Universal, faz uma cousa boa; mas quando elle diz (1)— «em quanto não lerdos, e entenderdes o Novo Testamento, d'esses nomes (Christão ou Deista) não vos resultará nenhum louvor, senão desdouro» — deixaremos nós de reconhecer nestas palavras a influencia de um falso principio? Poderão ellas ser uma consequencia das doutrinas dos Protestantés; não o averiguamos: se o são, não é necessario outra prova da falsidade d'essas doutrinas. Que seria a Religião d'aquelle, perante quem são iguaes o monarcha e o escravo, se do titulo de Christão apenas fossem dignos os aristocratas da sciencia? Noventa e nove centesimos pelo menos do genero humano ficavam condemnados ou a viver sem Religião, ou a usar de um titulo, de que lhe não resultava senão desdouro! A mesma idea domina desde o 2.º §. da introduccão, e d'entre bons pensamentos é necessario extrema-la. Diremos uma vez por todas: a Igreja catholica não exige, que seus filhos tenham todos a sciencia que se requer para saber ler, e entender os seus livros; a catechese supprime o estudo talvez de uma vida inteira, que era necessario para adquirir essa sciencia. É por isso que a catechese tem sido recommendada por todos os concilios,

nem nos principios do Christianismo havia outros meios de instruir os neophytos, embora *Mosheim*, e em geral os Protestantés pertendam sustentar o contrario.

Tambem por igual razão nos oppomos ao pensamento do A. que consiste em dar o Evangelho a ler a um Deista antes de lhe apresentar as provas do Christianismo (2). Servir-nos-hemos da mesma comparação do homem nascido e crescido nos subterraneos de *Herculanum*; se esse homem viesse de repente presenciar o brilho do astro do dia, seus olhos affeitos ás trevas não poderiam supportar um resplendor tão grande.

Para convencermos o incredulo, é necessario que saibamos dar-lhe uma certa educação. Se a um athen fallasseis em mysterios, perdido era todo o trabalho: obrigae-o a ir ao intimo do seu coração descortinar aquella fé innata, elle lá ha-de encontrar a imagem de um Deus infinitamente bom, que não podia crear o homem tão mau como o representa a historia de quarenta seculos; indicae-lhe então uma primeira culpa, e elle da infinita bondade de Deus ha-de inferir a necessidade de uma Redempção, e Revelação. Não é necessario depois senão comparar-lhe as doutrinas de todas as differentes religiões, e dizer-lhe quaes os pontos mais dignos de notar-se no Evangelho; se elle não for Christão já, quando começar a le-los, invocae em seu favor o auxilio da graça; que só d'essa poderá depender uma completa conversão.

Na pagina 67, onde se diz— «alem d'isto patentea-se-nos o mundo eterno» — desejaramos, que houvesse mais clareza, porque esta expressão interpretada com rigor seria um absurdo, de que não supomos capaz o A, embora seja a traducção, como verificamos, inteiramente fiel. Se era do dogma da vida eterna que o A. queria fallar, confessamos que o não sabemos; em todo o caso

(1) Vid. pag. 5. da Traducção.

(2) Vid. pag. 49 e 20.